

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Giovana Giacomini Brendler

**O SUJEITO-PROFESSOR E AS TECNOLOGIAS NA CONTEMPORANEIDADE**

Santa Cruz do Sul  
2012

Giovana Giacomini Brendler

**O SUJEITO-PROFESSOR E AS TECNOLOGIAS NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Identidade e Diferença na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva

Santa Cruz do Sul

2012

Giovana Giacomini Brendler

## **O SUJEITO-PROFESSOR E AS TECNOLOGIAS NA CONTEMPORANEIDADE**

Essa dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Área de concentração em Educação, Linha de Pesquisa Identidade e Diferença na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

*Dr. Mozart Linhares da Silva*

Professor Orientador - UNISC

*Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira*

Professora examinadora - UFSM

*Dra. Betina Hillesheim*

Professora examinadora - UNISC

Santa Cruz do Sul

2012

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família!

Mãe e pai, obrigada por fazerem dos meus desejos sonhos realizáveis.

Dé e Lucas, obrigada por administrarem o tempo e o silêncio do qual eu precisava.

Rodrigo meu companheiro amado, obrigada pelas palavras de força, pelo carinho e amor que me acolhe a cada tentativa de tristeza.

Aos familiares que me acompanharam, muito obrigada pelas palavras de conforto e ânimo, foram muito importantes.

Agradeço as minhas amigadas!

Fê, obrigada pelas inúmeras risadas, pelos sorrisos, pelas palavras, pelas lágrimas, pelas ideias, pelos estudos, pelas alegrias. Amiga, obrigada por tudo, principalmente por mostrar que podemos viver cada dia como se fosse o último, intenso, mas, feliz.

Jú, obrigada pelo ombro amigo, pela parceria, pelos conselhos, pela leitura, pela sinceridade, pelas horas de conversas e gargalhadas. Amiga, obrigada por tornar meus dias mais felizes.

As amigas e amigos que torceram por mim, muito obrigada.

Agradeço aos professores!

Prof. Cláudio, obrigada pelas conversas que possibilitaram o meu lugar neste espaço da Identidade e diferença na educação. Obrigada pela companhia e horas de estudos.

Prof<sup>a</sup>. Adriana, obrigada pelas palavras de conforto, pelas oportunidades de encontros, pelas risadas, pelos estudos. Obrigada por compartilhar experiências.

Prof<sup>a</sup>. Betina, obrigada pela paciência, pela oportunidade, pela atenção, pelo carinho. Obrigada por contribuir e fazer parte novamente de minhas escritas.

Prof<sup>a</sup>. Valeska, obrigada pela compreensão, pela disposição, pelo entusiasmo, pelas sugestões, pela alegria. Obrigada por me receber. Obrigada por aceitar estar presente mais uma vez na minha história.

Prof. Mozart, meu orientador, obrigada pelas horas dedicadas a mim, obrigada pelas explicações, pelas conversas, pelas orientações, obrigada pelas oportunidades de aprender a aprender, obrigada pelo carinho e pela compreensão. Obrigada!

Aqueles professores (as) que eu tive o prazer de conhecer e compartilhar ideias, muito obrigada.

Por último, não menos importante, agradeço a Deus por ter a felicidade de ter todos em minha vida! Terei todos sempre em meu coração!

**“H**á momentos na vida em que é importante decidir se continuamos ou desistimos, se ficamos ou partimos. Se partimos do bairro, da cidade, do país, da casa, do trabalho, das amizades, ou do casamento, entre outras tantas relações. Momentos de encruzilhada, difíceis, angustiantes, dolorosos, em que pesam todas as minuciosas avaliações, os infundáveis balanços, as desoladas comparações entre o que fizemos ou deixamos de lado. Contudo, se decidirmos ficar, convém que a opção seja clara e verdadeira, para que se possa viver com alegria e com humor, pois rir é fundamental”  
(Margareth Rago – Dizer sim à existência).

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado apresenta um estudo sobre a constituição do sujeito-professor em meio às tecnologias da informação e comunicação no mundo contemporâneo. Também considerado na perspectiva Foucaultiana-Deleuziana da sociedade de controle. O estudo problematiza como as novas tecnologias da informação e comunicação implicam na constituição do sujeito-professor na sociedade contemporânea, tendo como objetivo mais amplo analisar os efeitos do saber-poder docente na contemporaneidade. Para tanto, optou-se pela metodologia da análise do discurso apoiado na perspectiva dos estudos foucaultianos, realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas com 28 docentes, sendo eles de escolas públicas, particulares e militares de Santa Maria e região - Rio Grande do Sul. A dissertação foi estruturada a partir de três capítulos: I- Educação e modernidade: constituição do sujeito docente, II- Sociedade de controle, tecnologia e educação e o III- Construindo e reconstruindo a pesquisa: análises, discussões e novos traçados. Olhar para as análises significou compreender como os sujeitos-professores em meio às tecnologias constituem-se com as novas formas de obter informação e conhecimento, que descentram o saber e o poder docente e deslocam a escola enquanto espaço privilegiado desse saber-poder. Nesse sentido, problematizam-se as verdades instituídas e legitimadas por discursos que perpassam e constituem novas posições de sujeitos-professores frente às tecnologias no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: sujeito-professor, tecnologias da informação e comunicação, saber-poder docente.

## ABSTRACT

This paper presents a study on the constitution of the subject-teacher regarding the technologies of information and communication in the contemporary world and in the Foucaultian-Deleuzian perspective of the society of control. The study discusses how the technologies of the new information and communication involve the constitution of the subject-teacher in the contemporary society aiming to examine the broader effects on the knowledge-power in contemporary teaching. The methodology used was the analysis of discourse from the perspective of studies supported by Foucault and carried out through semi-structured interviews with 28 teachers from public, private and military schools from Santa Maria and region - Rio Grande do Sul. The dissertation was structured on three chapters: I- Education and modernity: the constitution of the subject teacher; II- Society of control, technology and education; and III-Building and rebuilding the research: analysis, discussion and new routes. The study allowed us to understand how the subject-teachers are constituted regarding the technologies and new ways to obtain information and knowledge decentralizing power-knowledge of the teacher and moving school as the privileged space of this knowledge-power. In this sense, the study discusses the truths established and legitimized by discourses that underlie and constitute new subject-positions of teachers against the technology in the contemporary world.

Keywords: subject-teacher, technologies of information and communication, knowledge-power.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO E MODERNIDADE: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO</b>	
<b>DOCENTE .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 A escola moderna disciplinar.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 A escola normalizadora dos sujeitos.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II - SOCIEDADE DE CONTROLE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>32</b>
<b>2.1 Saber-poder na sociedade de controle .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 Informação, conhecimento e as tecnologias.....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO III - CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A PESQUISA: ANÁLISES, DISCUSSÕES E NOVOS TRAÇADOS.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 Percurso metodológico .....</b>	<b>50</b>
<b>3.2 Discursos que constituem sujeitos.....</b>	<b>53</b>
<b>3.3 Sujeitos do discurso .....</b>	<b>56</b>
<b>NOVOS OLHARES PARA NOVOS CAMINHOS .....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXO A: Entrevistas respondidas por <i>e-mail</i>. .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO B: Entrevistas gravadas e transcritas.....</b>	<b>108</b>



## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa começou a ser pensada a partir de inquietações em relação às tecnologias no campo educacional. Diante de conversas, leituras, dúvidas, e estudos levantados acerca das novas tecnologias da informação e comunicação na educação<sup>1</sup> permitiu-se ampliar os questionamentos quanto às implicações desse movimento tecnológico que agora compõem o cenário escolar. Nesse sentido, pode-se refletir como as novas tecnologias da informação e comunicação constituem e produzem efeitos no comportamento, no conhecimento e na aprendizagem em um ambiente educacional.

A partir disso, deve-se dizer que os estudos delineados na linha de pesquisa “Identidade e diferença na educação”, do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul, contribuíram para fomentar questionamentos, refletir, discutir e problematizar as novas tecnologias da informação e comunicação na contemporaneidade. Desta forma, analisando os vários temas que permeiam os estudos sobre as tecnologias no campo educacional, delimitou-se como pesquisa o estudo do sujeito-professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação.

Esse questionamento compreende em como o sujeito-professor está sendo constituído, subjetivado pela tecnologia e o que isso implica ou não no saber e no poder do professor. Ademais, pressupondo-se que as novas tecnologias da informação e comunicação deslocam o saber e o poder docente em relação à informação e conhecimento, a qual vem a desestabilizar a escola e o discurso docente estruturante na educação moderna.

As novas tecnologias da informação e comunicação abrem as portas para o mundo da informação dispersa, conduzem a um espaço virtual que diminui as distâncias. O tempo se torna cada vez mais fragmentado pela velocidade de informações e conhecimentos.

As tecnologias integram-se à vida cotidiana dos sujeitos sociais que estão envolvidos pela tecnologia digital, a qual oferece comodidade e praticidade, facilitando assim o contato com o mundo através da rede (*Internet*). Dentro do ambiente escolar a tecnologia digital já faz parte do dia a dia dos alunos que, conectados em redes, veem possibilidades de ampliar seus conhecimentos, transpondo as paredes da sala de aula, bibliotecas e dos muros da escola. A busca por informações e conhecimentos faz com que os sujeitos alunos ultrapassem as

---

<sup>1</sup> Novas tecnologias da informação e comunicação são identificadas como nova a partir da entrada dos computadores e das redes virtuais, *Internet*. A partir desse momento quando referido a tecnologias da informação e comunicação ou apenas tecnologia será no conceito de novas.

barreiras da escola e, desse modo, passem a questionar a autoridade da razão e da ciência que legitimam um discurso disciplinar. As questões que circulam diante das novas tecnologias de informação e comunicação na educação, em relação a professores e alunos, dentro de uma estrutura escolar com o discurso moderno, são postas em cheque em se tratando de uma escola moderna na contemporaneidade.

As informações são de fácil acesso para todos aqueles que dispuserem de um computador conectado a *Internet*. Atualmente, as tecnologias já estão ligadas ao sujeito, elas se incorporam de tal maneira que muitos não conseguem viver sem elas. As escolas já estão equipadas com alguns aparatos tecnológicos, no entanto esses recursos não limitam as informações, que estão agora em todos os lugares: em casa, no trabalho, nos *shoppings* e nas mãos dos sujeitos. Hoje, as redes sem fio de *Internet*, chamadas de redes *wireless*, *wifi*, permitem o acesso ilimitado. A inovação tecnológica compõe um *mix* variado de acessórios que possibilitam a entrada nessas redes, por exemplo, os telefones celulares *smartphones*. Essa forma de acesso entra no espaço escolar e, por isso, não depende mais de um computador.

A escola nesse contexto tem um desafio, levando em consideração as novas tecnologias da informação e comunicação: o tempo é cada vez expandido e o espaço é cada vez mais aberto, ambos não se fecham, são ilimitados, circulantes, não dependem de uma sala de aula, ou de livros em estantes. A velocidade com que as informações atravessam e se propagam entre os alunos possibilita novos arranjos e estratégias de conhecimento para além da figura do professor, até então considerado como lócus do saber. Neste sentido, o que se considera neste estudo, porém, é outra forma de construção docente em uma sociedade que a informação e o conhecimento não são mais centralizados na figura do professor, mas, ao contrário, possibilitam inúmeras possibilidades de encontro de informações e conhecimentos.

O descentramento do sujeito-professor desse lócus do saber permite questionar e problematizar a legitimidade acerca do discurso docente, bem como seus novos limites e suas novas possibilidades de constituições de verdades do nosso tempo. Neste contexto, questões são levantadas sobre os vários posicionamentos que o professor assume na sociedade do conhecimento, bem como no deslocamento da escola como espaço de transmissão do conhecimento frente às tecnologias de informação e comunicação que permitem a descentração da informação.

As novas tecnologias, ao fragmentarem o acesso à informação e disponibilizarem outras formas de construção do conhecimento, que não a comumente instituída pela escola, colocaram em crise a autoridade do saber e do poder docente? Como o sujeito-professor

entende seu lugar na sociedade contemporânea? Há uma desautorização do discurso docente frente ao conhecimento?

Para tanto, questiona-se como a escola, juntamente com os professores, articula-se para que as tecnologias como um todo não se transformem apenas em “ferramentas” de ensino, empoeirando as máquinas e o aprendizado do aluno. Assim, o problema se constitui em: Como as novas tecnologias da informação e comunicação implicam na constituição do sujeito-professor na sociedade contemporânea?

A relação entre novas tecnologias da informação e educação é tratada, comumente, a partir da problemática da instrumentalização dessas tecnologias no ambiente escolar. No entanto, essa pesquisa procura tencionar outras relações implicadas às novas tecnologias nas sociedades contemporâneas, ou seja, a descentração do sujeito professor, afastando-se de como ele é objetivado pela educação moderna.

A legitimação do discurso docente na modernidade foi resultado da centralização do conhecimento no espaço escolar, responsável pela transmissão dos saberes legítimos e “verdadeiros” de acordo com o conhecimento científico e com os valores considerados eticamente centrados. Justificados para manutenção e o bom funcionamento das instituições sociais.

As novas tecnologias da informação e comunicação colocam em prova a legitimação não só do espaço escolar como vetor unívoco do conhecimento, mas também a legitimidade do discurso docente moderno, pois possibilita outras formas de aquisição de informação e geração de conhecimento que contornam a escola como centro de saber. A legitimidade do discurso docente nesse processo é questionada, uma vez que implica na problematização da própria constituição docente no mundo contemporâneo.

Observa-se discursos nos quais o professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e, mais recentemente, o facilitador do processo de aprendizagem, sendo assim, nessas designações fica evidente uma mudança significativa do “papel” do professor. Assim, ao propor a análise das condições de legitimação do discurso docente, não se considera, para fins de análise, a relação entre escola-equipamento-habilidade de alunos e professores em manusear as máquinas e *softwares*, mas sim coloca-se em questão a legitimação e a validade do saber docente bem como as novas formas de constituição desse docente frente às novas tecnologias.

Essa dissertação foi estruturada a partir de três capítulos a fim de organizar o estudo. O primeiro capítulo “Educação e modernidade: constituição do sujeito docente” caracteriza a figura do professor num espaço disciplinador, situando-o no deslocamento da sociedade de

soberania a uma sociedade disciplinar. Ainda no capítulo I, são discutidas e problematizadas as formas de organização do ambiente escolar, mais especificamente questões sobre o tempo e o espaço constituídos numa ordem fechada, visando o disciplinamento dos sujeitos-alunos por meio da constante vigilância. Além disso, problematizam-se as formas de regulação de condutas e comportamentos que sustentam uma sociedade disciplinar baseada na ordem, no governo, na normatização e normalização do corpo. Para tanto, os estudos de Michel Foucault e seus debatedores ajudaram a pensar a forma pela qual a sociedade disciplinar moderna se constituiu de maneira a conduzir os sujeitos da educação, professores e alunos. A educação moderna, como é conhecida, surge no conjunto das instituições de Estado criadas durante os séculos XVIII e XIX, no contexto da modernidade ou, como sugere Michel Foucault, da sociedade disciplinar. Por isso, neste capítulo, entender a instituição educacional implica analisar sua institucionalização nesse contexto, chamando a atenção sobre como se tornou fundamental na formação dos novos atores sociais.

No segundo capítulo “Sociedade de controle, tecnologia e educação” são expostas algumas concepções acerca da sociedade moderna disciplinar para uma sociedade de controle que se modifica com a entrada das tecnologias e incorpora outro sentido a escola, ou seja, constitui-se com as novas tecnologias um possível tencionamento do saber docente com a mudança tecnológica, gerando um descompasso nas relações de conhecimento e ao acesso às informações. Nesse sentido, pressupõe-se que a autoridade do discurso docente em relação ao conhecimento se desestabiliza tornando o ambiente escolar um campo de incertezas. O professor, uma vez detentor do saber, atualmente com as tecnologias da informação e comunicação, descentraliza estabelecendo um saber na qual coloca em cheque a legitimidade do saber docente. Desta maneira, uma sociedade de informações, cada vez mais (auto)controlada, em tempos cada vez mais velozes e espaços dispersos, compõe um novo cenário escolar em uma sociedade também chamada de controle. Assim, uma sociedade caracterizada pelo acesso ilimitado de informações obtidas não mais *a priori* da escola, mas por outros meios tecnológicos, permite pensarmos as maneiras que o sujeito docente contemporâneo está sendo constituído diante das mudanças sociais.

O terceiro capítulo “Construindo e reconstruindo a pesquisa: análises, discussões e novos traçados” aborda-se como a pesquisa foi realizada, os sujeitos da pesquisa, as entrevistas e conversas que deram vida a essas escritas. A forma como conduziu-se as entrevistas e como foram analisadas são problematizadas durante este capítulo com o intuito não de fechar a discussão, mas, ao contrário, de abrir portas para que se possa em conjunto pensar questões que emergem do meio escolar na vida docente e que se misturam em um

modelo escolar baseado numa sociedade disciplinar moderna a qual não comporta mais a geração digital dos sujeitos-alunos. Neste capítulo, destacam-se algumas considerações sobre a constituição do professor na contemporaneidade em meio às tecnologias utilizando a análise de discurso em Michel Foucault. Os conceitos relacionados à teoria foucaultiana do discurso como enunciado, práticas discursivas, efeitos discursivos, sujeitos discursivos, oferecem elementos para a discussão proposta nesse capítulo.

Por fim, trata-se das considerações diante das percepções quanto à pesquisa. Discussões, problematizações e novos olhares permitirão levar a outros caminhos possíveis. Serão novas possibilidades de pensar, questionar, problematizar o assunto proposto.

# CAPÍTULO

## I

### **EDUCAÇÃO E MODERNIDADE: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DOCENTE**

Para pensarmos a educação como uma das instituições estratégicas da modernidade, lançamos mão de alguns conceitos de Michel Foucault, os quais nos permitiram constituir a chamada “caixa de ferramentas” conceituais a partir da qual podemos nos posicionar. Interessa-nos, nessa análise, o processo de constituição do sujeito moderno, bem como a arquitetura das relações de saber-poder que articularam a mecânica de formação do sujeito. Para tanto, conceitos como saber-poder, governo, normalidade e normalização são fundamentais, pois nos permitem entender como, no contexto da modernidade, a educação funcionou, dentro da perspectiva da economia política, como objetivadora dos sujeitos modernos.

Michel Foucault entende a modernidade a partir de uma divisão particular. Para ele a modernidade está contextualizada no final do século XVIII em diante. O período que compreende o que tradicionalmente entendemos por Período Moderno, iniciado no século XV, Foucault refere-se como época clássica. Tal divisão histórica é importante de ser compreendida, pois ela assinala uma periodização estratégica, uma vez que o autor compreende os séculos XV ao XVIII como a época da sociedade de soberania, contexto marcado pelo absolutismo monárquico, cujo papel do monarca, do rei, é central para o entendimento da estrutura social do período. Conforme Foucault, o final do século XVIII para o XIX marca o deslocamento da sociedade de soberania para uma sociedade disciplinar, onde o estado se desloca da figura do rei para ser governamentalizado por uma razão de estado cada vez mais calcada nas formas de governo da população que, vale notar, é cada vez mais importante no arranjo político das sociedades burguesas.

#### **1.1 A escola moderna disciplinar**

A disciplina pode ser considerada o eixo a partir do qual os sujeitos modernos são forjados, não mais por uma lógica da soberania, calcada na vontade do rei, mas na lógica do

governo, ou melhor, da institucionalização de uma sociedade que é organizada cada vez mais sob a dinâmica do saber metódico, da economia e da educação. A disciplina é a matriz de uma economia política a qual permite regular e adestrar, mas, sobretudo, produzir sujeitos aptos a maximizar sua força produtiva e minimizar sua capacidade de revolta. Através da disciplina o sujeito moderno tem seu corpo produzido e marcado por uma plasticidade do poder que o torna submisso e exercitado, produtivo e dócil. (FOUCAULT, 2009). Para o entendimento dessa dinâmica da sociedade moderna/disciplinar, lançamos mão de um exemplo célebre analisado por Foucault na obra *Vigiar e Punir*. Tomamos, então, o Panóptico, idealização de Jeremy Bentham, como a metáfora dessa sociedade disciplinar. O Panóptico se constitui como um dispositivo disciplinar “perfeito”, pois nos permite compreender a estrutura que organizará a materialidade do poder nas instituições de estado.

Para visualizarmos esse modelo arquitetural da disciplina cabe observarmos como se sintetiza o modelo de Bentham:

Era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, havia, segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando sua loucura, etc. Na torre central havia um vigilante. Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; não havia nela nenhum ponto de sombra e, por conseguinte, tudo o que fazia o indivíduo estava exposto ao olhar de um vigilante que observava através de venezianas, de postigos semi-cerrados de modo a poder ver tudo sem que ninguém ao contrário pudesse vê-lo (MILLER, 2008, p. 89).



**Figura 1 – Panóptico de Jeremy Bentham.**

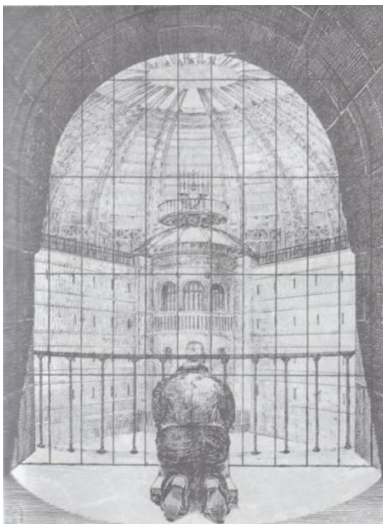
Através do modelo Panóptico de Jeremy Bentham, Foucault traz todo um pensamento relacionado à forma como as prisões e suas estruturas conduzirão o corpo do indivíduo, sua moral, sua conduta. Portanto, traz em sua forma arquitetural um dispositivo disciplinar como uma instituição disciplinar “universal” que se utiliza de técnicas para assegurar a ordenação

das multiplicidades humanas e relaciona todas as outras instituições que seguem a ortopedia: escolas, hospitais, fábricas e hospícios. Assim a escola passa a ser um dispositivo disciplinar capaz de constituir os sujeitos, moldando, classificando, ordenando em uma norma que compõe a sociedade.

A escola moderna está baseada nos princípios de disciplina, correção, controle, vigilância, de modificar o comportamento, treinar e retreinar os indivíduos, um saber e um poder que giram em torno de uma norma, do que é normal e anormal, do que é certo e errado, do que se deve ou não se deve fazer. Neste sentido de controle e regulação, a sociedade disciplinar baseada no panoptismo, tem a disciplina como um mecanismo. Essa disciplina-mecanismo é como:

um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir. [...] a formação do que se poderia chamar a grosso modo a sociedade disciplinar. (FOUCAULT, 2009, p.198).

Se relacionarmos o dispositivo Panóptico com a escola, podemos visualizar claramente a organização do espaço, especificamente das salas de aulas, em que a torre central passa a ser o professor, o que vigia e tem a visão e o controle pleno. Assim como as celas da prisão, a organização das classes em fileiras passa a dividir o espaço de cada indivíduo, que individualizados tornam o controle ainda mais eficaz e preciso, pois a qualquer movimento do professor, sendo a torre, o vigia, pode controlar.



**Figura 2 – Visão da cela do panóptico.**



**Figura 3 – Visão da classe da sala de aula.**

Essa organização do espaço das escolas individualiza os sujeitos, colocando-os em uma posição de vigiados, na qual a figura do professor como o farol torna-se o regulador o disciplinador. Desta maneira, garantia-se a ordem, a disciplina dos corpos e se evitava a



desordem, as más influências, as tentativas de evasão, complôs, roubos, distrações que atrasavam o estudo. Enfim, toda ação ou atitude não desejada na estrutura disciplinar educacional era tratada a partir da individualização dos sujeitos, pois sem o contato um com o outro, excluía-se o efeito coletivo que poderia existir, desta maneira partindo para uma individualidade numerável e controlável. Nas palavras de Foucault, quem sabe que está submetido a um campo de visibilidade constante:

retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas. (FOUCAULT, 2009, p.192)



**Figura 4 – Torre, vigia do panóptico.**



**Figura 5 – Professor, vigia da sala de aula.**

A disciplina exerce seu controle não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento. A partir da posição estratégica da torre, os sujeitos observados e vigiados manifestam ordem e disciplina. Neste sentido, o professor como vigia gera o risco dos sujeitos serem surpreendidos e, assim, a consciência inquieta de serem observados resulta na disciplina dos corpos, no comportamento, na homogeneização desses sujeitos.

A organização escolar facilita uma obediência e colabora com o controle maior do corpo produtivo, pois com os espaços hierarquizados e isolados há uma sujeição do indivíduo, no qual se quer produzir com o máximo de velocidade e eficácia. Segundo Lopes (2009, p. 116) essa hierarquização, classificação e ordenamento são entendidos como uma norma estabelecida que “age na homogeneização das pessoas; na definição de um modelo geral prévio diante do qual todos devem ser referidos”. A vigilância que a escola estabelece entre os sujeitos-alunos permite que, a qualquer instante, a desatenção ou desobediência seja corrigida, ou seja, apenas com o olhar, ou melhor, com o vigiar do professor, consegue-se a disciplina e

o controle dos sujeitos envolvidos neste mecanismo arquitetônico que organiza e classifica espaços, divide e individualiza para melhor manipular.

A sala de aula é um lugar determinado para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. Esse espaço funcional garante que o professor vigie cada um de seus alunos e, com isso, consiga um trabalho simultâneo de todos com um simples olhar. Essa estrutura na qual estão organizados, por classes, um atrás do outro, determinando lugares individuais, classifica, individualiza e permite “induzir um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (FOUCAULT, 2009, p. 191). Esse tipo específico de poder é o que chamamos de disciplinar, um poder que não atua no exterior das relações, de fora para dentro ou de cima para baixo, o poder disciplinar trabalha os corpos das pessoas - alunos, professores, delinquentes, loucos - manipulando-os e controlando-os, produzindo seus comportamentos através de uma rede de poderes, um poder que circula e perpassa entre os sujeitos. Para isso, Foucault, em sua obra *Microfísica do poder* (1979), aponta o poder não como dominação de um indivíduo sobre os outros, ou como algo a ser dividido, mas sim como algo que circula, ou melhor, que funciona em cadeia:

Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 1979, p.183)

O poder disciplinar é um instrumento, é um mecanismo, são técnicas de poder que permitem o controle minucioso das ações do corpo que certificam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade (MACHADO, 1979). Neste contexto a escola passa a ser um dos meios institucionais privilegiados para o exercício do poder disciplinar. Segundo Veiga-Neto (2008, p. 31) a escola é o:

Lócus social destinado intrinsecamente a trabalhar com os saberes, onde se concentra a parte mais expressiva da criação, da circulação e da distribuição dos saberes, é a ela, a escola, que podemos creditar a maior parte do sucesso do projeto moderno de instaurar a própria sociedade disciplinar.

A escola como uma instituição disciplinar tem em sua função organizar os sujeitos para que produzam e sejam úteis, por isso, tornando-os dóceis, eles são mais fáceis de manipulação, permanecendo controláveis. Para essa estratégia a escola dispõe de técnicas que alimentam a proposta do corpo como objeto, de um corpo capaz, produtivo e útil, assim,

métodos que permitem o controle minucioso das intervenções do corpo são postos em prática por meio da disciplina, por meio do poder disciplinar.

As distribuições do espaço, assim como o controle das atividades, consistem em algumas das técnicas de docilização dos sujeitos abordados no livro *Vigiar e Punir* (2009), ou seja, dentro da escola elas se caracterizam por esquadriñar e classificar para melhor controlar. A primeira tem sua função em dividir, colocar cada indivíduo no seu lugar, em sua classe, em sua fila, na sua ordem, em sua série, conforme sua idade, individualizado por uma posição de localização, tornando o espaço escolar disciplinar. Desta forma, nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, é possível a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, localizá-lo, medir as qualidades ou méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. (FOUCAULT, 2009). A disciplina neste contexto “fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.” Uma máquina que organiza e ordena as multiplicidades. (FOUCAULT, 2009, p. 142).

Temos como outra técnica de docilização o controle das atividades em relação ao tempo, em que a escola organiza as atividades fracionando-o. Com isso, há um domínio do tempo para torná-lo útil, garantindo a qualidade do tempo empregado, um tempo precioso na qual não se pode desperdiçar. Exemplificando tal questão, observam-se os horários da escola, do sinal para a entrada, do sinal para a saída, dos sinais que marcam o começo e término entre uma aula e outra, hora do lanche, hora do recreio, hora disso e daquilo. Essa marcação do tempo dentro de um sistema escolar é uma forma do controle ser exercido, pois assim as atividades são cercadas por ordens a que se tem que responder imediatamente permitindo a qualidade do tempo que está sendo utilizado, transformando o tempo em tempo útil. Podemos visualizar que a forma pela qual a escola se organiza em relação aos anos de ensino, por idades, por etapas também permitem o controle das atividades e, logo, do tempo. Essa decomposição do tempo em sequências, define a posição e o nível em que o aluno se encontra, organizando estágios separados para garantir uma aprendizagem em conformidade com os outros.

O controle minucioso do espaço e do tempo possibilita ordem no meio escolar, desse modo, o professor acaba fazendo parte dessa disposição, desse ato de indicar com autoridade seus alunos. No entanto, essa ordem relacionada ao comportamento não tem que ser explicada, nem mesmo formulada, pois seja o silêncio total, ou o simples olhar do mestre será suficiente para que provoque o comportamento desejado, a ordem desejada. Portanto, o mestre, sendo “detentor” do saber e da verdade, legitima seu poder, sua autoridade diante do

conhecimento, logo, somente ele pode conduzir, ensinar e fazer aprender. Por isso, a escola passa a ser um lócus de saber e de poder, um saber e um poder que autoriza o professor, autoriza seu discurso. Foucault trata do saber e do poder como duas coisas diferentes, porém que não podem ser vistos separados. É nas pequenas relações diárias que o poder e o saber se constituem “se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (MACHADO, 1979, p. XXI). Assim, a escola não é apenas um lugar de ensinar e aprender, mas também um instrumento de produção, acúmulo e formação do saber-poder.

O poder passa a ser, então, “produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber” (MACHADO, 1979, p. XIX). As formas de poder estão empenhadas em assegurar uma ordenação das multiplicidades humanas, com isso o poder se manifesta de forma positiva, não compreendido como moralmente bom, mas o que se deve levar em conta é a sua capacidade produtiva, a qual fabrica o indivíduo. Deste modo, as escolas compõem locais determinados que se definem para satisfazer, não só a necessidade de vigiar, de regular, mas também de criar um espaço útil. Uma vigilância hierárquica (professores, porteiros, diretores, etc.), uma sanção normalizadora (esquema de correções, “punições” e regras) e um exame (avaliações), organizados de maneira que os sujeitos produzam e permaneçam controláveis, assim dóceis e fáceis de manipulação (FOUCAULT, 2009). Isso explica, no contexto da educação escolar, por exemplo, a autorregulação dos estudantes que mantém seus comportamentos mesmo quando a professora deixa a sala de aula (GORE, 2011).

A educação moderna compõe uma sociedade disciplinar baseada num saber-poder que fabrica sujeitos úteis, que normaliza e que controla vontades, pois opera tanto sob seus corpos quanto em seus saberes. Enfim, as escolas modernas são instrumentos do saber-poder, cuja positividade desse saber-poder permite governar condutas, produzindo comportamentos e saberes que se articulam com um “conjunto de dispositivos e estratégias capazes de subjetivar, ou seja, constituir/fabricar os sujeitos” (GALLO; VEIGA-NETO, 2007, p. 19).

Os protagonistas desta maquinaria do ensino são os professores, são eles autorizados a ensinar o conhecimento que por eles foi adquirido. Essa configuração de professor dotado de todo o saber teve raízes na figura religiosa do pastor, que tem sobre seu rebanho o controle, o cuidado e a sabedoria.

O professor da escola moderna, um mestre ortopédico, constituiu-se de uma figura religiosa, do pastor e seu rebanho. Fica evidente a permanência de ações em relação à figura religiosa como a dedicação do pastor pelo rebanho, por cada um que, assim como o professor dentro da sala de aula, torna-se um mecanismo de vigilância que afasta toda e qualquer

ameaça que possa vir atrapalhar sua vigília, mostrando assim sua total preocupação aos outros e nunca para ele mesmo, sempre a serviço do rebanho, “o pastor tem de estar de olho em todos e em cada um” (FOUCAULT, 2008, p. 173). Assim, a partir desta observação é fácil relacionarmos a estrutura pastor-rebanho com a do professor-aluno vista na escola moderna. A metáfora do pastor e suas ovelhas caminham no âmbito escolar na medida em que percebemos o processo de suas funções exercidas para com seu rebanho/turma, bem como pela forma com que conduz, cuida e faz a lei, ditando regras do seu rebanho/turma; O pastor/professor tem de conhecer cada ovelha/aluno o mais detalhadamente possível, para que possa melhor orientar e governar cada uma.

Partindo desta condição de professor-pastor, configura-se assim uma figura divina do mestre, concedendo a ele o poder sobre seus alunos, regido por uma verdade que lhe concebia ensinar, era ele responsável por transmitir os valores da sociedade. O professor carrega discursos de uma figura religiosa, de um pastor, de um docente como sacerdote, que possui características que o permitem ensinar e transmitir. O professor, portanto, configura-se numa divindade que tem o conhecimento como verdade, é aquele que detém o poder e o saber, e que, por isso, se permite ensinar.

Segundo Foucault (2008) a verdadeira história do pastorado como um tipo específico de poder sobre os homens tem seu início com o cristianismo, portanto o pastorado contribuiu para o processo pelo qual a religião se estabelece como uma Igreja. Assim, “esse poder pastoral, totalmente ligado à organização de uma religião como Igreja, por certo foi deslocado, desmembrado, transformado, integrado a formas diversas, mas no fundo nunca foi verdadeiramente abolido” (FOUCAULT, 2008, p.197).

Com isso, queremos dizer que mesmo havendo a secularização do Estado, ainda existem vestígios desse professor sacerdote no professor que hoje atua em sala de aula. Não se pode deixar-se enganar com o fim total da era pastoral, porque “de fato o poder pastoral em sua tipologia, em sua organização, em seu modo de funcionamento, o poder pastoral que se exerceu como poder é sem dúvida algo de que ainda não nos libertamos” (FOUCAULT, 2008, p.197). Portanto, as características desse pastor que cuida, que ensina, nos remetem a comparar algumas das várias ações que o professor utiliza ou sofre em seu espaço, em sua sala de aula com seus alunos. O professor ao assumir as funções de “dominação” e de “propriedade”, torna a relação dos alunos e da turma ainda mais submissa a ele, ou seja,

sem o professor os alunos não saberiam o que fazer, como aprender, de qual maneira comportar-se; eles não saberiam o que está bem e o que está mal, como julgar a atitude de um colega, a falta de esforço de si mesmos para cumprir uma tarefa (GADELHA, 2009, p.122).

Ainda se não bastasse o professor-pastor para completar a “missão divina” investiga até as mais minúsculas informações do seu “rebanho”:

fará diagnósticos de suas emoções, capacidades e inteligências; conversará com seus pais para saber detalhes iluminadores de seu passado e de seu presente; ganhará confiança de cada aluno para que ele lhe confie seus desejos, angústias e ilusões. Por último, lhe ensinará que sem alguma forma de sacrifício ou renúncia de si e do mundo seria impossível desfrutar de uma vida feliz e de uma sociedade justa (GADELHA, 2009, p. 122).

O professor, mesmo adaptado a uma nova economia do poder, a uma sociedade moderna, disciplinar, não exclui a base imperativa de um governo soberano, aquele do pastor, detentor do saber e controlador do sujeito. O deslocamento das práticas pastorais deu espaço a uma passagem da disciplinaridade do âmbito religioso para o âmbito civil, do âmbito do indivíduo para o âmbito da população. A escola, por meio das técnicas disciplinares, das engrenagens e estratégias de docilização, consegue obter maiores resultados a partir de medidas e ações sutis. Isso se dá por meio dos professores que, com a apropriação do indivíduo escolar, permite trabalhá-lo detalhadamente em função dos movimentos, gestos, atitudes, velocidade, um poder sobre o corpo ativo que faz de suas funções o objeto do controle. A escola moderna, com todos esses aparatos de controle sobre o corpo como objeto e emaranhado nos resquícios de um ensino religioso, mantém o docente como principal articulador do processo regulador.

## **1.2 A escola normalizadora dos sujeitos**

A escola tem muitos recursos para um bom adestramento. Primeiro com a vigilância dos professores, que através do exercício da disciplina supõem um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar. Depois, pela sanção normalizadora, que normaliza os sujeitos a uma regra, a uma norma determinada, isto é, por meio da disciplina, castigos e punições de correções é que se consegue a inserção ou aproximação do sujeito à norma. Ambos são recursos disciplinares que a escola utiliza para regular os comportamentos, identificar e classificar os alunos.

As técnicas de disciplinarização, no exercício de comparar, diferenciar, hierarquizar, homogeneizar e excluir, colocam em jogo processos normalizadores que subjetivam e produzem sujeitos, pondo em ação dispositivos de normalização (FABRIS, 2009). A instituição escolar não só tem uma função normalizadora, como também normatiza, ou seja, a escola funciona tanto buscando colocar todos sobre a norma da instituição (normalizadora),

quanto contribuindo para fixar e sistematizar as normas da escola no tempo e no espaço (normatizadora). Assim é oportuna a distinção feita por Veiga-Neto e Lopes entre normalizar e normatizar:

a palavra *normatizar* e suas derivadas para designar as operações de criar, estabelecer ou sistematizar as normas. Assim, por exemplo, podemos entender que os dispositivos *normatizadores* são aqueles envolvidos com o estabelecimento das normas, ao passo que os *normalizadores* [são] aqueles que buscam colocar (todos) sob uma norma já estabelecida e, no limite, sob a faixa de normalidade (já definida por essa norma) (VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p.956, grifos dos autores).

A escola, nessa ótica, funciona tanto como normatizadora que estabelece leis e infrações próprias para organizar as diferenças entre os indivíduos (PORTOCARRERO, 2004), quanto como normalizadora que traz para perto aqueles que estão fora dos padrões, das normas estabelecidas a fim de corrigi-los. Esta norma, segundo Lopes (2009, p. 116), “opera a fim de incluir todos segundo determinados critérios que são construídos no interior e a partir dos grupos sociais”, por isso, o mecanismo normalizador, dentro da escola moderna, combinado com a vigilância, conduz os comportamentos, classifica e inclui na tentativa da homogeneização de toda e qualquer situação que venha desviar dos padrões estabelecidos pela norma. Desta forma, a sanção é normalizadora porque faz do funcionamento da disciplina um meio de estabelecer regras, normas, medidas que permitem avaliar e julgar, normalizando por meio da comparação, da hierarquização, da homogeneização e da exclusão. Assim, uma educação padronizada com escolas normais surge na medida em que se quer homogeneizar as multiplicidades, no entanto, essa forma de classificar intensifica ainda mais a individualidade dos sujeitos, pois essa distância criada entre os indivíduos determina níveis, fixa especialidades e torna úteis as diferenças.

A lógica da normalização baseia-se na relação do indivíduo aos seus atos, seus desempenhos e seus comportamentos específicos, singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Ou seja, dentro desse processo de normalização é preciso “diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto”. (FOUCAULT, 2009, p.176).

O processo de normalização aparece como o grande foco da escola, em que os esforços da escola são para trazer os sujeitos da educação para a ordem da normalidade, para a média. Neste contexto consideramos a citação de Foucault a respeito, novamente, da norma e da normalização disciplinar respectivamente:

consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz (FOUCAULT, 2008, p. 75).

Dentro da escola moderna podemos destacar com grande ênfase uma atividade que consegue juntar o controle normalizante - técnicas de julgamento normalizador, com a vigilância - permanente e hierarquizada, que qualifica, classifica e “pune”. Um dispositivo disciplinar que reúne o melhor do controle para diferenciar e sancionar. Estamos falando do exame, que é entendido como uma avaliação que põe em prova o conhecimento adquirido pelo aluno. Ou seja, em meio às palavras de Portocarrero (2004) o exame é um mecanismo de poder e de saber que permite que o mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, forme um campo de conhecimentos sobre seus alunos, estabelecendo trocas de saberes entre eles. Isto é, como afirma Foucault (2009), é nesse momento de troca de saberes, que o exame garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre. Com o exame somos capazes de analisar os sujeitos que possam estar se distanciando da norma estabelecida, por exemplo, para uma boa nota. Assim, com essa análise um plano de normalização para reduzir os desvios é pensado para aqueles que não conseguiram a média estabelecida. O mais comum nestes casos são as “punições” da ordem do exercício, ou seja, aquele aprendizado intensificado, multiplicado, muitas vezes repetido, como se refere Foucault na citação abaixo sobre o “castigo escrito” ser o mais honesto para o professor, o mais vantajoso e o que mais agrada os pais:

[permite] tirar dos próprios erros das crianças maneiras de avançar seus progressos corrigindo-lhes os defeitos; [àqueles, por exemplo], que não houveram escrito tudo o que deviam escrever, ou não se aplicarem para fazê-lo bem, se poderá dar algum dever para escrever ou para decorar (FOUCAULT, 2009, p. 173).

O exame pode ser visto nos Conselhos de Classe, nas avaliações, nas conversas entre pais e professores. Ele acontece de maneira sistemática e objetiva, pois por meio da observação da escola dos atos do aluno, determina-se quem é esse indivíduo e pode-se prever o que ele virá a ser futuramente. É o exame que determina o conhecimento sobre o aluno, sobre suas habilidades e carências, sobre seu avanço ou desvio. O exame relaciona a formação de saber a certa forma de exercício de poder. Isso significa, que ao estabelecer relações com os saberes que levarão o sujeito a uma avaliação temos um poder que é exercido no sentido diferente da repressão, como sugere Foucault (2009) ao dizer que temos uma positividade do poder, no sentido de que ele produz, constitui, cria identidades e subjetividades. O exame não é só repressivo, mas funciona como uma formação de saberes que qualificam o melhoramento da aprendizagem. Nesse sentido, o professor trabalha com essas técnicas de poder e saber para



constituir um sujeito disciplinar, e os resultados disso são: de anônimos, tornam-se indivíduos subjetivados e submissos, colocados cada um em seu lugar.

A educação certamente é um dispositivo central na tarefa de normalização, disciplinarização, regulação e governo das pessoas e das populações. É por meio do disciplinamento dos corpos e dos saberes<sup>2</sup> que a educação escolar moderna funciona em prol de uma sociedade mais governável. Governável não no sentido de instâncias e ações do Estado, mas sim governáveis no sentido de objetivar e conduzir ações. Ou seja, na perspectiva foucaultiana, usamos a palavra governo no sentido de governo, quando tratada a questão da ação ou ato de governar, em outras palavras, para designar todo o conjunto de ações de poder que objetivam conduzir (governar) deliberadamente a própria conduta ou a conduta dos outros. Nas palavras de Veiga-Neto e Lopes (2007, p.952) “usamos governo para designar todo o conjunto das ações – dispersadas, disseminadas e microfísicas do poder – que objetivam conduzir ou estruturar as ações”. Deste modo, as ações de governar não estão fixadas em um grupo que ocupa uma posição central no Estado, mas são ações espalhadas microscopicamente pela trama social (VEIGA-NETO, 2002). É neste contexto, lendo governo no lugar de governo, que podemos entender as palavras de Foucault quando discute a arte de governar:

o governante, as pessoas que governam, a prática de governo são, por um lado, práticas múltiplas, na medida em que muita gente pode governar: o pai de família, o superior do convento, o pedagogo e o professor em relação à criança e ao discípulo. Existem, portanto muitos governos, em relação aos quais o do príncipe governando seu Estado é apenas uma modalidade. Por outro lado, todos esses governos estão dentro do Estado ou da sociedade (FOUCAULT, 1979, p. 280).

A escola por meio do governo dos corpos, mesmo tomando cada indivíduo em suas particularidades espaciais e temporais, tem como um de seus objetivos promover a vida na coletividade onde o indivíduo se insere; trata-se de uma coletividade que, a partir daí, vai ser entendida como uma população. Nessa lógica populacional, a escola funciona como o lugar privilegiado para a invenção e experimentação dos novos saberes e para a intervenção do Estado e de suas políticas que visam à segurança da população, ou seja, a escola individualizante e, ao mesmo tempo, coletivizante, governando comportamentos e condutas dos sujeitos, garante o controle e a seguridade da população educacional, tem em seu controle o risco, o perigo e a crise<sup>3</sup> os quais possam ser gerados fora da norma.

---

<sup>2</sup> Disciplinamento dos saberes e dos sujeitos possibilitou o nascimento das Ciências Humanas. Foi no interior das instituições escolares que se possibilitou a disseminação e fragmentação dos saberes (FRÖHLIC, SILVA, 2011, p. 54).

<sup>3</sup> Aqui as noções de risco, perigo e crise podem ser mais bem explicadas na Aula de 25 de janeiro de 1978 do curso dado no *Collège de France (1977-1978) Segurança, Território e População*. (FOUCAULT, 2008).

A educação busca, principalmente em torno dos seus discursos, ensinar o melhor comportamento e o que é melhor ou mais correto fazer e usar. Entendendo o discurso, como diz Veiga-Neto (2002), como um conjunto de enunciados que, mesmo pertencendo a campos de saberes<sup>4</sup> diferentes, seguem regras comuns de funcionamento, coloca em circulação determinados regimes de verdade que se articulam segundo determinados saberes.

A escola possui regimes de verdades na qual o discurso educacional funciona como agenciador dessas verdades, uma verdade não transparente e linear, mas que resulta de coerção e efeitos de poder, nas palavras de Foucault:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p.12).

Neste contexto, a verdade não é um conjunto das coisas verdadeiras que temos que aceitar, mas ao contrário, como aponta Foucault (1979, p.13-14) “a verdade é parte de um conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”. Portanto, a verdade está ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem num tempo e espaço determinados, assim estabelecem regimes de verdades que orientam e separam o verdadeiro de seu contrário (FOUCAULT, 2007).

É importante perceber que dentro dessa trama de verdade/poder/saber a escola governa os sujeitos e suas condutas para fins de interesse do sistema político/econômico. O governo, ou o conjunto de ações que praticam a regulação do comportamento desses indivíduos, faz da instituição escolar um espaço de “fabricação” de sujeitos autodisciplinares possibilitando o governo de si e dos outros. A isso atribuímos a modernidade que impõe uma ordem disciplinar, na qual a escola se organiza disciplinarmente, colocando em operação mecanismos de vigilância, regulação e controle dos comportamentos e valores sociais, um governo de si e dos outros.

Conforme desenvolvido nesta escrita, a escola e suas técnicas de disciplinarização atuam na regulação, controle e governo dos sujeitos-alunos. Nesse exercício, a maquinaria escolar, como aponta Fabris (2009), não pode interessar-se apenas em disciplinarizar a mente e o corpo para que ocupem um lugar escolar e social, vai mais além, a

---

<sup>4</sup> Aqui usa-se *saberes* no sentido do filósofo Michel Foucault, de teorias sistemáticas, que se manifestam por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda a sua positividade. (VEIGA-NETO, 2007, p. 44).

maquinaria propõe colocar em ação campanhas e práticas que ensinem não só ao indivíduo, mas sim à população escolarizada os padrões exigidos, para que o Estado também possa exercer micropráticas de governo<sup>5</sup>.

Esse novo mecanismo e práticas de governo facilitam a entrada de um novo sistema “econômico” de regulação, um controle para tornar o indivíduo força de trabalho, não mais a um corpo individualizado, mas sim a administrar o corpo e a vida da população. De um lado um poder sobre a vida - biopoder, sobre o controle em massa, de outro um poder disciplinador e normalizador, no entanto, juntos se articulam para melhor conduzir a gestão da população - biopolítica (DUARTE, 2009).

Biopolítica é a nomenclatura para analisar os comportamentos e condutas da população, são conjuntos de biopoderes “a fim de governar não apenas os indivíduos, através de um certo número de procedimentos disciplinares, mas também o conjunto de seres vivos constituídos em populações” (REVEL, 2006, p. 57). A “anátomo-política do corpo”, sugerida por Foucault agora aponta para uma “biopolítica das populações”, isso por que a vida passa a ser alvo privilegiado da atuação de um conjunto de poderes normalizadores que já não tratam simplesmente de reger comportamentos individuais ou individualizados, mas sim a gestão calculada da vida do corpo social (DUARTE, 2009, p.41). Desta maneira, permite-se pensar além do corpo como sujeito individual e enquadrar na racionalidade a população – governar muitos com poucos (FRÖHLICH; SILVA, 2011).

Através de todas as características aqui descritas de uma sociedade moderna estruturada em mecanismos e técnicas que conduzem o corpo, de um governo que regula comportamentos, de um biopoder que controla e tem o poder sobre a vida, desenvolvendo uma técnica de governo da população, não mais calcada no individual, mas sim no coletivo, perguntamo-nos acerca do sujeito, da constituição desse sujeito moderno. Então, de que modo o indivíduo humano se torna um sujeito? Nesse sentido, embora suas ideias não representem nem uma teoria nem um método, Foucault (1995, p.231) afirma que o princípio de seu trabalho foi objetivado em “criar uma história dos diferentes modos pelas quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” e por essa razão, (re)constituiu toda uma arqueogenealogia, digamos assim, dos meios pelo qual os efeitos do poder encaminham o indivíduo na identificação de um sujeito. Para tanto, Foucault navega em questões micros, percorre as relações de poder e saber que produzem e reproduzem formas de

---

<sup>5</sup> É preciso fazer uma ressalva: o governo não está necessariamente ligado ao Estado, é uma ação sobre as condutas que o Estado Moderno toma como elemento de sua racionalidade. As funções do Estado se exercem por todo o corpo social; a escola é um desses espaços. (FABRIS, 2009, p.54)

ser. Nesta perspectiva, da busca pelos diferentes modos que constituem o sujeito, Foucault (1995, p.231-232) trabalha com três distintos modos de objetivação do sujeito: primeiro o modo da investigação, objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha na análise das riquezas e na economia; o segundo, pelo que ele chama de “práticas de divisórias”, o sujeito é dividido em seu interior e em relação aos outros objetivando-o, por exemplo, o louco e o são, os criminosos e os ‘bons meninos’; e o terceiro, em que ele considera o destaque, é como os sujeitos aprendem a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”. Desta maneira, como descreve Fischer (2012, p. 53), “o homem se separava das milenares crenças e ‘filosofias’ e se tornava ‘objeto’”.

Os sujeitos aqui destacados, professores e alunos, objetivados, classificados, são percebidos dentro da sociedade moderna como “sujeitos falantes, sujeitos econômicos e produtores, sujeitos biológicos” (FISCHER, 2012, p.53), que constituem instituições como a escola, e que articulam todo um sistema em prol de um Estado político/econômico, em outras palavras, os indivíduos tornam-se instrumento aos fins do Estado. Não é por acaso que a Educação acaba como um investimento para mais tarde o indivíduo ser “tomado” pela força do Estado, que só é força porque constitui uma forma de poder tanto individualizante quanto totalizadora, ainda, é essa combinação uma das razões para que se estabeleça um poder político moderno: individualizador e totalizador (FOUCAULT, 1995). É no contato dessas duas superfícies, de um poder que “ignora” os indivíduos, ocupando-se apenas com os interesses da totalidade, classe ou grupo, ligado a uma antiga forma política, originada das instituições cristãs, a tecnologia do poder pastoral<sup>6</sup>, que, como diz Veiga-Neto (2002, p. 185) ainda que antagônicas, se complementam no sentido de criar as condições de possibilidade para o Estado Moderno. É nesse contexto que a escola esta inserida, ao mesmo tempo em que totaliza o sujeito, ela o individualiza.

A educação, neste contexto, é estratégica do ponto de vista moral (do direito, dos comportamentos, dos valores) e técnico (trabalho, industrialização). Nesta perspectiva, podemos compreender porque a escola torna-se um lugar de constituição de condutas e comportamentos, de promoção da vida e de força de trabalho, pois são aspectos que giram em torno da construção de uma sociedade que busca o máximo resultado a partir de uma aplicação mínima de poder. Portanto, podemos afirmar que a sociedade está continuamente em busca de uma normalização do sujeito, de meios que façam a sociedade não homogênea,

---

<sup>6</sup> Esta forma de poder é orientada para a salvação (por oposição ao poder político). É oblativa (em oposição ao princípio da soberania); é individualizante (em oposição ao poder jurídico); é co-extensiva á vida e constitui seu prolongamento; está ligada a produção da verdade – a verdade do próprio indivíduo. Ver *Michel Foucault – Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, 1995, p. 237.

com pretensões de igualar a todos, mas sim de uma população capaz de se estabelecer por meio de grupos que se identifiquem e, desta forma, a enquadrá-los para melhor controlá-los.

As instituições escolares conseguem articular todos os seus meios de controle sobre o corpo através de sua estrutura tanto arquitetural como curricular, para que o aluno se constitua como um sujeito autodisciplinado, ou seja, aquele que deve conservar a si e aos outros sob controle. Nas palavras de Foucault, essas práticas que induzem esse comportamento são chamadas de “tecnologias do eu”<sup>7</sup>, que agem sobre o corpo. Por exemplo, isso explica aos estudantes conservarem seus olhos sobre seu trabalho durante um teste, a conservarem seus olhos no professor, a permanecerem em suas carteiras, etc. São essas técnicas que permitem o comportamento, a conduta perante o professor, como sugere Foucault (2009, p.170): “uma relação de fiscalização, definida e regulada, está inserida na essência da prática do ensino: não como uma peça trazida ou adjacente, mas como um mecanismo que lhe é inerente e que multiplica sua eficiência”. Um sujeito objetivado e subjetivado: é essa a configuração do aluno da escola moderna. São os processos de objetivação e subjetivação, por meio dos micro poderes instituídos na sociedade disciplinar, que fabricam esse indivíduo aluno.

Com todas essas estratégias de governo de si e dos outros, com técnicas de normalização e disciplinarização das instituições (escolas, hospitais, fábricas, exércitos), podemos compreender o nascimento da economia política, como explica Foucault (2008) na quarta lição do Curso *Segurança, Território e População*, no *Collège de France*, em 1978. Uma ciência política, ou seja, uma passagem de um regime dominado pelas estruturas de soberania a um regime dominado pelas técnicas do governo<sup>8</sup>.

O desenvolvimento da população passou a ser interesse e objeto do Estado, pois quanto mais a população aparece como dados estatísticos, como diz Foucault (2008, p.145) “a massa da população – com seu volume, sua densidade”, mais táticas de governo são utilizadas para melhor conduzir e governar. Essas táticas de governo para melhor controlar a população são desenvolvidas por Foucault através da palavra governamentalidade, na qual ele elabora todo um conceito acerca de três movimentos os quais considera importante para a constituição sólida de um Estado governamentalizado: governo, população e economia política. Assim, destacamos o trecho a seguir, no qual Foucault desenvolve o seguinte entendimento:

---

<sup>7</sup> Ver artigo Tecnologias do Eu e Educação, do autor Jorge Larrosa, no livro *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*, 2011, p.35.

<sup>8</sup> As coisas não devem de forma nenhuma ser compreendidas como a substituição de uma sociedade de soberania por uma sociedade de disciplina, e mais tarde de uma sociedade de disciplina por uma sociedade, digamos, de governo. Temos, de fato, um triângulo – soberania, disciplina e gestão governamental -, uma gestão governamental cujo alvo principal é a população e cujos mecanismos essenciais são os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008, p.146)

Por esta palavra, “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, viu-se pouco a pouco “governamentalizado” (FOUCAULT, 2008, p. 143-144).

Essas relações do Estado com a população e as maneiras de governar, estão ligadas em redes de poderes que permitem estabelecer o que podem ou não podem fazer, como deve ser feito ou como não deve ser feito, ou seja, asseguraram a correta distribuição das “tarefas” a serem feitas a um propósito conveniente, para melhor produzir e conduzir o sujeito e suas condutas, uma população controlada e manipulada para o bem-estar de seus cidadãos. Bem como explica Fischer:

um poder preocupado com o bem-estar da população e a saúde de cada um em particular, um poder que se reveste de “bondade” e sincera dedicação a toda a comunidade, mas que não tem condições de se exercer senão munindo-se de toda a informação sobre cada grupo, sobre o que pensam e sentem todos os indivíduos e como eles podem ser mais bem dirigidos (FISCHER, 2012, p.56).

Assim, a educação juntamente com a instituição escolar, mais uma vez, insere-se nesse jogo de ações, profundamente imersas e implicadas no processo de constituição do sujeito-aluno tanto quanto na constituição do sujeito docente moderno. Isso significa que educar é sujeitar professores e alunos a poderosas técnicas hierárquicas de vigilância, exame e avaliação (por parte de administradores, pais e, de forma não menos importante, colegas), que os constituem como objetos de conhecimento e sujeitos que conhecem. (DEACON & PARKER, 2011, p.103). Nessa ótica, como diz Veiga-Neto (2011, p.229), a escola é vista como um lugar de produção, moldagem e objetivação de sujeitos dóceis e de uma nova dominação política que garante a governamentalidade em tempos modernos.

Imaginamos então a escola como uma “fábrica” de sujeitos “livres”, capazes de escolherem seus próprios desejos, seus caminhos, sujeitos capazes de realizar suas próprias escolhas. Embora, de fato, isso seja observado nas escolas, Foucault nos faz pensar de outro modo, de que o Estado forja uma autonomia do sujeito perante as escolhas que são feitas e escolhidas, ou seja, o sujeito acredita que não está sob o controle de outros, sente-se livre e capaz de determinar seus próprios desejos. Essa forma de “liberdade” se torna uma fachada para melhor governar, em outras palavras, a “liberdade” que a sociedade propõe segundo

Foucault é uma construção que permite sermos “governados” tanto individuais quanto coletivamente. A educação nesse viés, de uma liberdade que se esconde numa racionalidade política, está imbricada em discursos que legitimam a estrutura da instituição de ensino e naturalizam comportamentos, liberdade inventada por “discursos oficiais”. Nesse sentido, a educação liberal, conforme Marshall (2011, p.22), trabalha com as questões de liberdade, porém feitas em cima de uma “liberdade” forjada, de uma libertação de que quanto mais nos sentimos “livres”, mais agarrados a uma estratégia de governo ficamos, “de forma que não somos os formuladores e realizadores autônomos de projetos individuais que o quadro conceitual liberal e a educação liberal pretende que sejamos.”

Retomando as questões pelas quais iniciamos este capítulo, a constituição do sujeito moderno em meio à educação e à sociedade moderna, pretendemos explorar e criar problematizações sobre assuntos que refletem no comportamento e na construção do sujeito. Por meio dos estudos de Michel Foucault, bem como os autores debatedores, podemos pensar as várias possibilidades do sujeito em meio a características tão evidentes no decorrer dos séculos XVIII-XIX-XX.

Várias maneiras de pensar o sujeito moderno são compreendidas pelos estudos foucaultianos. É por meio dos domínios de Foucault, melhor descritos por Veiga-Neto (2007) em sua obra *Foucault & a educação*, trazidas a esse capítulo, que se pode pensar o sujeito e a sua trajetória, sua constituição moderna. Domínios esses que perpassam pelo sujeito dos saberes, sujeito do ser-poder e aquele do ser-consigo. Os três constituem o sujeito e apresentam em percursos arqueogenealógicos características peculiares que acabam por designar condutas e comportamentos do sujeito, aquele moderno.

São os estudos foucaultianos, em meio a seus conceitos e teorizações, que permitem mais uma vez pensarmos numa educação calcada em fabricar cada vez mais alunos designados a certos comportamentos em direção aos interesses de uma sociedade econômica, articulada com o poder da disciplina, poder normalizador e poder político, destacando sujeitos cada vez mais capitalistas, que em função de uma governamentalidade e da crescente expansão da sociedade já começam a desenvolver mais técnicas de controle, agora mais sutis, porém não menos eficazes.

Uma “nova” sociedade, a do controle, como designou Deleuze, passa a existir em meio ao seu desenvolvimento e expansão, mais especificamente das informações, do acesso ao conhecimento que agora perpassa espaços e tempos diferentes dos da escola. Uma sociedade começa a se constituir baseada em um sujeito que regula suas próprias ações e seus atos, desconectado de locais e saberes antes constituídos por específicos domínios. Por

exemplo, não é mais a escola o único lugar que se tem o saber, o conhecimento e a informação, bem como não é mais o professor o detentor do conhecimento, questões que colocam em cheque o saber e o poder docente. Por essas razões é que, por meio de técnicas e estratégias, essa sociedade caminha na subjetivação da conduta do sujeito e das multiplicidades, numa ordem em que o poder disciplinar se afasta, mas não se exclui, dando ênfase a um mecanismo que, pela circulação e crescente disseminação de informações, acaba que construindo e viabilizando outros meios de controle que serão problematizados no próximo capítulo.

Assim, não com o intuito de encerrar as ideias dessa escrita, mas dar continuidade em meio a outras possibilidades de pensar a respeito de uma sociedade constituída numa plataforma moderna, destacamos a importância de traçar os deslocamentos em prol dessa sociedade moderna. Esses caminhos designam os percursos, as estratégias para pensar a escola como uma “fábrica” de alunos “livres”, sujeitos que constituem uma ordem de Estado, uma ordem de educação que contribui para uma sociedade controlada, com fins de segurança. Assim, a escola, um dispositivo disciplinar e de controle, contribui tanto para a subjetivação do sujeito-aluno quanto do professor, portanto, possibilitando que todos nessa ordem sejam submetidos a um poder e a um saber que legitimam condutas e comportamentos que caracterizam quem é quem e o que cada um pode ou não pode fazer. É controlando os passos e suas condutas que os sujeitos são o que são, ou são o que os discursos da educação, do Estado querem que sejam.



# CAPÍTULO

## II

### SOCIEDADE DE CONTROLE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Na contemporaneidade, um dos desafios é o de manter os indivíduos sob sofisticado controle para que não escapem do olhar do mercado, para que se mantenham dentro de uma escala prevista de normalidade, considerando variáveis móveis de referência, nos movimentos ordenados de consumo e de educação. O desafio parece estar na redução das distâncias e do tempo, bem como na otimização da vida (LOPES, 2009, p. 126).

A escola articula seus conhecimentos, sua estrutura, seus objetivos, suas atividades, seus planejamentos, entre outros, para que os sujeitos sejam controlados, normalizados, sujeitados a normalidade de um sistema constituído para melhor controle social, para melhor seguridade e melhor manipular condutas e comportamentos. Assim, para pensarmos as mudanças no campo educacional e as implicações na vida escolar de alunos e professores, faz-se necessário entender os movimentos da sociedade que cada vez se constitui e se reconstitui de acordo com o seu tempo.

Foucault chama essas rupturas, essas mudanças de *epistemes*<sup>9</sup> que possibilitam pensar a sociedade e sua temporalidade, a conduzir e constituir no que diz respeito às formas de pensar e agir dentro de um conjunto de outras “ferramentas”, que ajudam e estabelecem condições para que mudanças, principalmente na área tecnológica, sejam cada vez mais eminentes na atualidade e, conseqüentemente, adentrando ao meio social: a escola. Desta maneira, começamos a pensar a sociedade como um meio articulador, um espaço onde as coisas acontecem de maneira cíclica, onde os começos e recomeços dão lugar a começos sem fim, a extensões sem limites, por sua vez, isso explicaria tantas alterações e revoltas diárias como, por exemplo, no campo educacional.

#### 2.1 Saber-poder na sociedade de controle

Segundo o filósofo Gilles Deleuze (1992), entramos para uma nova construção de sociedade, aquela outrora disciplinar se desloca para a que o filósofo chama de sociedade de

---

<sup>9</sup> É importante destacar que não entrarei na discussão da *episteme* em Foucault.

controle, uma não termina dando lugar a outra, uma não exclui a outra, pelo contrário, são vistas de diferentes períodos e que tomaram formas mais complexas de organização e controle. Portanto, não é uma sociedade que termina e outra que começa, são novas possibilidades que surgem em meio ao desenvolvimento econômico, político e social que permitem as mudanças serem pensadas como uma nova organização social.

Quando falamos de uma nova organização social, não podemos deixar de mencionar a ideia de globalização<sup>10</sup> como articuladora de mudanças. Esse movimento da globalização passa a existir nos acontecimentos e interpretações relativos a tudo que é internacional, multinacional, mundial e planetário. Assim, sob novos aspectos, a globalização atribui novos significados aos indivíduos, ao modo de vida e formas de cultura, na sociedade. Neste sentido, em meio a globalização, podemos pensar nas concepções de técnica e tecnologia que são (re)formuladas no período moderno a partir da Revolução Industrial, na qual se tornam conceitos recorrentes e estruturais para uma sociedade produtiva. Assim, a técnica e a tecnologia palavras semelhantes, mas com sentidos diferenciados, participam desse novo estado social mantendo o controle dos sujeitos cada vez mais minucioso.

Do ponto de vista educacional, parte-se para as problematizações acerca de uma sociedade que, em meio à globalização e as tecnologias, incorpora outras formas de pensar a educação em relação ao conhecimento e as informações. Em outras palavras, uma sociedade que através das novas tecnologias da informação e comunicação possibilita um tencionamento do conhecimento com as informações por meio das tecnologias de redes: *Internet*<sup>11</sup>.

A partir dos estudos Foucaultianos, podemos compreender que os saberes se constituem na medida em que discursos científicos tidos como verdadeiros e positivos são aceitos e legitimados. Por isso, na educação não seria diferente, os saberes que circulam no campo educacional foram legitimados por especialistas desse campo de saber: saberes pedagógicos. Portanto, a partir da entrada das tecnologias da informação e comunicação no meio escolar os saberes pedagógicos constituídos e inventados<sup>12</sup> para uma sociedade moderna começam a ser pensados de outras maneiras, como diz Veiga-Neto e Lopes (2010) *pensar de outros modos a modernidade pedagógica* para uma sociedade contemporânea, da informação

---

<sup>10</sup> A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (HALL, 2006, p.67).

<sup>11</sup> Maior conglomerado de redes de comunicação em escala mundial. Dispõem milhões de computadores interligados, permitindo o acesso a informações de todo o tipo de transferência de dados.

<sup>12</sup> Tais pressupostos não são naturais nem universais, ou seja, não estiveram “desde sempre aí”, à espera de serem descobertos... Ao contrário: na sua contingência, tais pressupostos se enraizaram em tradições, ressignificaram-se e hoje se apresentam como verdades deste mundo (VEIGA-NETO; LOPES, 2010, p.158).

e do tecnológico. Deste modo, o saber docente legitimado por discursos científicos também está incluído nesse pensamento de mudança e deslocamento.

Ao estabelecer relações com essa nova possibilidade de conhecimento e informação que as tecnologias da informação e comunicação autorizam, desestabiliza toda forma de ensino construído e tomado como legítimo, ou seja, o saber e o poder docente legitimado, no período moderno, enfraquece na medida em que outras possibilidades de alcance ao conhecimento começam a fazer parte do sistema escolar, permitindo (re)pensar os meios e metodologias de ensino escolar.

No contexto das informações como meio de comunicação e aproximação de conhecimentos, podemos pensar numa sociedade de informações com espaços livres de demarcações e tempos contínuos, que controlam e conduzem os sujeitos. Um controle não mais de um sistema fechado, mas sim de um espaço ilimitado de informações que permitem a fragmentação no campo do saber educacional.

Foucault situou a sociedade disciplinar nos séculos XVIII e XIX, a qual o controle exercido pela disciplina operava em espaços fechados, em um sistema fechado e demarcado, tendo seu auge no início do século XX. No entanto, esse controle configura-se de outra forma após a Segunda Guerra Mundial, um controle ao ar livre, como diria Paul Virilio (1993), *formas ultrarrápidas de controle ao ar livre* passam a fazer parte do novo sistema social, o que chamamos segundo Deleuze (1992) de uma sociedade de controle.

A passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle foi marcada, inicialmente, pelo desmoronamento dos muros que definiam as instituições. Como aponta Hardt (2000, p.357), os muros das instituições estão desmoronando de tal maneira que suas lógicas disciplinares não se tornam ineficazes, mas se encontram, antes, generalizadas como formas fluidas através de todo o campo social. Assim, na metade do século XX, podemos observar a ascensão de uma sociedade, na medida em que os meios de confinamento: prisão, hospital, fábrica, família, e escola, deixam de ser moldes e acabam que sofrendo reformas no sentido de modulação. Deleuze explica essa questão: “os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro.” (DELEUZE, 1992, p.225). O “espaço estriado”<sup>13</sup> das instituições da sociedade disciplinar dá lugar ao “espaço liso” da sociedade de controle, nas palavras de Deleuze (1992, p.227) os tuneis estruturais da toupeira estão sendo substituídos pelas ondulações infinitas da

---

<sup>13</sup> Ver Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia V.4. São Paulo: Ed. 34, 1997, dos autores Gilles Deleuze e Félix GuatTari.

serpente, “a velha toupeira é o animal de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle”.

Na sociedade de controle, como na disciplinar, o corpo continua a ter um valor de trabalho, em que há a produção do corpo útil e uma valorização da vida útil e produtiva. Porém, de forma diferente da “moldagem fixa, definida, que poderia ser aplicada às mais diversas formas sociais”, mas sim, como uma “espécie de modulação constante e universal que atravessa e regula as malhas do tecido social” (DELEUZE, 1992, p. 227).

Neste contexto, Deleuze traz em *Conversações* (1992) as sociedades de controle substituindo<sup>14</sup> as sociedades disciplinares, pois sugere que na sociedade disciplinar estava-se constantemente recomeçando devido ao sistema fechado, ou seja, o indivíduo passava de um espaço fechado para outro, cada um com suas leis e ordens; enquanto que na sociedade de controle nunca se termina nada, os indivíduos tornam-se divisíveis, o controle é contínuo, aberto e a comunicação é instantânea. Segundo Deleuze (1992), a sociedade de controle seria marcada pela interpenetração dos espaços, por sua suposta ausência de limites definidos (a rede) e pela instauração de um tempo contínuo no qual os indivíduos nunca conseguiriam terminar coisa nenhuma, pois estariam sempre enredados numa espécie de formação permanente, de dívida impagável, prisioneiros em campo aberto.

Neste sentido, a vigilância na sociedade de controle, uma das características principais do dispositivo disciplinar moderno, não está mais ligada a uma pessoa com a função de vigiar o que está acontecendo, pois não é mais necessário, já que o vigiar torna-se parte condicionante do próprio sujeito, que regula suas ações, seus atos e seus pensamentos perante um modelo disciplinador que existe. O professor, a escola e o Estado, são exemplos da figura “dominadora” no sentido de que fazem as regras e, por isso, subjetivam as escolhas e seus comportamentos. Funciona como uma espécie de mecanismo de saber-poder que implica nos efeitos de verdades produzidas através desse saber-poder, construindo e reconstruindo discursos.

Os discursos não são o resultado da combinação de palavras que representam as coisas do mundo, ao contrário, como aponta Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber* (2009a), os discursos formam sistematicamente os objetos de que falam:

Uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que

---

<sup>14</sup> Aqui podemos encarar como uma discussão, já que não trocamos uma sociedade pela outra, como dito anteriormente. O que acontece é um desenvolvimento social, político e econômico que permite tais mudanças que não substituem, mas sim possibilitam outras formas de ver e pensar a sociedade.

utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2009a, p.55).

Através das práticas discursivas que colocam o discurso em movimento e das verdades construídas e manifestadas pelas linguagens, o poder disciplinar acontece de forma a manipular as ações dentro e fora da escola, pois as relações de poder e as estratégias de governo de si, que segundo Veiga Neto e Lopes (2007) são ações de poder que objetivam governar a própria conduta ou a conduta dos outros, permitem o controlar-se, o regular-se, sem ter a presença fisicamente de alguém que controle. Nas palavras de Araújo (2008, p. 74), “somos a sociedade que inventou aparelhos que regulam os corpos para melhor controlar as almas”, de fato a educação é a forma pela qual a sociedade melhor controla os discursos de verdade. Esse controle dos discursos de verdades dá-se através da circulação das relações de poder no ambiente escolar produzindo efeitos de verdades que regulam e delimitam a ordem, ou seja, a normalidade dos sujeitos.

Nas escolas, o poder pode ser percebido como um poder hierárquico, de cima para baixo, repressivo, que torna as ações do professor como “dominador”. No sentido contrário, Foucault afirma que o poder tem efeito positivo, ele é circular, é através das revoltas, da repressão que se produz efeitos, que se tem o poder. Portanto, compreende-se que o poder é marcado pela disciplina objetivada principalmente em produzir corpos dóceis. Assim, as sociedades disciplinares sistematizam uma organização hierárquica de tempo e espaço específico que se mantém estruturalmente até os dias atuais para a aprendizagem ser normatizada e eficiente:

As disciplinas, organizando “celas”, os “lugares” e as “fileiras”, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gastos [...]. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas (FOUCAULT, 2009, p. 142-143).

A estrutura arquitetural da escola ainda permite a classificação do individual, porém agora o controle da disciplina se mistura com um controle mais disperso, um controle que não usa da autoridade para implicar a ordem, são novos dispositivos disciplinares que permitem um novo sistema de controle.

Foucault explica que o poder não é tratado na questão de “quem tem o poder”, mas sim nas implicações que esse poder pode ou não produzir efeitos que se legitimam nas relações criando discursos que funcionam como norma. Um determinado discurso pode ser,

ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, mas também obstáculo, ponto de resistência ou ponto de partida de uma estratégia oposta: “O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Não existe discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro, contraposto” (FOUCAULT , 1988, p. 96-97).

Nessa perspectiva, o poder não está em um único lugar, ele circula, está nas relações e qualquer um pode estar na posição de ser submetido ao poder e também de exercê-lo. Portanto, é nesse contexto que a sociedade disciplinar começa a perder forças na medida em que as informações não são mais enclausuradas em um ambiente, em um saber dominante. Com a expansão das tecnologias, mais especificamente com a *Internet*, a sociedade deixa de ter um indivíduo identificado e marcado na população, surge assim um sujeito divisível que marca seu “território” através de acessos que são controlados, não mais por uma assinatura, mas sim por um login e senha. Como Deleuze sugere que:

as sociedades disciplinares possuem dois pólos, a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não seria mais a assinatura nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*. A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição (DELEUZE, 1992, p. 226).

Segundo Deleuze (1992, p. 224) “não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.” Desta forma, a questão que se coloca é que novas formas de dispositivos disciplinares constituem-se em um novo regime de controle.

Neste sentido, as relações de saber-poder na escola fragmentam-se e não se limitam a sala de aula e ao professor. É o que Prata (2005) diz ao relacionar o saber-poder não mais preso num espaço determinado, mas sim um saber-poder que se move com velocidade tornando-se extraterritorial. Se antes o professor tinha o “domínio” de um poder e de um saber, controlando os sujeitos através do olhar, de uma organização, de uma posição central, agora essa posição se desloca e passa a ser “dominada”, controlada pelas redes. Ou seja, não se consegue um domínio exclusivo do professor com sua classe, pois com as tecnologias há um escape, o saber-poder perpassa e atravessa o lugar do observador. Todos podem ser o observador e o observado, não há mais uma assinatura que afirma o sujeito em seu lugar e espaço, agora há um código uma senha que permitem ao sujeito dividir-se, multiplicar-se e facilmente percorrer o acesso ou a recusa de informações. Assim, “podem fugir do alcance a qualquer momento – para a pura inacessibilidade.” (BAUMAN, 2001, p. 18). Deleuze (1992) aponta que o espaço aquele limitado e cercado das instituições foi derrubado e aquela lógica

que funcionava dentro das paredes institucionais se dispersa por todo o terreno social, tornando-se impossíveis de distinguir.

Na sociedade de controle a informação é estruturada como um veículo que nos permite uma mobilidade sem precedentes. Informações que são dispersas e não dependem de um lugar particular para circular, nem mesmo uma dominação específica desses saberes. Como exemplifica Costa (2004) ao falar de uma hierarquia das informações, isto significa que nas sociedades de controle não dependemos mais de informações restritas e impostas de acordo com a posição do sujeito, seja ela de função, posto ou antiguidade. Desta forma, as tecnologias oportunizam acessos dispersos em espaços transparentes que permitem ver e ser visto, controlar e ser controlado.

As tecnologias acabam alimentando esse poder de controle constante entre as pessoas, passando de um poder hierárquico para um poder disperso numa rede planetária. Por conseguinte, “o poder hoje seria cada vez mais ilocalizável, porque está disseminado entre os nós das redes. Sua ação não seria mais vertical, como anteriormente, mas horizontal e impessoal” (COSTA, 2004, p. 162).

Com essa verticalidade abalada, em que não há mais uma referência que preencha o lugar do poder, uma nova interação social estabelece-se diante das informações a partir das novas relações sociais entre os indivíduos. Essa interação social, segundo Silva (2008, p. 34), “acaba por revelar uma nova sensibilidade e percepção da realidade e, portanto, do saber.” Assim:

Surge uma nova forma de interação social e uma nova forma de inteligência, agora coletiva, para usar uma expressão de Pierre Lévy<sup>15</sup>. Uma forma de subjetividade que altera a construção e o sentido da alteridade, uma nova forma de construção do ser e do tornar-se humano. [...] uma entidade ambivalente, um ser que interage socialmente, independente de espaço geográfico e do tempo linear (SILVA, 2008, p. 33).

Pensando o sistema educacional, da escola moderna, que mantém um espaço fechado, controlado e calcado na verdade e no saber do outro comparado com a nova interação social, da inteligência coletiva<sup>16</sup>, observamos o que coloca Lévy (1998, p.29) ao afirmar que “ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade, não existe um reservatório de conhecimento transcendente, e o saber não é nada além do que o que as pessoas sabem”, questionamos, assim, a maneira que o professor e toda a instituição escolar está (re)formulando-se frente a uma nova estrutura de informação e conhecimento, no meio de

---

<sup>15</sup> Ver: LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

<sup>16</sup> Uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.

um saber-poder que antigamente era confiável e agora, através das redes, espalha-se, domina e é dominado por todos (SILVA, 2008).

A partir dessa nova estrutura social, a do (auto)controle, o poder acaba por regular os elementos imateriais da sociedade como a informação, o conhecimento, a comunicação. Esses elementos, constituintes da instituição escolar, acabam que regulando os padrões de comportamento dos sujeitos, sem que haja uma intervenção direta do Estado, ou de superiores. Essas várias maneiras de pensar e agir do sujeito escolar, assumem uma posição de normalização de ideias, formando diversificados grupos que se identificam, porém perante as implicações do controle imaterial da sociedade eles constituem uma norma que já se estabelece e, assim, confrontam com aquele saber-poder do professor disciplinador de uma escola moderna homogênea.

Assim, a autoridade desse professor, de certa forma, enfraquece diante dessa configuração do sujeito múltiplo, aliado às informações planetárias, em rede, que agora fazem parte do meio escolar. Aquino (1996) sugere que há uma *crise da autoridade docente*, que talvez esteja sendo sinalizada:

Podemos supor que é a própria configuração social que está se modificando, e essa modificação está ligada à produção de outro sujeito, que se presentificará também nas relações entre professores e alunos, causando muitas vezes, um estranhamento em ambas as partes (PRATA, 2005, p. 113).

Com isso, pensa-se na produção de outro sujeito, não calcado na ideia de disciplina e vigilância, antes carga dominante e centralizadora do disciplinamento, mas sim, uma vigilância que assume novas funções: “uma espécie de vigilância disseminada no social, já que todos podem, de certa forma, seguir os passos de todos. O controle exercido é generalizado, multilateral” (COSTA, 2004, p. 164)

Prata (2005) afirma que o poder das instituições escolares entra em cheque quando o modo de subjetivação torna-se livre das barreiras de um sistema linear, único e definido pela instituição. Portanto, a constituição dos sujeitos, que se dá nas relações interiores e exteriores, permitem não se limitar a um local exclusivo, no caso as salas de aulas e toda a estrutura escolar. “O aluno coloca-se no controle da intensidade da informação que quer ou não, receber.” (SILVA, 2008, p. 29).

Com as tecnologias, essa produção de subjetividade circula pelo âmbito escolar de maneira a perturbar o modo como o ensino já está estruturado e alimenta uma possível “desordem” no discurso tramado pela autoridade docente. A partir das tecnologias, da fragmentação das informações, não importa mais receber conhecimentos ou informações prontas, e sim receber e produzir, compreender e articular, saber “usar” as informações. A



respeito dessa inserção das informações Silva nos faz pensar as questões acerca do tempo, do espaço, de um novo lugar:

Não vivemos mais o tempo das horas e minutos. Não somos tão otimistas quanto ao futuro. Não acreditamos mais nas utopias, hoje fragilizadas. Vivemos uma época do presente, uma época da velocidade, uma época de quebrar recordes, de diminuir o espaço e subordiná-lo ao tempo. Uma época da informação, da imagem, do ecrã, do satélite, da fibra ótica, do cartão magnético, da virtualidade e da *Internet* (SILVA, 2008, p. 23).

Assim, a autoridade do discurso docente legitimado pela escola moderna perde sua centralidade a partir dessa nova organização social. Com as tecnologias o lugar do saber descentraliza-se e expande-se, fazendo com que o conhecimento esteja em todo lugar e em lugar nenhum (SILVA, 2008, p. 22). Por meio das tecnologias, da expansão das informações, o tempo se torna cada vez mais disperso e o espaço ganha diversos endereços. Silva explica que a espacialidade do saber que a escola monopolizava se esvai. Assim, movimenta de certa forma uma crise da educação que “reside exatamente no descompasso entre a noção de verdade moderna e as formas de conhecimento que as novas tecnologias engendram na sociedade” (SILVA, 2008, p. 22).

## **2.2 Informação, conhecimento e as tecnologias**

O termo informação, na qual estamos nos referindo ao longo do texto, recobre uma variedade de formas definidas: filmes, notícias, imagens, sons, como “fontes de dados”. Diante dessa onda “planetarista da globalização”, chamada por Sodré (2002) de “sociedade da informação”, fronteiras são apagadas em relação a uma possível homogeneização de uma “cultura em massa”, justamente porque as fontes de dados permitem uma multiplicidade do sujeito.

Há quem diga que sofremos uma “revolução tecnológica”, porém é importante esclarecer que essa expressão “revolução” como sugere Sodré (2002) não é a mais adequada, já que não se trata exatamente de descobertas inovadoras, e sim do avanço tecnológico e científico; São os recursos técnicos, e processos de trabalhos já existentes (computação, televisão, telefone) sob outras formas; São as velhas formas discursivas (texto, som, imagem) dando margem ao aparecimento de “novos” meios de comunicação, informação e tecnologias. Já dizia Deleuze:

As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da

sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas e computadores, cujo perigo passivo é a interferência e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus (DELEUZE, 1992, p.227).

Neste contexto, Sodré sugere que, a respeito da revolução da informação, só podemos tomar como novo a velocidade que os dados, que as informações percorrem e alcançam, acelerando a mobilidade ou a circulação das coisas do mundo. O novo consiste propriamente no aumento da velocidade de deslocamento ou distribuição de informações e bens no espaço. Nas palavras de Silva (2008), esse espaço já não é mais definido, vivemos no momento da velocidade e do tempo fragmentado.

As tecnologias de informação e comunicação integram o plano sistêmico da estrutura de poder. Assim, cada vez mais as redes de comunicação e informação acabam que transformando a vida do indivíduo, do homem contemporâneo, tanto nas relações de trabalho como nas relações de socialização e lazer. Essa forma de poder torna-se comum nessa era de redes de informações, em que o indivíduo é posto na ordem de um “infocontrole” e de uma “datavigilância” (SODRE, 2002, p.15). Ainda Sodré, designa a isso um novo meio de controle sobre a vida, um *bios* midiático. A partir disso, podemos pensar a escola moderna como estrutura para articular um “novo” sistema que continue funcionando com propósitos de uma sociedade disciplinar, porém agora inserida nos meios de comunicação em rede. Por isso, uma nova forma de desenvolvimento do conhecimento precisa ser pensado. Embora essa ideia da escola de acompanhar a “mutação tecnológica” seja evidente, podemos perceber que ainda se nota o descompasso, tanto nas relações professor e aluno como vice-versa. Essa nova forma de controle continua a conduzir comportamentos e condutas, em outras palavras, através das tecnologias de informação e comunicação se permite interferir e constituir a forma pela qual agimos. Uma “realidade virtual” agora é possível por meio das tecnologias, do controle excessivo de câmeras, de meios que nos seguem a todo o lugar e que nos regram, uma “tecnocultura” se instaura como sugere Sodré:

implica uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencionalmente designado como verdade, ou seja, uma outra condição antropológica (SODRÉ, 2002, p.27).

A comunicação no meio tecnológico acaba que se tornando um mecanismo vivo de informações, com possibilidades de percorrer um mundo virtual que integra e modifica o indivíduo. Desta forma, Sodré (2002), nos ajuda a pensar sobre a comunicação, a tecnologia como uma nova forma de controle do corpo, dos comportamentos e condutas, através da

metáfora do espelho, das imagens que passam a ser extensões do sujeito, múltiplos “espelhos” armados pela tecnocultura.

A educação nesse sentido vem se fortalecendo em inovações frente à escola, para modernizar e integrar esse ambiente escolar às novas tecnologias de informação e comunicação. Nesse aspecto, são feitos investimentos nesta área, de aproximação das tecnologias, como em projetos, ações e atividades que asseguram esse contato com a informação virtual, com o convívio das máquinas, com um conhecimento encontrado além da sala de aula. Desta maneira, as escolas e toda a comunidade escolar articulam-se para estarem juntas dessa sociedade informacional, para fazerem parte do mundo da velocidade, do instantâneo. Além disso, não se pode deixar de pensar nas relações políticas, econômicas e sociais que o avanço tecnológico traz consigo. Com esse desenvolvimento, questões como o consumo, trabalho, educação, lazer, são alteradas a uma nova forma de conduzir a vida. É um novo tempo, uma nova concepção de sociedade, um novo “plano” de controle, que cada vez mais é especialista em manipular e conduzir. Um poder regulador que possibilita se autogovernar, que subjetiva e constitui um regime de aceleração da modernidade e do desenvolvimento tecnológico.

É fato que a tecnologia nos alcança de forma a nos integrar cotidianamente, não conseguimos mais viver sem o tecnológico. Em outras palavras, como sugere Duarte (2009), a tecnologia se incorpora ao nosso corpo, não circula, ela já faz parte da nossa vida, não vivemos sem nossos *lap-tops*, *palmtops*, celulares, computadores, *Internet*, *i-pods*, *i-phones*, máquinas fotográficas digitais, etc. Somos conduzidos a uma ideologia a melhores condições de vida por meio tecnológico, como afirma Pinto (2005). Com isso, podemos nos perguntar o que é a tecnologia? Como ela começa e desde quando ela se tornou algo tão necessário e tão desejado?

A tecnologia, segundo Pinto (2005), tem muitos conceitos, porém destacam-se dois principais significados: a tecnologia como sendo a teoria, a ciência, o estudo e a discussão da técnica e a tecnologia como o conjunto de todas as técnicas de que dispõem a sociedade. Esse último é encarado como global no sentido genérico, pois ajuda a classificar no processo de avanço das forças produtivas, “medir” o grau tecnológico social. Portanto, a tecnologia baseia-se em função da técnica, que é entendida como a união da máquina e do método, ou, a união da forma e do conceito.

A técnica representa a progressiva racionalização da ação produtiva do homem na natureza, desta forma relaciona-se com o fato do homem através das técnicas tornar-se produtivo, nas palavras de Pinto (2005), um homem civilizado. A partir disto, do conjunto das

técnicas, a tecnologia permite que o homem se maravilhe diante de suas próprias obras, não mais diante da natureza constituída, por isso, na “civilização tecnológica” como designa Pinto, extasia-se diante do que faz:

porque acredita que o mundo dos objetos e das forças conhecidas constitui em si mesmo fonte de reprodução e desenvolvimento indefinido de novas criações...Uma criança dos nossos dias não pode imaginar ter havido um tempo em que não existiam aviões, assim como um ateniense do V século antes da nossa era não imaginaria sua cidade tal como se apresentava na época miceniana, sem os monumentos da Acrópole (PINTO, 2005, p.37-38).

A tecnologia se torna necessária a partir da lógica da qual Pinto descreve *o homem maravilhado*. Cada vez que nos deparamos com uma tecnologia temos a sensação do novo, do desconhecido, do prazer de tê-lo, de manipular e fazer uso. Maravilhamo-nos diante do novo tecnológico, e “a manutenção desse entusiasmo está na constante substituição dos objetos, máquinas, engenhos, fatos e conhecimentos que o determinam” (PINTO, 2005, p.38). Porém, em se tratando das constantes mudanças e variações que a sociedade possibilita, o novo se torna ultrapassado ou num objeto sem graça, portanto, novas criações, novos objetos são lançados para que nossos olhos brilhem novamente. Neste sentido, Pinto sugere que há um desgaste da admiração, do que se pode chamar a queda na naturalização, podemos perceber isso na explicação e no exemplo citado abaixo:

Nada documenta melhor esta asserção do que quando a humanidade, depois de maravilhar-se com a primeira descida do homem a Lua, somente passados quatro meses dessa façanha, inconcebíveis para incontáveis gerações precedentes, manifesta quase total indiferença com a repetição da mesma viagem espacial, embora em condições talvez tecnicamente mais admiráveis. É que já agora consideramos natural essa proeza e somente algo ainda inteiramente novo, que por enquanto nos pareça irrealizável, poderá surpreender-nos (PINTO, 2005, p.38).

Assim, podemos compreender que as mudanças ao longo dos tempos e os acontecimentos no campo tecnológico foram criando e constituindo novas formas de nos maravilharmos com as “coisas”. Portanto, o que é novo hoje amanhã poderá perder seu brilho. Essa característica é bem recorrente na sociedade atual. Pinto afirma que são as técnicas do homem que vão se naturalizando e permitindo que novas criações tecnológicas sejam constituídas. Por isso, no meio das tecnologias da informação e comunicação se verificam mudanças que qualificam a sociedade das tecnologias.

As tecnologias nos instigam e nos fazem querer mais, por isso, hoje a forma como conduzimos nossa vida diante de processos tecnológicos nos possibilita a uma qualidade de vida, de um melhor aproveitamento do tempo, do espaço e das atividades que nos rodeiam. No contexto escolar é bem evidente que as tecnologias também movimentem esse espírito de mudança, de aperfeiçoamento e qualidade no ensino e, embora ainda existam impasses e

obstáculos a serem ultrapassados em relação à tecnologia da informação e comunicação, não podemos imaginar a escola sem as recorrentes “transformações” da sociedade.

A escola na sociedade de controle desloca-se da analogia da fábrica, da produção individual, da homogeneização e controle do individual e se instala nas forças da empresa. Mesmo uma não excluindo a outra, a empresa é a que motiva seus funcionários, faz de seu funcionamento a alma e o gás do seu negócio. Investe e acredita na produção do sujeito “livre”, aquele que participa, age e interage. Neste mesmo sentido, a escola como empresa vê em seus alunos e corpo docente um empreendimento no contexto de criação, inovação e pesquisa, por isso, o foco é “vender” essas produções, gerando também uma competição, e uma concorrência, características da contemporaneidade. Assim, há mudanças de ênfases da fábrica como uma sociedade de produtores para a empresa, uma sociedade de consumidores (SARAIVA & VEIGA-NETO, 2009). Deste modo, podemos pensar que as tecnologias dentro da escola auxiliam na configuração de um capitalismo cognitivo, de um tempo descontínuo e marcado pelas incertezas de uma sociedade *líquida*, como designa Bauman.

A inconstância de escolhas e mudanças faz da sociedade um local de dúvidas e de incertezas; As certezas e verdades absolutas, como aponta Bauman (2001), acabam que escorrendo por caminhos incertos, provocando inseguranças sociais. A metáfora que Bauman (2001) utiliza em relação às mudanças sociais que estamos vivendo demarca um período em que a lacuna que esse sólido ocupava até obter a suposta perfeição, como um molde, acaba se extinguindo, “derretendo”, dando lugar à “impermanência, a constante mudança de formas, num processo que parece não ter previsão de término” (SARAIVA & VEIGA-NETO, 2009, p.188).

No espaço educacional, a liquidez, característica da sociedade contemporânea, se encontra na medida em que ações e atividades desmoronam os muros das certezas dos antigos métodos de ensino. Podemos perceber essa manifestação quando as informações de acesso ilimitado não priorizam as folhas de um livro e espaços fechados de bibliotecas e salas de aulas, mas sim encontram-se aliadas e integradas a um novo meio virtual de busca de informação e conhecimento. No contexto escolar as tecnologias mais uma vez contribuem para essa fluidez das coisas, pois também constituem um plano de incertezas que escapam ao tradicional método naturalizado do sistema educacional.

Temos um aluno flexível e um professor a caminho do ser flexível, um capitalismo cognitivo que permite o campo educacional ser a “empresa perfeita” que agencia pesquisa, criação, inovação, para melhor controle social numa perspectiva do cuidado da vida, do bem estar, da “liberdade”. Aqui parece recorrente diferenciar o significado do liberalismo do

século XVIII, para o neoliberalismo, pois ambos fazem parte da estrutura social manifestando e contribuindo para a flexibilidade social, interferindo nos aspectos educacionais, econômicos, e políticos. Portanto, nas palavras de Saraiva & Veiga-Neto (2009, p. 189) uma das mais marcantes diferenças em relação à liberdade social é que “enquanto no liberalismo a liberdade comercial era entendida como algo natural, espontâneo, no sistema neoliberal a liberdade deve ser continuamente produzida e exercitada sob a forma de competição.” Essa competição e concorrência ligam-se ao sistema educacional, que subjetiva as formas pelas quais a escola encaminha os alunos para o mundo do trabalho e, assim, implica no trabalho dos professores, que se encontram na briga do passado, presente e futuro do ensino-aprendizado.

Deleuze (1992) explica que há uma mutação do capitalismo e que isso permite determinarmos a cada sociedade certos tipos de máquina, pois elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e de utilizá-las. É uma mutação na qual ele diferencia um capitalismo que concentra para produção e de propriedade para um capitalismo de sobreprodução. Ou seja, na explicação do autor:

Atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas complexas do têxtil, da metalúrgica ou petróleo. É um capitalismo de sobreprodução. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados... O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso, ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa (DELEUZE, 1992, p.227-228).

Nesta perspectiva social da empresa as instituições de ensino não são mais espaços distintos que se dirigem a um proprietário, agora fazem parte de um conjunto de instituições (hospitais, exército, família,) de uma mesma empresa que só tem gerentes. Com esse sistema é que a escola e seus agentes se estabelecem no sistema de figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, saindo do sistema fechado para entrar nos circuitos abertos do controle, um controle de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado.

Damos destaque a essas concepções de fábrica, empresa, liberalismo e neoliberalismo para entendermos que essas mudanças também são desencadeadas a partir das relações sociais e de seus tempos. A partir das mudanças sociais, inovações principalmente no campo tecnológico vão dando outras formas de perceber o espaço constituído atualmente, é o que vemos nas mudanças das máquinas e prédios com presença estrutural marcante para máquinas e equipamentos digitais que flutuam no ciberespaço. Mudanças significativas para o campo educacional.

O ciberespaço é conhecido como o universo das redes digitais, é onde as informações de forma rápida quase que instantâneas são dispersas e conduzidas pelo planeta. Um espaço

de dados que torna móvel a informação e cria uma forma de “cibercultura”. O autor do livro *Cibercultura* Pierre Lévy (1999, p.92) define o ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, assim, é nesse conceito que podemos pensar numa das principais funções do ciberespaço: o acesso à distância de informações e ao conhecimento. No ambiente escolar já podemos visualizar ferramentas que dão passagem a esse ciberespaço: através do computador, celulares, *i-pads*, *tablets* podemos nos conectar à informações situadas a milhares de quilômetros. Isso é possível uma vez que:

Uma informação pública se encontra no ciberespaço, ela está virtual e imediatamente à minha disposição, independentemente das coordenadas espaciais de seu suporte físico. Posso não apenas ler um livro, navegar em um hipertexto, olhar uma série de imagens, ver um vídeo, interagir com uma simulação, ouvir uma música gravada em uma memória distante, mas também *alimentar* essa memória com textos, imagens, etc (LÉVY, 1999, p.94).

O que Pierre Lévy quer dizer com *alimentar a memória* é a capacidade que temos de também estar em interação com o mundo do ciberespaço, participando e trocando informações por meio do que ele chama de *virtual*. É essa cultura, segundo o autor, do ciberespaço, “cibercultura”, que disponibiliza a comunicação por meio de compartilhamentos virtuais, informações que podem ser escritas e disponibilizadas em qualquer que seja sua posição de forma muito rápida, “foi assim que grande parte dos programas que otimizam a comunicação entre computadores e a pesquisa de informações no ciberespaço disseminaram-se” (LÉVY, 1999, p.94).

Contudo, a globalização, um fenômeno tipicamente contemporâneo, desloca os lugares antes demarcados fisicamente para lugares voláteis, lugares criados para o acesso daqueles que possuem a necessária senha (SARAIVA & VEIGA-NETO, 2009). Esse deslocamento pode ser acompanhado através das plataformas de ensino já existentes, são sistemas à distância que constituem salas virtuais e essas permitem acesso a atividades, exercícios, discussões, avaliações em um lugar demarcado no espaço, em outras palavras, com um login e senha o aluno embarca em um espaço livre das paredes da sala de aula.

O ensino a distância é muito discutido entre educadores que se questionam acerca do aprendizado, do conhecimento alcançado por meio deste ambiente virtual de educação, gerando muitas incertezas e controvérsias frente ao alcance da qualidade do ensino. Podemos pensar que a escola se desestabiliza frente a essas novas formas de conhecimento, que o aluno se constitui flexível e não se limita mais no espaço e tempo demarcado da escola, vai além do isolamento e o controle de sua localização, tudo isso porque as tecnologias da informação e comunicação permitem o acesso às redes, uma rede dinâmica e constantemente reconfigurada.

Temos como uma das principais características nesse contexto das redes e acessos ilimitados o tempo *pontilhista*. Usando um conceito de Maffesoli (2003), um tempo marcado por rupturas e descontinuidades, isto é, pelo ritmo das inovações, pela irrupção do acontecimento; Vive-se no curto prazo, numa cultura do instantâneo.

Para melhor identificarmos as mudanças aqui referidas ao longo das escritas sobre as mudanças numa analogia da fábrica e empresa, e os deslocamentos de ênfases em relação ao movimento que Baumam (2001) chama de modernidade *sólida* e modernidade *líquida* (*contemporânea*), apresentamos de forma simples um quadro comparativo elaborado por Saraiva & Veiga-Neto (2009):

<i>Modernidade sólida</i>	<i>Modernidade líquida</i>
Permanência	Impermanência
Liberalismo	Neoliberalismo
Mercadorias	Competição
Produção	Consumo
Capitalismo industrial	Capitalismo cognitivo
Fábrica	Empresa
Vigilância do corpo	Verificação das metas
Equipe	Rede
Temporalidade contínua/linear	Temporalidade <i>pontilhista</i>
Longo prazo	Curto prazo
Regulamentação – regulação	Modulação
Rigidez/docilidade	Flexibilidade
Unitário	Fragmentário
Fronteirizado	Desfronteirizado

**Quadro 1 - Comparativo entre Modernidade Sólida e Modernidade Líquida**

O quadro simplificado tem a intenção de ajudar a “entender um pouco melhor o funcionamento da sociedade contemporânea”, que se torna condição para entendermos o que vem acontecendo mais especificamente nas escolas contemporâneas. “Se aqui usamos escola no plural é para registrar o entendimento de que reconhecemos a multiplicidade de configurações que a educação escolarizada pode assumir” (SARAIVA & VEIGA-NETO, 2009, p.197).



Com o neoliberalismo, a governamentalidade neoliberal entra com a fusão da teoria do Capital Humano e a concepção do homem como *Homo economicus*, que nos constitui como produtores de nossa própria empresa, não somente um empreendedor de trocas, mas sim, e especialmente um empreendedor de si mesmo (DUARTE, 2009, p. 46). Somos a produção de nosso capital, somos o produto que articula a nova economia política. Não precisamos da manipulação, nós mesmos nos manifestamos a partir das relações de poder e de saber que vão conduzir a determinados comportamentos:

Trata-se de uma governamentalidade que busca programar estrategicamente as atividades e os comportamentos dos indivíduos; trata-se, em última instância de um tipo de governamentalidade que busca programá-los e controlá-los em suas formas de agir, sentir, pensar e de situar-se diante de si mesmos, da vida que levam e do mundo em que vivem, através de determinados processos e políticas de subjetivação [...] (GADELHA, 2009, p. 151).

Neste sentido, a governamentalidade pode ser descrita como o esforço de criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas de controle, normalização e moldagem das condutas das pessoas. Nas palavras de Veiga-Neto e Traverssini (2009) a governamentalidade enquanto conceito identifica a relação entre o governo do Estado (política) e o governo do eu (moralidade), a construção do sujeito (genealogia do sujeito) com a formação do Estado (genealogia do Estado). E destacam que:

com a governamentalidade pode-se, por exemplo, compreender melhor por que a educação escolar tornou-se, ao mesmo tempo, objeto e objetivo centrais para o Estado moderno. De maneira que “... mais do que qualquer outro espaço institucional a escola parece ainda ser o lócus em que tudo isso se combina em poderosos processos de subjetivação” (VEIGA-NETO; TRAVERSSINI, 2009, p.16).

No entanto, essa escola que articula processos de subjetivação, que constitui sujeitos não pode se limitar a um saber prioritário, existente somente em suas instalações escolares, aí retomamos a afirmação de Saraiva & Veiga-Neto sobre a perda do lugar da escola na produção dos sujeitos, pois o saber não está mais no poder da escola e na figura do professor.

A entrada de novos elementos de controle na governamentalidade vem desconfigurando o privilégio da escola na produção das subjetividades. Agora com as novas tecnologias da informação e comunicação somos capazes de promover a “cooperação entre cérebros à distância”, não precisamos estar presentes, face a face. Assim, as ligações à distância de informações em redes disseminadas *online* disponibilizam principalmente nos jovens e crianças um novo repertório de valores e de comportamentos muitas vezes conflitantes com aqueles exigidos e apresentados nos ambientes escolares. Nas palavras de Saraiva & Veiga-Neto é nesse contexto que a escola vem perdendo o seu lugar na produção dos sujeitos.

## CAPÍTULO

### III

#### **CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A PESQUISA: ANÁLISES, DISCUSSÕES E NOVOS TRAÇADOS**

Precisamos do desassossego para então suspeitar das verdades estabelecidas, historicizar, o que se mostra como natural e normal, sólido e herdado, para produzir teias entre o teórico e o prático considerando a capacidade de cada sujeito... (HARDT, 2008, p.4).

Começamos a pensar os traçados desta pesquisa a partir do desconforto das verdades colocadas como absolutas. Questionar-se acerca dos ditos e não ditos é uma das marcas desta pesquisa, é o convite que o pensamento foucaultiano nos faz de “imersão nesses ditos que se cristalizam e buscar descrever práticas discursivas e práticas não discursivas em jogo” (FISCHER, 2012, p.103).

O mal-estar diante das incertezas da sociedade contemporânea produz problematizações acerca da educação que causam instabilidades na forma como a escola, docentes e alunos estão estruturados. Neste sentido, a integração das tecnologias no cotidiano escolar vem colaborar na inconstância do trabalho docente dentre outras funções escolares. Desta maneira, visando nossa problemática de como as novas tecnologias da informação e comunicação implicam na constituição do sujeito professor na sociedade contemporânea e os questionamentos acerca da autoridade e do saber docente frente às tecnologias, procuramos estabelecer não um método, mas caminhos<sup>17</sup> por onde possamos pensar diferente, e olhar além das coisas que nos são postas em relação à escola como verdades inquestionáveis. Precisamos aprender o exercício da dúvida permanente. Suspeitar em relação as nossas crenças, às nossas nomeações, de tal forma que já as transformamos em afirmações e objetos plenamente naturalizados. Em outras palavras: “trata-se de perguntar, no âmbito escolhido para nosso estudo, como algumas práticas acabam por objetivar e nomear, de determinada forma, os sujeitos, os grupos, suas ações, gestos, vidas” (FISCHER, 2012, p.103).

---

<sup>17</sup> Não existe “um caminho certo” e que, ao encontrá-lo, tudo se resolve como um passe de mágica. Sempre que se produz um novo conhecimento também se inventa um novo e peculiar caminho (COSTA, 2007).

### 3.1 Percurso metodológico

Na intenção de problematizar verdades, desenvolvemos um plano de ação com entrevistas semi-estruturadas. O percurso adotado para a coleta de dados inclui entrevistas constituídas por sete perguntas. As perguntas foram formuladas a partir da problemática da pesquisa, levando em consideração algumas discussões acerca dos posicionamentos que o professor assume na sociedade contemporânea, do deslocamento da escola como espaço exclusivo do conhecimento frente à tecnologia da informação e comunicação. Outros temas recorrentes do espaço escolar também ajudaram a pensar na construção da entrevista, por exemplo, como o professor articula o seu conhecimento em sala de aula diante das redes de informações, como os professores percebem as tecnologias em seu dia a dia, como os professores agem diante do acesso ilimitado que seus alunos possuem com as tecnologias?

Esses foram alguns pontos que possibilitaram pensar as perguntas acerca da constituição do sujeito-professor contemporâneo, do conhecimento e da autoridade docente frente às tecnologias da informação e comunicação que fragmentam o acesso à informação e que permitem outras maneiras de construção do conhecimento que não a habitual estabelecida pela escola. Relações as quais permitem pensarmos um professor das multiplicidades, multifacetado, mergulhado em práticas discursivas que os constituem como sujeitos docentes do nosso tempo.

As entrevistas foram realizadas de duas maneiras<sup>18</sup>, a primeira via correio eletrônico (*e-mail*), o entrevistado ao receber as perguntas via *e-mail* respondia e retornava suas respostas junto com a permissão para usar o conteúdo escrito, neste encaminhamento não tivemos dificuldades em obter entrevistados que gostariam de participar da pesquisa. A segunda maneira foi através da entrevista gravada e transcrita, o entrevistado era questionado a partir das perguntas, o que possibilitou uma conversa. Uma entrevista conversada e conversante no sentido de Larrosa (2003, p. 212-213, reticências do autor) da arte da conversa “que às vezes discute, às vezes dialoga, às vezes debate... mas, sobretudo, conversa. Por isso, uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa...”. As entrevistas gravadas e transcritas ao contrário do primeiro encaminhamento foram mais

---

<sup>18</sup> É importante destacar que o plano de ação inicial sofreu alterações quando muitos professores negavam ser gravados e assim ficou cada vez mais difícil em obter as entrevistas gravadas. Portanto, optou-se por duas formas de entrevistas. A escolha dos professores entrevistados se deu através dos contatos que eu tinha e mais os encaminhamentos dos próprios professores à outros colegas. Aproximadamente 50 e-mails foram encaminhados por mim, obtendo 23 respostas. Por isso, o percurso da minha pesquisa se reconstrói e se configura dessa maneira.

difíceis, pois como se tratava de uma gravação muitos se intimidavam e negavam a participação. Desta forma, precisei utilizar essas duas formas de encaminhar as entrevistas.

Os sujeitos desta pesquisa, na maior parte, atuam em escolas públicas municipais e estaduais de educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, os outros entrevistados atuam em escolas particulares e militares. Muitos deles são envolvidos com pesquisas, projetos e mantêm formação continuada.

Os entrevistados, tendo como critérios de participação na pesquisa à condição de estar no exercício da docência, foram escolhidos por se tratar de agentes constituidores de subjetividades, engrenagens da maquinaria escolar atravessados pelas relações de saber-poder docente. Portanto, a partir de suas escritas e falas poderemos compreender como eles estão se constituindo em meio às novas tecnologias da informação e comunicação e os discursos possíveis que perpassam e estão constituindo-os.

Na perspectiva dos discursos que constituem sujeitos temos o discurso pedagógico estruturado em metanarrativas<sup>19</sup>, numa racionalidade moderna, de uma escola moderna que percorre os espaços contemporâneos instituindo a ação docente, ou seja, as ações que vemos na escola são estabelecidas e conduzidas a partir de discursos que conduzem e constituem as maneiras de pensar e agir. Assim, pensar nas implicações da modernidade na construção das “verdades” e “certezas” no contexto escolar permitiu estabelecer os nossos próprios caminhos para delinear as problemáticas das questões e desconstruir “muitas das ‘inquestionáveis’ premissas do ‘esclarecimento’, que levaram a se acreditar em uma racionalidade infalível e mediadora de todos os discursos, e na existência de verdades transcendentais” (COSTA, 2007, p. 19).

Destaco no quadro abaixo as questões que foram encaminhadas aos entrevistados. No total foram 28 professores participantes da pesquisa. Portanto 28 entrevistas, sendo que 23 entrevistas foram respondidas via *e-mail* (ANEXO 1) e as outras 5 entrevistas foram gravadas e transcritas (ANEXO 2).

---

## **PERGUNTAS ELABORADAS PARA A ENTREVISTA**

---

1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizado e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você de considera hoje?
  
2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?

---

<sup>19</sup> Ver: SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às metanarrativas educacionais. In: \_\_\_\_\_. O sujeito da educação. Ed. Vozes, 2011.

3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?
4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a *Internet*? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?
5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na *Internet*?
6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da *Internet* para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?
7. Em que sentido a *Internet* pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?

---

## 2 - Quadro das perguntas elaboradas para a entrevista da pesquisa.

É importante esclarecer que as perguntas elaboradas não tiveram a intenção de compreender uma única e específica realidade, pois estamos diante de diversas realidades que compõem o campo escolar. Corazza explica que:

àquilo que chamamos de *realidade* são constituídas pela(s) perspectiva(s) teórica(s) de onde olhamos e pensamos esta mesma realidade. Portanto a realidade não se baseia em uma única realidade, mas tantas *realidades*, quantas sejam aquelas que podemos<sup>20</sup> enunciar, conhecer, pensar, discutir, disputar sobre se chamamos *aquilo* de realidade, ou não (CORAZZA, 2007, p. 112-113, grifos do autor).

Ainda no sentido de Corazza (2007, p. 112) não há como encontrar a “verdade na/da realidade, ou a realidade verdadeira, bem como não existe a *falsa* realidade”. Por isso, as perguntas irão contemplar realidades diferentes de um mesmo tema ou conceito. E o que irá permitir que todos se entendam no mesmo assunto é a formação histórica<sup>21</sup>, produzidos por mecanismos e estratégias de poder-saber-verdade que permitem a todos falarem de uma mesma coisa. A realidade assume muitas formas, tantas quantas nossos discursos sobre ela forem capazes de compor (COSTA, 2007a, p.148).

As questões irão possibilitar a prática de pesquisa no sentido que Corazza (2007, p.121) atribui sobre as “escolhas” metodológicas. “Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle”, ou seja, a forma como foi

---

<sup>20</sup> E a coisa toda é da ordem do poder, mesmo. (nota do autor)

<sup>21</sup> Formações que constituem coordenadas sociais, culturais e de subjetivação - produzidas em condições históricas determinadas, dentro de certos regimes, relações e lutas de poder, saber, verdade -, que atendam a necessidades práticas e a propósitos pragmáticos específicos. Que marca o lugar discursivo de onde saímos; de onde falamos e pensamos; também de onde somos faladas/os e pensadas/os; de onde descrevemos e classificamos a(s) realidade(s) (CORAZZA, 2007, p. 112-121).

desenhado o percurso dessa pesquisa não se configurou em escolher esta ou aquela metodologia, por tal ou qual método, mas sim por uma prática de pesquisa que nos “toma” no sentido de ser para nós significativa. Ainda nas palavras de Corazza:

A “escolha” de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivados/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isso, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou (CORAZZA, 2007, p.121).

Não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento, o que de fato faz a diferença são as problematizações, interrogações que podem ser formuladas de diferentes maneiras de perceber as relações entre saber e poder. “Os ‘novos olhares’ dizem respeito à essas novas - ou talvez seja melhor dizer *incomuns* - formas de conceber um tema como problema de investigação” (COSTA, 2007, p.16).

Nossas ideias sobre as coisas constroem as coisas e, por isso, faz de nós participantes da política da verdade (COSTA, 2007). Assim, a partir de análises, discussões e problematizações, mesmo dentro de um campo conceitual já naturalizado, estaremos contribuindo para um caminho intrigante sem deixarmos ser asfixiados pelo que é verdadeiro ou falso. Um caminho incerto é traçado, possibilitando saídas, frestas, desvios para escapar das redes homogeneizadoras.

### 3.2 Discursos que constituem sujeitos

As teorizações foucaultianas sobre discurso tem contribuído produtivamente nas investigações no campo educacional na medida em que crescem nessa área pesquisas que se propõem a “analisar discursos”. Esse referencial teórico e metodológico oferece elementos para discussões sobre o conceito de discurso em Michel Foucault. A teoria foucaultiana do discurso - enunciado, prática discursiva, sujeito do discurso, heterogeneidade discursiva - passam a ser importantes para pensar a forma pela qual os discursos constituem os sujeitos de forma a conduzir seus comportamentos.<sup>22</sup>

Nossa pesquisa não será um estudo do discurso docente, mas o sujeito como efeito discursivo. Nas palavras de Pinto:

---

<sup>22</sup> Ver FISCHER, Maria Rosa Bueno. Artigo originalmente publicado em Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, São Paulo (SP), v.114, p.197-223, 2001, com o título “Foucault e a análise do discurso em educação”.

A teoria do discurso está intimamente ligada à questão da constituição do sujeito social. Se o social é significado, os indivíduos envolvidos no processo de significação também o são e isso resulta em uma consideração fundamental: os sujeitos sociais não são causas, não são origem do discurso, mas são efeitos discursivos (PINTO, 1988, p.25 apud FISCHER, 2012, p.82).

Para tanto, atentamos para o conceito das práticas discursivas, por entender que dentro do corpus de análise “exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras e expor as relações que se dão dentro de um discurso” (FISCHER, 2012, p.75). Isso quer dizer que as “coisas ditas” dos professores nesta pesquisa são amarradas às dinâmicas de saber e poder de seu tempo, desta maneira, as respostas são relacionadas à práticas discursivas as quais não se confundem com a mera expressão de ideias, pensamentos ou formulações de frases.

As práticas discursivas assumem posições de subjetivação que permitem pensar o professor de hoje e os possíveis deslocamentos quanto ao discurso pedagógico, pois, se os discursos constituem sujeitos poderemos compreender de que maneira eles estão perpassando os professores atualmente e quais as condições de possibilidades de novos pensamentos que se articulam dentro da escola moderna na contemporaneidade.

As condições da formação discursiva, ou seja, as condições de possibilidades que o discurso propõe darão um novo olhar para a pesquisa a partir das novas tecnologias, dando margens a um novo discurso dentro da instituição escolar, aquele não mais estruturado no século XVIII. Assim, considerando as “coisas ditas”, os atos de fala dessa pesquisa, podemos dizer que “se inscrevem no interior de algumas formações discursivas e de acordo com um certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente e afirmando verdades de um tempo” (FISCHER, 2012, p.79). Neste sentido, as “coisas ditas” pelos sujeitos-professores vão permitir compreender dentro do sistema escolar que discurso vem se constituindo em meio às mudanças sociais, especialmente em relação às tecnologias da informação e comunicação implicando numa reconfiguração docente. Entender como esse novo discurso esta formando determinadas verdades, em relação ao conhecimento e autoridade docente, é importante, visto que se está construindo e conduzido um novo sujeito-professor, deslocado daquele discurso moderno totalizador e homogeneizador.

As escritas e falas analisadas a partir do referencial teórico foucaultiano ignoram o sentido de que existe algo por trás das cortinas, algo a ser descoberto e a ser desvendado. Não há o que enganar, por isso, buscar essas verdades e questioná-las, passou a ser um exercício constante para entender as “coisas”. Neste sentido, consideramos o que foi expresso pelos

professores não com a intenção de avaliar sua veracidade ou falsidade, tampouco estivemos preocupados em entender o que estaria subjacente a suas enunciações, ou seja, seus significados ocultos. Ao contrário, buscamos permanecer na superfície dos ditos, articulando-os, de modo a estabelecer entre eles convergências e também deslocamentos, contrapontos, tensionamentos. Desta maneira, duvidando das certezas descartamos a ideia determinada das coisas: tudo é assim, tudo sempre foi e sempre será assim e embarcamos procurando os começos e não as origens. Isto é, não interessa mais determinar o que compõem a origem de um discurso, mas o que faz com que algo apareça como verdadeiro quando este discurso é manifestado.

Em meio às falas e escritas dos entrevistados poderemos entender o que está sendo manifestado diante das problemáticas que circulam no espaço escolar contemporâneo. Desta forma, possibilitando discutir as verdades instituídas a partir das instabilidades e das incertezas que dão lugar a novos pensamentos frente ao trabalho docente.

Para Foucault (1979), o discurso não é somente lugar de expressão de um saber, expressão de algo, tradução de alguma coisa que estaria em outro lugar, o discurso engaja todo um domínio de saber, todo um tipo de poder. Na escola os discursos que circulam estão imbuídos de saberes que não só expressam-se, mas juntos com o poder se exercem. Significa que ambos estão articulados e estão em constante ligação, “se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (MACHADO, 1979, p. XXI). Por isso, as relações de saber-poder na escola, na educação, aparecem indissociáveis. Michel Foucault (1979, p.142) exemplifica: “não se pode compreender nada sobre o saber econômico se não se sabe como se exercia, quotidianamente, o poder, e o poder econômico”. Assim o filósofo declara que o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder:

O humanismo moderno se engana, ao estabelecer a separação entre saber e poder. Eles estão integrados, e não se trata de sonhar com um momento em que o saber não dependeria mais do poder, o que seria uma maneira de reproduzir, sob forma utópica, o mesmo humanismo. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder (FOUCAULT, 1979, p. 142).

O discurso, em meio às relações de saber-poder, produz sujeitos a partir de práticas discursivas que se constituem em regimes de verdade. Nas palavras de Veiga-Neto (2007, p. 93) isso equivale a dizer que as práticas discursivas moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele. Portanto, os dados das entrevistas dessa pesquisa fazem parte de práticas discursivas que compõem o espaço educacional, desta



maneira as palavras conforme os professores descrevem seus comportamentos e suas ações permitem compreender o lugar que eles ocupam hoje. Conforme Veiga-Neto (2007, p. 99), “as palavras e seus sentidos se estabelecem sempre discursivamente”.

Pensar com a ferramenta de análise discursiva foucaultiana permitiu um questionamento das verdades instituídas em um discurso que desclassifica outros saberes, ou seja, “entender como este faz do seu discurso um dispositivo de poder capaz de convencer e governar outras pessoas” (VANDRESEN, 2008, p. 10). Foucault (2006) afirma que em todo discurso é necessário questionar qual a vontade de verdade está presente, vontade que defini o que pode ser dito e pensado, mas acima de tudo como ser dito e pensado. Assim, a escola tem suas verdades construídas de uma sociedade disciplinar moderna, ainda de um tempo na qual, hoje, essas verdades precisam ser questionadas e pensadas de formas diferentes.

O discurso pedagógico, calcado nos pensamentos filosóficos de uma educação liberal, natural, ligada a interesse, crescimento, desenvolvimento, maturação e meio, se fundamenta em conceitos de uma nova linguagem que desde então e até hoje, está no âmago dos discursos pedagógicos (NOGUEIRA-RAMÍREZ, 2011). Assim, com esse discurso que perpassa o ensino somado com as mudanças contemporâneas em relação às tecnologias, utilizamos as análises dos dados dos professores entrevistados para compreender uma possível reconfiguração de pensamentos frente às inovações tecnológicas. Neste aspecto, levando em consideração que a escola está perdendo seu lugar primordial de ensino e “fabricação” de sujeitos.

### **3.3 Sujeitos do discurso**

A partir das respostas dos entrevistados podemos perceber que os assuntos levantados pelas perguntas caracterizam incertezas e instabilidades em relação ao seu *status* no espaço escolar. Isso confirma as questões que o autor Zygmunt Bauman (1998) vem afirmando sobre mal estar na pós-modernidade, sobre o mundo das incertezas, do desencaixe do mundo sólido à navegação nos mares das incertezas.

As inconstâncias da atualidade no âmbito educacional cada vez mais desestabilizam o sujeito-professor, esse desconforto diante das ações docentes parte do pressuposto de que discursos pedagógicos modernos, instituídos como verdades absolutas, inquestionáveis, não mais sustentam as condições da contemporaneidade. Há um deslocamento muito grande entre a escola moderna constituída em parâmetros de um sujeito centrado, individual, para a escola de hoje, que se encontra na multiplicidade dos sujeitos. Esses movimentos de dúvidas e

incertezas podem ser observados em vários momentos da entrevista, e podemos dizer que já é uma característica do estado líquido referido por Bauman sobre a fluidez das coisas que constitui a contemporaneidade.

Observamos então algumas passagens considerando as questões acima:

Como EU vejo atualmente assim, eu vejo um misto das 3 coisas tanto de transmissor, como mediador como facilitador mas eu vejo o professor que atualmente ele não tem mais essa concepção clara, a gente não tem mais a ideia se a gente tá vindo como facilitador do processo de ensino aprendizagem como transmissor, embora eu acho que transmissão não é o termo correto pra isso, transmitir me lembra sempre doença, então não procede questão de transmissão de conhecimento, mas como mediador nesse processo, isso tá muito confuso na área da educação.<sup>23</sup>

Bem eu me considero entre mediador e facilitador e também a gente não deixa de ser transmissor né... Então eu acho que o professor é um pouquinho de cada coisa, transmite, faz a mediação e tenta facilitar esse processo, pra que se torne até interessante pros alunos né que eles tenham interesse em aprender.

Um pouco de cada. Às vezes, para alguns alunos, apenas transmissora de alguns conhecimentos. Em outros casos mediadora do processo e raramente facilitadora desse processo.

A inconstância da forma de agir diante do conhecimento também é atribuída ao contexto escolar no qual fazem parte, subjetivando-os:

Bom, eu acredito que o professor ele pode assumir características dessas 3 conceitos que tu colocou na pergunta. O que no meu ponto de vista delimita a ação do professor é o contexto em que ele trabalha... eu acredito que a minha ação muitas vezes ela se restringe por causa do contexto muito mais a uma transmissão de conhecimento do que um facilitador do processo, tá? Eu acho o que delimitaria, o que eu sintetizaria a minha resposta seria: depende sim de todo o contexto que vai envolver o meu trabalho... Então eu acho que eu me considero no trabalho que eu faço teoricamente uma facilitadora, mas na prática eu venho sendo muito mais transmissora do que uma facilitadora do conhecimento, é o que eu penso.

Em nossa contemporaneidade, onde as informações tomam conta da sociedade, o professor pode sim ser considerado o facilitador do processo ensino aprendizagem. No entanto, na realidade em que atuo, ainda considero-me como mediadora do ensino aprendizagem, talvez porque a minha clientela de alunos não tenha tanto acesso a estas tantas informações. Desta forma, assumo o papel de mediar entre as infinitas informações presentes no mundo e o processo de construção do conhecimento dos meus alunos.

Podemos perceber que a partir das afirmações acima, a ação do professor se confunde de diferentes maneiras a não excluir formas tradicionais de se ensinar. Essa mistura, essa “confusão” de conceitos enraizados por um discurso moderno faz parte da constituição do sujeito docente de nosso tempo. Não se tem um único e infalível mecanismo de disciplina e

---

<sup>23</sup> Por assumir coerente com as posições de Foucault (2009) não nos interessa a autoria, a origem das falas e escritas, mas sim os efeitos discursivos. A partir desse momento as falas dos professores também estão no texto em itálico e com aspas.

organização, já não se castiga para ter ordem e obter resultados, agora os meios são outros. Os processos históricos que levaram essa desfragmentação do docente em transmissor, mediador e facilitador para o que temos hoje, mostra o descompasso com o que temos em sala de aula. Os sujeitos são outros, mas a forma como estamos agindo parece ser as mesmas de séculos passados, arriscamos a dizer que temos uma invenção de novos nomes para os mesmos problemas.

Foucault (1979) nos chama atenção para as relações de saber-poder que constituem comportamentos, subjetivam e conduzem ao governo de si e dos outros. Portanto, essas relações estão imbricadas nas ações docentes. Neste sentido, quando esses professores dizem *“me sinto fazendo de tudo um pouco”* são subjetivados a essa nova ordem discursiva, que não aquela do discurso pedagógico moderno, iluminista, etc, mas um novo discurso que autoriza esse comportamento.

Ainda, acerca das incertezas destacamos que alguns dos professores se posicionaram entre mediadores e facilitadores e deixaram explícitos que *“a teoria de mero transmissor de conhecimento, nem deveria ser se quer citada”*, *“transmissão não é o termo certo, transmitir me lembra sempre doença”*, *“não transmitimos conhecimentos”*. A expressão transmissão do conhecimento incomoda porque a função do professor resumia-se a transmitir, “depositar” o conhecimento que era tido como imutável, enquanto o aluno feito “tabula rasa” recebia, absorvia o conhecimento. Isso remete a um discurso segundo regras que fixaram enunciados sobre a figura do professor detentor de todo o conhecimento.

*“O professor deixou de ser a pessoa do saber supremo e único detentor da informação e passou a ser mais amigo, psicólogo, e confidente de seus estudantes”*. Diante das mudanças sociais o *corpus* educacional se constituiu de outras maneiras, o professor é atravessado por outros pensamentos pedagógicos, por discursos que os constituem, por práticas discursivas segundo “o qual se ‘sabe’ o que pode e o que deve ser dito, dentro de um determinado campo e de acordo com uma certa posição que se ocupa nesse campo” (FISCHER, 2012, p.79). Esse discurso pedagógico tradicional negado pelos professores é atravessado por outros discursos, que possibilitam o sujeito docente ter diferentes respostas quanto a sua ação docente, afirmando verdades de seu tempo.

As discussões acerca dessas problemáticas caracterizam o professor como multitarefas, como professor multifacetado, frente aos diversos contextos escolares. No entanto, as multiplicidades que o professor enfrenta não interferem na sua importância no mundo contemporâneo, eles entendem que são *“peças chaves em meio a tantas informações”* e *“que jamais as novas tecnologias, mesmo as robóticas, poderão substituir o papel humano”*

*do professor*”. É importante destacar que em relação à pergunta como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo, os docentes relacionavam sua importância comparando com as tecnologias da informação e comunicação, com as máquinas que atualmente compõem a escola, a casa, o trabalho e permitem outro tipo de acesso ao conhecimento. Por exemplo, nas citações abaixo:

Possui total importância, o professor é ainda e jamais deixará de ser o responsável por formar pessoas e profissionais, não existe máquina que substitua as relações pessoais existentes entre professor e aluno, pois o afetivo é essencial para a aprendizagem e somente o professor pode oferecer, sem afetividade, sem amor ninguém aprende, embaso-me em Wallon para afirmar isso.

Com um papel fundamental e muito importante. Jamais o papel de professor será substituído pela interação apenas com as máquinas. Porque educação é uma ação humanizadora e sempre deverá ser alimentada pelas relações humanas e pela mediação de um professor!

Os professores fazem a relação máquina-tecnologia ao fato de elas estarem “invadindo a escola”. Hoje as tecnologias estão muito presentes em nossas vidas, a ponto de estarmos viciados tecnologicamente. O avanço tecnológico marca o tempo em uma era denominada digital. É a televisão digital, *Internet* sem fio, *notebook*, *netbook* cada vez menores, celulares cheios de aplicativos, redes sociais, é uma variedade de inovações tecnológicas que compõem a vida social de modo a não sabermos, muitas vezes, como viver sem elas. A escola não está livre dessas características e por isso, tenta se apropriar, organizar-se dentro de um sistema virtual de conhecimento, da qual os professores são as engrenagens funcionais para essa ação.

Com as tecnologias o professor sai da sua zona de conforto, é desestabilizado frente ao conhecimento que agora tem outras fontes. Frente a isso o professor diz que em geral “*o professor está perdendo seu valor, pois está despreparado, desmotivado e não acompanhando o ritmo acelerado das informações de um mundo globalizado!*”, “*um pouco desfocado e perdendo a direção do seu trabalho*”. A partir das palavras dos professores, outro ponto das entrevistas é levantado: a valorização do professor tanto em relação ao passado, quanto em relação à entrada das novas tecnologias da informação e comunicação que é marcada pela *Internet*.

O discurso da valorização do professor no passado foi atrelado ao respeito e admiração ao *status* de mestre. O discurso está associado à pedagogia tradicional que embora muito criticada por tratar o professor como a figura máxima de poder, o detentor de todo o conhecimento, foi a passagem mais mencionada pelos professores entrevistados. Eles entendem que “*no passado o professor era visto como mestre. Aquele que detinha o conhecimento e que por isso muitas vezes era admirado e respeitado pelos alunos*”. Os

professores afirmam também que “*por isso, era mais valorizado profissionalmente e financeiramente*”.

O que predomina nas falas são discursos de um período histórico em que a escola era o lugar de ensinar valores, costumes, o bom comportamento. Os alunos eram adestrados para uma ordem disciplinar. Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (2009) descreve esses processos de docilização dos corpos comparando várias instituições, como a escola, com as prisões. O castigo era uma forma de poder do professor, assim era usado para corrigir, impor respeito. Na base do medo que os alunos eram controlados. O poder agenciado pelo conhecimento tornava-os admiráveis mantendo o *status* na sociedade:

Creio que o professor já foi mais valorizado pelo aluno. Na verdade a posição hierárquica do professor, no passado, era muito forte e talvez essa posição trouxesse tanto respeito e valorização. A posição de detentor do conhecimento lhe garantia uma posição superior às outras pessoas pertencentes ao processo de ensino.

Conforme a sociedade começa a se desenvolver, várias mudanças sociais, econômicas e políticas subjetivam a forma como a educação é estruturada, discursos de vários campos de saberes constituem diferentes olhares sobre a instituição escolar. Portanto, possibilitando os deslocamentos quanto ao *status* do professor, a sua valorização, etc. São acontecimentos de períodos diferentes que justificam tais ações e que estão vivas em discursos que subjetivam as “verdades” docentes. Verdades essas que são questionadas pelos professores:

Essa é uma pergunta interessante, o professor já foi mais valorizado no passado? em que sentido? Quando a gente tava lá na faculdade estudando a história da educação, que a gente estuda lá o período militar, jesuítica e essa coisa toda, abertura, período militar, escola pública e depois tu vem pro regime da nova democracia e tal, tinha aquela ideia de que ah o professor da época antiga ele era mais valorizado e as crianças respeitavam mais, que era melhor porque vive uma época que a escola pública pagava bem... Isso eu não sei até que ponto é verdade até porque eu não estudei isso a fundo mas tem que levar em consideração que a gente tava tratando de um regime militar. Então naquele regime político vigente no Brasil, tudo tinha um viés militar, porque eles implantaram essa doutrina na sociedade brasileira, então a gente tem mania de dizer de que o professor era mais valorizado durante esse regime anterior do que agora, eu não sei até que ponto isso é verdade.

Para isso, Foucault usa a palavra *episteme*, nas palavras de Veiga-Neto (2007, p. 96) “*episteme* designa um conjunto de condições, de princípios, de enunciados e regras que regem sua distribuição, que funcionam como condições de possibilidade para que algo seja pensado numa determinada época”, ou seja, “o conjunto básico de regras que governam a produção de discursos numa determinada época”. Por isso, podemos entender nas falas dos professores divergências quanto às percepções, uma hora valorizados, outra hora não, aos acontecimentos que tem presenciado durante o tempo de trabalho; São formações discursivas que atravessam e constituem esse sujeito-professor a estabelecer um outro olhar quanto à questão exposta, diferentes respostas a um mesmo campo de saber:

Depende a que passado você se reporta. Desde que sou professora, há 16 anos, o valor nunca mudou e sempre foi baixo. No salário, no respeito às opiniões pedagógicas, na relação com os pais que depositam os filhotes na escola e os querem bem treinados, e nos próprios alunos que vem o professor como um ser que os quer mal e a quem tem que enganar para ter sucesso nos boletins. Estes nem como transmissores de conhecimento não nos consideram. Somos autênticos palhaços, a quem eles fraldam trabalhos (ao colocar nomes de quem não participou, ou ao colar textos inteiros da *Internet*), copiam tarefas dos colegas, trocam de material com colega para não assumir a irresponsabilidade de não fazer deveres ou esquecer materiais, enfim, atitudes completamente descabidas em ambiente educativo.

Talvez no sentido financeiro sim, mas eu acho que tanto no passado como no presente é o próprio professor que faz com que ele seja valorizado ou não, com suas atitudes, seu comprometimento, seu conhecimento.

No Brasil a valorização do professor sempre deixou a desejar. Reconhecimento na sua remuneração, por exemplo. Mas para além desse horizonte, o professor anda perdendo a sua autoridade em sala de aula, todos dizem o que devemos fazer, governo, pais e ficamos impossibilitados de cumprirmos o nosso papel .

Acredito que o professor sempre foi pouco valorizado, embora essa seja uma luta constante por parte de todos os docentes. Parte da sociedade não consegue perceber que o professor é uma das peças mais importantes para uma educação de qualidade. E se ele for melhor valorizado, o ensino poderá melhorar também.

A maioria dos entrevistados afirma que o professor era valorizado no passado por manter um *status* de autoridade do saber e, por isso, era admirado e respeitado. Hoje alegam que os valores são outros, as famílias e alunos são outros, a sociedade se constitui de outra forma: “*a contemporaneidade tem tornado os reais laços afetivos mais frouxos e vulneráveis, substituindo-os, muitas vezes, pela virtualidade que nem sempre consegue responder às necessidades humanas*”. Neste sentido, atrelam a sua valorização não a autoridade, mas sim a sua importância social.

Podemos pensar as diversas percepções dos professores, conforme Veiga-Neto (2007) sugere, como parte de práticas discursivas de uma *episteme* que funciona dando forma e sentido a essas práticas discursivas. Assim, permitem um arranjo de possibilidades de discursos de uma determinada época: moderna ou contemporânea.

Com a entrada das novas tecnologias de informação e comunicação, como a *Internet*, o professor vê mudanças significativas na sua importância como mediador de informações que agora estão espalhadas num ciberespaço, numa rede digital, como diria Pierre Lévy às novas redes de comunicação. “*Os alunos atualmente tem outros meios de busca de informação e pesquisa. Além do professor e dos livros que este orientava*”. Observamos que o discurso agora é outro, os professores são constituídos pelos discursos que envolvem as tecnologias, que circulam dando outros significados as verdades instituídas pelos conjuntos de certezas dos pilares do pensamento moderno. Atentamos às falas dos professores abaixo:

Não existe um gueto, um lugar que você não consiga acessar, se você sabe o que você quer você acha, embora é claro que certas coisas são mais difíceis de achar que outros mas ainda assim se você quer você acha, não existe meio termo, se você quer você acha.

O aluno, mesmo tendo toda a tecnologia a disposição deles sem a mediação do professor eles não conseguem usar essa tecnologia pra o conhecimento deles, eles conseguem usar pra lazer pra entretenimento, mas pra buscar o conhecimento buscar o saber eles não conseguem eles não tem maturidade pra isso.

As informações correm soltas dentro do espaço da *Internet*, o professor em meio a isso articula seus conhecimentos, constrói estratégias para compor o cenário atual, intervindo no que pode e o que não pode ser conhecimento. “*Quadro negro, giz e caderno cedem lugar para ambientes virtuais, redes sociais, blogs e fóruns*”, o professor confronta outras formas, que não as comuns, de agir diante desse novo meio de busca e pesquisa. São subjetivados por uma nova ordem de saber-poder docente, que não aquele estruturado numa racionalidade da razão e da ciência que legitimam o discurso moderno. É pensando em um outro, um outro discurso composto por outros enunciados, por outras práticas discursivas constituindo outros efeitos discursivos, ou outros sujeitos discursivos.

Os professores entendem que as mudanças no campo educacional são importantes já que os alunos são constituídos por esses meios tecnológicos desde crianças. Por isso, os professores acabam que assujeitados à nova ordem de pesquisar e obter informações. Alguns afirmam que se sentem muito bem inseridos na era digital, observamos abaixo:

Penso que a nova geração de professores esteja se sentindo muito confortável com as novas tecnologias, até porque esta ferramenta também nos auxilia para preparação das aulas, controle de avaliações, pesquisa etc... Por vezes, passa pela cabeça que o professor poderia ter um computador em sala de aula. Mas, naturalmente, ainda existem colegas que não se sentem confortável com esses avanços tecnológicos, nem como sendo instrumento de ensino aprendizagem, nem mesmo como uma ferramenta facilitadora de trabalho.

Adoro usar *Internet*, aliás, já estou tão condicionada a utilizar essa ferramenta no planejamento que me preocupo em estar refém da tecnologia tanto na pesquisa quanto na organização do planejamento e várias vezes é da *Internet* que retiro imagens e vídeos para montar a aula, adoro a *Internet* e só deve ficar apreensivo o professor que não se abre para essas mudanças, é sinal que a escola está defasada e seus alunos em outras realidades .

Esses professores fazem parte de um grupo que compõe o quadro do aprender a aprender que, segundo Saraiva e Veiga-Neto (2009, p.199), “significaria tornar-se empresário de si, colocando-se num processo de gestão de si mesmo”. Essa é uma característica atual, na qual os professores atribuem o aprender a manterem-se atualizados e evitar os desconfortos em sala de aula. Nesse sentido muitos não se sentem ameaçados pelas ferramentas tecnológicas, conforme podemos observar:

Eu não me sinto ameaçada, talvez porque sempre tive contato próximo a estas ferramentas e, além disso, minha formação me possibilitou a ter consciência de que o professor deve estar sempre pesquisando, lendo, aperfeiçoando-se, buscando e isso, com certeza ajuda muito a ‘encararmos’ os desafios da profissão, incluindo a inserção das novas tecnologias em nossos planejamentos.

As tecnologias da informação e comunicação auxiliam o trabalho do professor, pois é o que mais vemos hoje: e-mail, sites, redes sociais... devemos estar antenados a essas tecnologias e a tantas outras utilizadas por aí.

Os professores entrevistados garantem estar seguros diante das ferramentas tecnológicas, mas ainda percebemos dentro do contexto escolar aqueles que se sentem inseguros, angustiados com as ferramentas tecnológicas. As incertezas e inquietações vão além dos discursos de não querer aprender e não saber usar as ferramentas tecnológicas, conforme essa professora:

Eu vou dizer que pra mim o professor se sente ameaçado quando o aluno desafia o professor, por exemplo, se o aluno faz uso dessas ferramentas em casa ele tem um amplo leque de informações das quais ele pode fazer uso dentro da web, claro, o aluno muitas vezes ele junta, ele aglomera aquele monte de informações mas ele não sabe fazer o link, ele não sabe, tá como é que eu vou projetar isso dentro do meu contexto como vou aproveitar isso aqui mas ele acha que ele é detentor daquelas informações e ele enfrenta o professor né, como eu já vi em cursinho pré-vestibular, em escolas particulares muito mais em que o aluno desafia o professor, ah mas isso aqui que tu tá trazendo não é novo isso aqui eu já sei oh a anos atrás tá, então nesse sentindo alguns professores se sentem assim escamoteados se sentem preteridos pelo o que a *Internet* pode provocar e realmente se o professor não for aquele uma pessoa que busca né, desatualizado, o aluno faz gato, literalmente a expressão bem popular, gato e sapato do professor dentro da sala de aula, e isso é verdade, então tem os dois lados da questão.

A busca por outras formas de aquisição de informação e geração de conhecimento desloca o saber-poder docente em relação ao conhecimento, aquele centralizado no espaço escolar. A partir da fragmentação das informações, por meio da *Internet*, o sujeito-professor é descentralizado, distanciando-se do centro do saber objetivado pela educação moderna. Nas palavras da professora “*depois que chegou a era das tecnologias, há professores que sentiram-se ameaçados por pensarem que com elas, ele deixa de ser o ‘centro das atenções’, ou o que dispõem de mais informações*”. Assim, a partir da dúvida do sujeito-aluno o professor torna-se vulnerável e seu conhecimento é posto em cheque:

Sim, isso os alunos maiores gostam de desafiar o professor e perguntam coisas até de propósito porque eles são assim irônicos e querem deixar o professor assim em situação difícil. MAS eles comigo eles não tiram farinha (risos) porque se o professor agora não é mais o detentor do conhecimento então já vou explicando pra eles né que eu não sou obrigada a saber tudo e que aquele autor que eu usei acredita aquilo e que poderá existir um outro que tenha outro pensamento né em artes, que é minha matéria, na historia da arte. áhh eles perguntaram, eles tinham estudado antes e estavam duvidando do próprio conhecimento do próprio assunto que eu falava sobre a pré historia e eles me questionando: mas como que eu poderia dizer aquilo? como que eu tava dizendo aquilo? e aí eu expliquei, baseado em livros, autores, antropólogos, que estudaram e fizeram pesquisas e chegaram a esse estudo que eu



estou apresentando. Não que ele tenha procurado na *Internet*, mas pra por o professor numa saia justa.

A maioria dos sujeitos-professores da pesquisa não se veem incomodados com a possibilidade dos alunos desafiarem seu conhecimento, pois não são os detentores do saber. Muitos acreditam que essa situação desperta o interesse do aluno em pesquisar para a discussão em sala de aula, gerando problematizações e, desta forma, diz a professora “*a Internet deve ser utilizada como um grande recurso de trabalho*”. No entanto, esta característica não ignora o fato do desconforto, da inquietude de questionamentos em relação ao conhecimento dito em sala de aula, na qual os próprios professores se obrigam a saber mais sobre determinados assuntos. Eles veem esse movimento como uma atualização, um desassossego no comportamento já naturalizado e estagnado do conhecimento. Pois se não estão atentos, pode-se esperar em algum momento serem intimidados pelos alunos:

Ainda não fui questionada quando a alguma exposição feita, no sentido da contrariedade. Mas já fui indagada sobre informações vinculadas na *Internet* que ainda não haviam sido lidas por mim. O aluno, muitas vezes, permanece muito tempo obtendo informações na web, todavia essas informações não são conhecimentos consolidados, apenas informações “soltas”. Mas utiliza-se dessas informações para indagar e, muitas vezes, “oprimir” o professor, quando o docente não utiliza essa ferramenta como leitura.

Os questionamentos acerca das “verdades” dos professores são recorrentes posto que nos encontramos no mundo das incertezas e instabilidades. O sujeito-aluno não é mais aquele enclausurado, dividido por paredes, ao contrário, ele se expande, percorre outros mundos de informações não só o da escola. Não se tem mais um local de referência única do conhecimento, o que se tem são outros espaços dispersos numa rede virtual que descentram a informação.

Os desdobramentos das mudanças tecnológicas são percebidos através da aceleração e da instantaneidade que as informações imprimem na percepção do espaço e tempo. Inscrevendo no campo social novas maneiras de apreensão de informações e conhecimentos. Com a informatização livros são encontrados na *Internet*, dicionários, enciclopédias, sites de buscas são *linkados*<sup>24</sup>, indexados a diversos conhecimentos digitalizados na rede. Não precisamos nos deslocar para sermos informados, ao contrário, nossos deslocamentos ocorrem sem sairmos do lugar. As informações vinculadas à redes virtuais de comunicação encurtam distâncias e facilitam o acesso às informações e conhecimentos fora da escola, implicando

---

<sup>24</sup> Ver: LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informação. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

numa (re)leitura do significado do conhecimento estruturado e calcado na ciência da certeza, que conferia autoridade às instituições de saber (SILVA, 2008).

Como referido anteriormente, a escola não é mais o único lugar de informações e conhecimentos, da mesma forma como o professor não é mais a fonte universal. Ambos não representam mais o monopólio da “transmissão” do conhecimento e da informação, eles se afastam da posição central, “segura” e “exata” da forma como as velhas narrativas legitimadoras haviam proposto no saber moderno. Portanto, podemos pensar num descompasso, uma inquietude frente às mudanças constantes experimentadas em nosso tempo, revelando uma percepção de que a velocidade das mudanças sociais não pode ser acompanhada pelas instituições de saber como estão estruturadas na ciência das certezas. Segundo Silva (2008, p.8) “vivemos uma época ‘povoada’ por diversas temporalidades, certezas e incertezas que afetam todas as esferas do comportamento e das relações sociais”. Podemos dizer que estamos frente à possibilidades, das certezas possíveis incorporadas pela instabilidade na qual fazemos parte.

O sujeito-professor destaca a sua importância de ordenar, mediar e controlar as informações. A sua atenção e preocupação quanto a isso é de transformá-las em conhecimento útil no processo de ensino-aprendizagem. A palavra informação nos remete a um dado, uma notícia, um significado que informa algo a alguém, é o ato de informar. Por isso, estamos rodeados de/por informações de diferentes meios: informações da *Internet*, jornais, revistas, programas de televisão, encartes, noticiários, etc, informações que nos chegam a todo instante e que nos colocam em vários campos de saberes. A forma como as informações são compreendidas, estabelecidas e a maneira como elas são usadas e articuladas é que podem designar o ato de conhecer, o conhecimento.

O professor atento às mudanças tecnológicas compreende o uso da *Internet* como importante, desde que seja mediada (controlada) por ele. A partir do leque de opções para o recebimento e busca de informações que a *Internet* proporciona, configura-se o desafio de como controlar informações que estão dispersas num espaço-tempo virtual. Neste sentido, nem toda a informação trazida pelo aluno pode ser considerada um conhecimento legítimo, por isso, os professores exigem as fontes que os seus alunos recorrem.

O fato da procura, da dúvida frente ao conhecimento que não a do professor já designa outro olhar sobre aqueles estatutos de verdades e certezas que sustentavam uma inteligência para as novas gerações. Com o acesso às informações, o conhecimento do professor passa a ser desconfiado. Desconfia-se do conhecimento como verdades acabadas. Não se consegue o controle exato das pesquisas feitas, nem das informações dispersas na rede, por isso o

professor se mune diante de um conhecimento científico (fontes) enraizado por discursos filosóficos que autorizam ou não as informações trazidas pelos alunos.

A maneira de discussão, e de questionamentos a cerca do saber-poder docente dentro da sala de aula, em relação à *Internet*, não desqualifica nem torna inutilizado o conhecimento do professor, o que acontece são novas formas de ver o acesso à informações e conhecimentos no espaço escolar atual. Os professores dizem que a dúvida diante do que é dito por eles estabelece outras relações de aprender, isso instiga a pesquisa e a procura por entendimentos acerca do que é proposto em sala de aula, como afirmam as professoras:

Se fazem, ótimo! Pois, deste ponto de vista o professor está conseguindo estimular à pesquisa, ao conhecimento, ao saber, que não podemos negar que também está na *Internet*. E aliás, se os alunos estão usando a *Internet* para confrontar o professor, isso significa dizer, que o aluno está fazendo bom uso dessa ferramenta, ao pesquisar e comparar aos conteúdos das aulas. Agora, resta ao professor dizer quais são as fontes confiáveis, e alertar o aluno, de que nem tudo que está na *Internet* é verdadeiro.

Para desqualificar não creio. Penso que usam por ser mais fácil e direto, por ser uma linguagem e uma ferramenta dessa geração. E é uma forma de entender, aprofundar, tirar dúvidas e saciar curiosidades. Mas isso serve para ambos, tanto alunos quanto professores.

A curiosidade e o interesse também completam o cenário da busca pelas informações e conhecimentos, configurando outra forma de acesso. A professora descreve que “*eles o fazem porque é prático, porque eles gostam de usar a ferramenta, porque não tem livros em casa, porque não tem tempo ou paciência de buscar livros na biblioteca, porque aproveitam para dispersar a atenção e extravasam a ansiedade teclando com os colegas enquanto ocasionalmente fazem trabalhos escolares*”. “O livro tem agora um concorrente potencial, não porque tenta substituí-lo e sim porque o transcende, sobrepõem-se à escrita imagética, linear e silenciosa” (SILVA, 2008, p.27). Essas são características comuns em se tratando de um tempo efêmero, marcado pela velocidade. Outros espaços são constituídos para a interação de informações e conhecimentos. Espaços virtuais disponibilizam outro lugar de aprendizagem, deslocando a escola como *locus* de saber:

A *Internet* já vem a algum tempo fazendo parte da rotina escolar. Basicamente observo que ela serve como base nas pesquisas. Os alunos tem usado a *Internet* para buscar informações que fundamentem melhor suas justificativas em debates realizados em sala de aula. Além disso, a *Internet* em um período bem menor de tempo consegue apresentar mais informações do que se dirigir, por exemplo, a uma biblioteca. Ele é uma ferramenta que direciona em segundos um assunto a ser pesquisado, ou seja, a dinâmica da pesquisa bem como a dimensão que alcança em um curto espaço de tempo e bem maior que de uma biblioteca.

O espaço-tempo escolar convive com o espaço-tempo tecnológico e juntamente disso o professor articula, media e organiza o acesso. Mesmo que as informações no espaço-tempo

virtual estejam livres o professor elabora outras estratégias de controle para conduzir comportamentos de uma norma para o uso da *Internet*, por exemplo. Em outras palavras, mesmo nas escalas sem fronteiras da informação o professor controla e subjetiva a forma de busca de informações numa escola agora com “paredes” virtuais.

## NOVOS OLHARES PARA NOVOS CAMINHOS

A partir das falas e escritas dos sujeitos-professores expostos nessa escrita, retomamos a problemática e percebemos que a figura do professor em meio às tecnologias da informação e comunicação vem se constituindo a partir de outros discursos que ultrapassam os da escola moderna. A pesquisa possibilitou percebermos o descompasso da escola atual diante de pensamentos pedagógicos que continuam conduzindo comportamentos docentes, desestabilizando o espaço escolar. Esse desencontro faz com que o saber-poder docente caminhe por outra ordem, por outros lugares nos quais as verdades são postas em suspenso, dando outro sentido ao sujeito-professor, subjetivando-o a práticas discursivas do nosso tempo, constituindo-os em sujeitos discursivos contemporâneos.

Desde o final do século XIX e ao longo do século XX, transcorre um período de profundas mudanças, caracterizando oscilações nas formas de se entender, explicar e conceber o mundo em que vivemos. Trata-se de um tempo em que são colocadas sob suspeita boa parte das certezas edificadas ao longo da modernidade. As formas de pensar a tecnologia da informação e comunicação implicam em mudanças que marcam o período das instabilidades em vários campos de saberes, especialmente o da educação. Entramos na era da fragmentação, segundo Costa (2007a) há um desfalecimento dos universalismos, das totalidades.

Nesse contexto, as mudanças nos modos de vida decorrentes das novas tecnologias indicam transformações, inclusive, nas nossas formas de sermos humanos, nas palavras de Costa (2007a, p.146) “somos humanos de outras maneiras, diferentes daquela definida, durante séculos, como a verdadeira humanidade. Há muitas maneiras de sermos humanos e não apenas uma, universal, racional”. Assim é o professor em relação à escola atual, são professores de outras maneiras, diferentes daqueles de tempos passados.

A pesquisa não teve a pretensão de contar a verdade, muito menos encontrar a verdade, mas sim de compreender como se estabelecem os critérios que possibilitam a constituição dessas verdades do nosso tempo. Observamos, então, as tecnologias da informação e comunicação entrando no espaço escolar, modificando as formas de saber-poder docente, atrelando outras formas de buscar informações e conhecimentos. Todo esse movimento está imerso em discursos que definem regimes de verdades que balizam e separam o verdadeiro de seu contrário (VEIGA-NETO, 2007). Portanto, com as falas e escritas

podemos pensar como estão se estabelecendo critérios que possibilitam tais verdades serem ditas.

A pesquisa mais uma vez não teve o intuito de achar respostas certas e verdades absolutas, mas sim *insights* (percepções) que abrem novos caminhos para pensar de outros modos. Pensar de outros modos não no sentido de ir adiante do que já se pensa, nem aumentar o volume pensado, nem a sua densidade e a complexidade. Isto é, pensar de outros modos no sentido de Veiga-Neto e Lopes (2010, p. 159) que:

é sempre uma viagem para fora, cujo roteiro dificilmente já se conhece e cujo destino de chegada quase nunca existe. Como que para tornar tudo mais difícil - mas, ao mesmo tempo, mais excitante -, viajar exige levantar as âncoras, desacomodar-se e deixar para trás o que parecia ser um porto seguro.

Neste sentido, pensar de outros modos as questões levantadas implica a construir novas formas de se relacionar consigo e com os outros, é se mover a partir de uma suspeita frente a tudo aquilo que é dado e que parece óbvio e natural, tentar pensar fora do que já foi dado e pensado (VEIGA-NETO; LOPES, 2010).

Nesse movimento de pesquisa tentamos exercitar as percepções acerca desse estudo deixando ideias em discussão. Assim, voltamo-nos às considerações acerca da constituição do sujeito-professor em meio às tecnologias e descrevemos que, embora se tente controlar informações e conhecimentos nas dependências da instituição escolar, não podemos excluir a facilidade de obtê-las fora dela, sendo que, isso ocorre hoje com o computador e as redes da *Internet*. Com as novas tecnologias há uma desfragmentação das informações, uma descentralização do conhecimento, desse saber antes obtido apenas pelo professor. Desta forma, a docência sofre um deslocamento quanto ao lugar e espaço de informações e conhecimentos, esse lugar de saber-poder perde a centralidade no professor e articula-se com outros meios que possibilitam outras construções de saberes não mais alocados unicamente na figura do professor. Assim, com esse desencaixe do saber, a escola deixa de ser uma instituição unívoca e centralizadora do conhecimento. E assim, podemos pensar em um sistema educacional escolar em crise, que está perdendo a estabilidade a partir dessa desestruturação de saberes.

Contudo, a pesquisa não tem o caráter de esgotar as possibilidades de debates, pelo contrário, as escritas movem-se na intenção de provocar discussões na área da educação sobre as tecnologias e o sujeito-professor. Outros caminhos poderiam ter sido traçados como muito poderia ser dito, no entanto, concluímos este trabalho de pesquisa movida a inquietações e discussões com a intenção de contribuir para problematizações acerca das pesquisas educacionais na área das tecnologias da informação e comunicação na educação. Vale dizer

que a pesquisa se distancia a designar as considerações abordadas em verdadeiras ou falsas, adequadas ou inadequadas e se aproxima a ver os encaminhamentos como discussões futuras, que instiguem novas possibilidades a reflexões que ampliem a compreensão no campo educacional. Assim, novos olhares são lançados para novos caminhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Julio Groppa. *Confrontos na sala de aula: uma leitura da relação professor-aluno*. São Paulo: Summus, 1996.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em sducação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Caminhos investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Caminhos investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007a.
- COSTA, Rogério da. *A sociedade de controle*. São Paulo em Perspectiva, 18(1): 161-167, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22238.pdf>>. Acesso em 19 de junho de 2011.
- DEACON, Roger; PARKER, Bem. Educação como sujeição e como recusa. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DUARTE, André. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: RAGO, Margarete; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DUARTE, André de Macedo. “*Heidegger e a técnica*”. Filósofos em sala de aula. Ed. Vinícius de Figueiredo. São Paulo: Berlendis & Verticchia, 2009. P.202-245. Disponível em <[http://works.bepress.com/andre\\_duarte/14](http://works.bepress.com/andre_duarte/14)>. Acesso em 20 de jun. 2012.
- FABRIS, Elé Henn. A produção do aluno nos pareceres descritivos: mecanismos de normalização em ação. In: LOPES, Maura Corsini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.). *Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.



FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

\_\_\_\_\_. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleções Estudos Foucaultianos).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e trad. De Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul Michel. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além da hermenêutica*. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as coisas*. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. Curso dado no Collège de France (1975-1976). Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France (1970)*. 19 ed. Trad. Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Segurança, Território, População*. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete*. 37. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2009a.

FRÖHLICH, Raquel; SILVA, Mozart Linhares da. Governando “sujeitos especiais” através dos pareceres descritivos. In: THOMA, Adriana da Silva; HILLESHEIM, Betina (Orgs.). *Políticas de inclusão: gerenciando riscos e governando as diferenças*. 1ªed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GALLO, Sylvio; VEIGA-NETO, Alfredo. *Ensaio para uma filosofia da educação - Foucault pensa a Educação*. Revista Educação - especial Biblioteca do Professor 3: Foucault pensa a Educação. São Paulo, p. 16-25, 1º mar. 2007.

GORE, Jennifer M. Foucault e educação: Fascinantes desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, Éric (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HARDT, Lúcia Schneider. Formação de professores: as travessias do cuidado de si. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED. Caxambú – MG, 2008. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT08-1764--Int.pdf>>. Acesso em 4 de jul. 2012.

LARROSA, Jorge. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. Trad. Giane Lessa. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo. Ed. Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Maura Corsini. Inclusão como prática política de governo. In: LOPES, Maura Corsini, HATTGE, Morgana Domênica (orgs). *Inclusão Escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e trad. De Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MAFFESSOLI, Michel. *O instante eterno*. Porto Alegre: Zouk, 2003.

MARSHALL, James. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: Tomaz Tadeu (Org.). Traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. *O panóptico Jeremy Bentham*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NOGUEIRA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. *Pedagogia e governamentalidade ou Da modernidade como uma sociedade educativa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Estudos Foucaultianos).

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro. Contraponto. 2005.

PORTOCARRERO, Vera. Instituição escolar e normalização em Foucault e Canguilhem: Dossiê Michel Foucault. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, número 1, jan./fev.. Disponível em: <[http://www.pgfil.uerj.br/pdf/publicacoes/portocarrero/portocarrero\\_04.pdf](http://www.pgfil.uerj.br/pdf/publicacoes/portocarrero/portocarrero_04.pdf)>.

PRATA, Maria Regina dos Santos. *A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade*. Revista Brasileira de Educação nº 28 jan/fev/mar/abr, 2005. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a09n28.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a09n28.pdf)>. Acesso em 27 de jun. 2011.

REVEL, Judith. Nas origens do biopolítico: de Vigiar e punir ao pensamento da atualidade. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter. *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. In. *Educação & Realidade*. v. 34 número 2. Porto Alegre. mai./ago. 2009.

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Novas tecnologias – educação e sociedade na era da informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 2ª ed. Ed. Vozes, 2002.

VANDRESEN, Daniel Salésio. *O discurso na arqueologia e genealogia de Michel Foucault*. 2008. Disponível em <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Artigos/Daniel\\_Salesio\\_Vandresen.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/Daniel_Salesio_Vandresen.pdf)>. Acesso em 30 de jun. de 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (Orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p. 179-217.

\_\_\_\_\_. Coisas do governo... In: RAGO, Margarethe; ORLANDI, Luis B. L., VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-34.

\_\_\_\_\_. *Foucault & a Educação*. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: RAGO, Margarete; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. 2ª ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Governamentalidades, neoliberalismo e educação. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Foucault: filosofia & política*. Belo Horizonte. Autêntica: Editora, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo; TRAVERSINI, Clarice. Por que a Governamentalidade e Educação. In: *Educação & Realidade*. V.34 numero 2 . Porto Alegre. mai/ago 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corsini. *Inclusão e Governamentalidade*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial p. 956-957, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 27 de jun. de 2011.

\_\_\_\_\_. *Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica*. In: EDT – Educação Temática Digital. Campinas, v.12, p. 147-166, dez. 2010. Disponível em:< <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2311>>. Acesso em: 05 de mai. 2011.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Trad. de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro. Ed. 34. 1993.

**ANEXOS**

## **ANEXO A: Entrevistas respondidas por *e-mail*.**

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 28/02/2012

Prof. Roberto<sup>i</sup>

End. Infantil, Município.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Bom, a minha perspectiva sobre o trabalho docente está pautada em cima dos estudos e pesquisas que tive a oportunidade de vivenciar durante o meu curso de formação aliada a prática didática e pedagógica que hoje posso vivenciar na realidade cotidiana de uma escola pública de educação infantil. Particularmente, dentre as várias vertentes epistemológicas e filosóficas que pude estudar na graduação e ainda hoje depois de formado, mantenho minhas afinidades com a perspectiva “histórico cultural” e da “pedagogia histórico-crítica”, busco fundamentar toda a minha prática, desde o planejamento, a escolha dos materiais a ser utilizado, a forma como abordo os conteúdos e sistematizo a rotina da sala de aula nestas duas perspectivas de educação. Assim, entendo o meu trabalho de professor com um fim explícito, que é o de “ensinar às crianças” os conhecimentos científicos (locais e universais) produzidos socialmente pela humanidade tendo como ponto de partida a realidade concreta vivida pela turma e desta, partindo para uma totalidade mais geral de conhecimento científico. Bom, deste modo, penso que hoje dada à grande produção acadêmica científica inúmeras são as perspectivas sobre o trabalho, a função e o papel do professor na relação educativa da criança com o conhecimento, não considero algo fácil de responder essa pergunta se refletirmos sobre esta dimensão da ação pedagógica, mas, penso que na realidade vivida neste momento por mim e a construção da minha identidade docente entender meu papel como o de um indivíduo histórico e cultural responsável por introduzir, socializar e promover momentos pedagógicos em que crianças pequenas apropriem-se dos conhecimentos socialmente produzidos pelo homem é uma perspectiva na qual vai de encontro com as necessidades e exigências tanto da realidade escolar na qual trabalho como com minha perspectiva pessoal e profissional do que seja educação escolar e de sua função social bem como do meu papel enquanto profissional da educação.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Entendo que hoje, dada a natureza das relações produtivas, na qual o professor exerce seu trabalho/profissão, por se tratar de uma atividade na qual não produz lucro, pois não gera um produto objetivado, acaba por cada vez mais ser esvaziado e desvalorizado em todas as dimensões (profissionais, privadas e sociais) juntamente com a própria história dessa “função, ofício, profissão e/ou emprego (ou como queiram chamar)” estão em crise, pois percebo que

de um lado, há tanto no discurso político quanto acadêmico que “devemos valorizar o professor”, que este é a pedra fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária”, e de outro lado há dentro destas mesmas perspectivas discursos nos quais, alertam sobre a “atual situação” do “professor como sendo precarizado, desvalorizado, doente, etc.”. bom, pensando sobre isso, penso que não basta apenas criticar como também não basta apenas cruzar os braços e esperar que as mudanças qualitativas simplesmente aconteçam do dia para noite, penso que é algo lento, doloroso e que exige muita energia concentrada que deveria partir de dentro da escola e atingir todas os demais seguimentos da sociedade em como também devem partir dos demais seguimentos e chegar até a escola. Penso que não basta melhorar salários e melhorar as estruturas físicas do ambiente escolar, pois, vivo em uma cidade privilegiada na qual ambas reivindicações são bem priorizadas pelo município, entretanto, não quer dizer que sejamos valorizados socialmente e nem que isto tenha sido garantia de “sucesso pedagógico e didático na escola”. Tendo percebido isso, penso que mudanças devem ocorrer nos cursos de formação docente, os quais estão totalmente sucateados em meu entendimento, visto que os próprios profissionais responsáveis pela formação dos educadores muito pouca atenção canalizam para a melhor formação possível, pois, percebe-se nas IES que a prioridade é a pós-graduação e as pesquisas científicas e quando muito as de ordem de extensão, privilegiando a produção de conhecimentos acadêmicos em detrimento de uma formação e preparação dos futuros docentes de escolas publicas com qualidade. É evidente que minha critica é pesada, mas tem fundamento, pois, participei de iniciação científica na minha formação e isto ficou claro, assim, penso que como “proposição de um movimento de mudança qualitativa, dever-se-ia mudar radicalmente o formato como é organizado os cursos de licenciaturas e de formação docente e assim dando condições para que todos os profissionais consigam a partir da sua realidade escolar ir promovendo situações, ainda que particulares e locais, de mudança no cenário e na visão contemporânea dos professores, o que não será fácil e nem rápido mas que exige uma demanda de esforços coletivos para que se possa ao menos por em movimento tentativas de melhoria e não apenas criticas e discursos retóricos vazios sobre a situação.

### **3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Bom, sempre gostei de estudar história da educação e quanto ao professor, aqui faço referência mais sobre o pedagogo (educação infantil e séries iniciais), desde sua “origem” sempre foi desvalorizado socialmente perante a sociedade, economicamente perante os demais profissionais e até em termos de qualificação perante profissionais docentes de outras áreas e/ou níveis de ensino. Não por acaso até muito pouco tempo atrás comumente chamava os pedagogos de “tias”, ainda hoje é corrente esta prática, penso se alguma vez chamaram de “tia e tio” os professores de IES ou os professores do Ensino Médio de matemática, física, português, por exemplo? Obvio que se trata de uma questão histórica que foge os limites da entrevista, mas enfim... Bom, ouço inúmeros discursos de colegas de profissão sobre o “retorno” que as crianças dão na forma de reconhecimento, no entanto, isso não é suficiente e não basta, pois, como já disse antes, dada a importante função desempenhada por nós, para o discurso de formar sujeitos compatíveis com uma sociedade mais igualitária, apenas isto não será suficiente.

### **4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Penso que as novas tecnologias vem para “melhorar e ampliar” a gama e a capacidade do professor usar diferentes recursos didáticos no processo de ensino das crianças e da aprendizagem destas. Não vejo como uma “ameaça” e muito menos como algo “facilitador”,

ao contrario é algo que exige preparação e formação dos profissionais e também exige comprometimento, disciplina, concentração da parte das crianças, bom, pensando assim, tenho a clareza de que as novas tecnologias só tem a contribuir positivamente na relação educativa, obviamente, que há situações de mal uso dessa ferramenta mas penso que gradativamente as escolas e os profissionais da educação irão conseguir, com comprometimento, qualitativamente apropriar-se dessa nova ferramenta e utilizando-a positivamente na aprendizagem das crianças. Grosso modo, penso que o “Google e o Wikipédia” tem muito mais a contribuir no ensino do que “um livro didático”.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Sim e acho que no final da resposta anterior já insinuei tal situação, como dito antes, um livro didático só tem a simplificar e vulgarizar o conhecimento científico e as crianças que estão explorando tudo o que faz parte da sua realidade e que tem acesso a internet, por exemplo, conseguem dar um salto qualitativo tanto em conhecimento quanto em simples informações do dia-a-dia. Por isso, penso que as Tics só têm a contribuir se houver um preparo e qualificação dos professores.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Bom, acho que já dei uma introdução na resposta anteriormente, penso que nada tem de malicioso caso houvesse uma situação destas, o que em algumas realidades escolares pode ser comum, na minha até onde sei e percebi não ocorrera tal situação, mas em conversações com colegas que há muitos anos deixaram de estudar (concluíram o magistério e não deram continuidade na graduação ou pararam nesta e não buscaram mais estudos e pesquisas) percebe-se que “seus conhecimentos e entendimentos sobre determinados assuntos” poderiam ser mais aprofundados e até mesmo mais “atualizados e fundamentais” se fizessem o uso de tecnologias tais como a internet quando falta disponibilidade de materiais para aprofundamento de estudos. Bom, como não presenciei, desconheço as formas como professores agem perante essa situação. Particularmente, faço questão de tentar sempre que possível aproximar minhas crianças com estes tipos de ferramentas, como “mesa interativa, vídeos, filmes, documentários animados”.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Penso que a internet pode e deve ser utilizada na sala de aula como um recurso de “refinamento” nos procedimentos de pesquisa a serem orientados pelo professor e desenvolvidos pelas crianças, como já havia dito antes, a internet é uma ferramenta que permite milhares de possibilidades de aprofundamento, crítica, comprovação e exploração de conhecimentos diversos enquanto o livro didático nada mais promove do que a vulgarização e simplificação do conhecimento produzido pelas crianças e conseqüentemente o empobrecimento da prática pedagógica do professor. Quanto ao papel do professor no uso dessas ferramentas, como já evidenciei acima, entendo como o de mediador nesse processo de instrumentalizar as crianças no uso desta ferramenta tecnológica em favor da produção do conhecimento escolar (e todos os demais tipos e dimensões de conhecimentos e saberes) até que estas, consigam adquirir a habilidade de autonomia no uso desse recurso didático.



## **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 28/02/2012

Prof. Vera

Ens. Fundamental e Médio, Estado.

Respostas:

1. Considero-me, enquanto profissional da educação, um sujeito capaz de construir minha prática englobando os três conceitos apontados na pergunta. Ao levar em consideração, obviamente, todos os fatores envolvidos do contexto de minha prática docente. Há situações de aprendizagem desfavoráveis, que limitam as ações do professor, todavia procuro ser uma facilitadora desse processo, ao criar situações que possam oportunizar relações dialógicas, problematização de assuntos e construção do conhecimento.
2. A importância do professor enquanto agente transformador de realidades jamais será substituída por recursos tecnológicos ou relegada a um plano secundário. A função social do professor é de facilitar a construção do conhecimento e problematizar questões reflexivas e pertinentes. A conversa, os questionamentos, o incentivo são papéis docentes, dessa forma o ato de educar precisa do desequilíbrio que o professor provoca em seus educandos, no sentido do desacomodarem-se com uma possível realidade injusta.
3. Em vários aspectos já houve uma maior valorização da classe docente. Principalmente no que se refere às condições de trabalho. Em vários momentos, o docente conta apenas com seu conhecimento e criatividade para elaborar e ministrar suas aulas, tendo em vista que as escolas estão sucateadas, sem recursos didáticos que auxiliem no processo, os períodos direcionados às aulas cada vez menores e os educandos cada vez mais desfocados do processo. Tais condições cerceiam a valorização do trabalho. Afora questões relativas à baixa remuneração que fazem parte do cotidiano de professores da educação básica, os quais precisam desenvolver suas atividades em várias escolas, em busca de condições mais dignas de vida.
4. Respondo a esta pergunta totalmente com base em minhas experiências. Não percebo maior valorização do professor. Alguns professores desinformados utilizam essas ferramentas de maneira inadequada, substituindo seu papel de facilitador e mediador pela máquina; outros não sabem utilizar essas ferramentas, e poucos fazem uso adequado delas, com maneiras enriquecedoras e construtivas de oportunizar construção de conhecimento dos alunos.
5. Ainda não fui questionada quando a alguma exposição feita, no sentido da contrariedade. Mas já fui indagada sobre informações vinculadas na Internet que ainda não haviam sido lidas por mim. O aluno, muitas vezes, permanece muito tempo obtendo informações na web, todavia essas informações não são conhecimentos consolidados, apenas

informações “soltas”. Mas utiliza-se dessas informações para indagar e, muitas vezes, “oprimir” o professor, quando o docente não utiliza essa ferramenta como leitura.

7 A Internet deve ser utilizada como um grande recurso de trabalho, pois pode oportunizar um sem número de informações e conexões importantes para o contexto de aprendizagem. Todavia, todas as informações disponibilizadas na web devem ser contextualizadas pelo docente, devem ser debatidas num processo dialógico. A Internet é ferramenta, mas jamais pode substituir o professor, que deve ser um facilitador nesse processo de interação. Nesse meio é possível trabalhar tipos de linguagem, variações da linguagem, identificação e estudo dos mais variados gêneros textuais disponibilizados neste meio, análise das produções textuais dos adolescentes nas redes sociais. Toda a forma de desenvolvimento do conhecimento é válida, desde que os papéis nesse processo sejam bem definidos e exercidos com critério e seriedade.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 25/03/2012

Prof. Luana

Ens. Fundamental, Município.

1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?

ACREDITO SER O MEDIADOR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM. A ESCOLA RECEBE CRIANÇAS DE UM MORRO DA CIDADE QUE SE ENCONTRAM EM DIFERENTES SOTUAÇÕES. MINHA INTENSÃO É PROPORCIONAR UMA APRENDIZAGEM QUE CONTRIBUA PARA A VIDA DELAS FORA DA ESCOLA E NÃO APENAS TRANSMITIR UM CONTEÚDO.

2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?

COMO ALGUÉM ESSENCIAL DA CONTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS JOVENS E ADULTOS. SE TU FAZ UM BOM TRABALHO E PARTICIPA DA VIDA DOS TEUS ESTUDANTES ISSO SERÁ VISTO MAIS A FRENTE. PROFESSORES INCOMPETENTES TRANSFORAM ADULTOS INERTES E ALIENADOS FUTURAMENTE.

3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?

SIM. TANTO NA QUESTÃO SALARIAL QUANTO NA QUESTÃO SOCIAL. ANTES UM PROFESSOR ERA O “MESTRE” ALGUÉM DE SUMA IMPORTANCIA NA SOCIEDADE COMPARADO A UM MÉDICO, UM ADVOGADO...HOJE É SUPER DESVALORIZADO SOCIALMENTE E ECONOMICAMENTE.

4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?

ACREDITO QUE A VALORIZAÇÃO NÃO SE FAZ POR MEIO DESSAS TECNOLOGIAS SOZINHAS, TALVEZ EM ESCOLAS PARTICULARES, MAS AO MEU VER ISSO NÃO QUALIFICA O PROFESSOR. AS TICs AUXILIAM O TRABALHO DO PROFESSOR, POIS É O QUE MAIS VEMOS HOJE: E-MAIL, SITES, REDES SOCIAIS...DEVEMOS ESTAR ANTENADOS A ESSAS TECNOLOGIAS E A TANTAS OUTRAS UTILIZADAS POR AÍ.

5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?

NÃO. UTILIZO A PESQUISA NA SALA INFORMATIZADA ONDE OS ESTUDANTES FAZEM A PESQUISA. AUXILIO NOS SITES DITOS CONFIÁVEIS E COMPLEMENTO NOS LIVROS.

6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?

FAZEM USO, MAS NÃO PARA DESQUALIFICAR. EM CASO DE TRABALHOS ESCOLARES, É PREGUIÇA DE FAZER O TRABALHO. QUANTO A PESQUISAS, SERIA UM COMPLEMENTO AO QUE FOI CITADO EM AULA. NÃO CREIO QUE SEJA PARA DESQUALIFICAR.

7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?

ENTÃO, COMO FALEI ANTES, A INTERNET É UM MEIO DE AUXILIAR O TRABALHO DO PROFESSOR E O ENTENDIMENTO DOS ESTUDANTES, JAMAIS COMO ÚNICO MEIO DE APRENDIZAGEM. O PAPEL DO PROFESSOR É MEDIAR ESSAS FERRAMENTAS JUNTAMENTE COM LIVROS E OUTROS MEIOS.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 28/03/2012

Prof. Lúcia

Ens. Fundamental, Município.

1. **O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?** Toda a minha graduação, trabalhamos sob a ótica do professor como mediador, talvez por isso, essa teoria seja mais forte em minha atuação, mas acredito que ele não deixe de ser o facilitador também. Já a teoria de mero transmissor de conhecimentos, nem deveria ser se quer ser citada, entretanto sabemos que ainda existem profissionais que sigam essa linha. O aluno precisa adquirir inúmeras habilidades no âmbito escolar e extracurricular. As escolares, por exemplo, exigem saber ler e interpretar, escrever, resumir, obter conclusões, analisar gráficos e dados, realizar experiências e discutir os resultados obtidos e compreender as relações que existem entre os problemas atuais e o desenvolvimento do mundo como um todo, por exemplo. Isso só será possível, a partir do momento que o professor assumir o seu papel de mediador do processo ensino-aprendizagem, favorecendo a postura reflexiva e investigativa. Desta maneira ele irá colaborar para a construção da autonomia de pensamento e de ação, ampliando a possibilidade de participação social e desenvolvimento mental, capacitando os alunos a exercerem o seu papel de cidadão do mundo. O modo de entender e agir que nos possibilita não nos deixarmos abater pela adversidade e, até mesmo, de utilizá-la para crescer.

2. **Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?** O mundo atual vem sofrendo fortes mudanças, principalmente, nos âmbitos sociais, políticos, culturais e econômicos. Atualmente a globalização e as novas tecnologias são os carros chefe dessa mudança e a educação tem sentido os impactos dessa mudança. Para mediar estas mudanças o educador contemporâneo deve se fazer presente, oportunizando aos alunos o desenvolvimento de capacidades intelectuais de abstração, fluidez de raciocínio, visão crítica de mundo. É preciso mais que saber fazer, aprender e usar, é preciso refazer e comunicar-se através dos novos meios, fazendo deles, parte ao processo e não o processo por inteiro. Penso que jamais as novas tecnologias, mesmo as robóticas, poderão substituir o papel humano do professor. O educador é hoje a peça chave do processo de entendimento de mundo e para criação e valorização de hábitos e valores humanos, de respeito à diversidade das vidas, de análise das possíveis transformações e de busca por ideais éticos e de cidadania para todos. Valorizar o educador é uma tarefa da sociedade atual, na conquista de um mundo mais sustentável, democrático e igualitário na medida certa do amor universal e na concretização de práticas de cidadania em todos os momentos da vida humana.

3. **O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?** Creio que o professor já foi mais valorizado pelo aluno. Na verdade a posição hierárquica do professor, no passado, era muito forte e talvez essa posição trouxesse tanto respeito e valorização. A posição de detentor do conhecimento lhe garantia uma posição superior às outras pessoas pertencentes ao processo de ensino.

4. **Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?** Acredito que essa pergunta somente cada profissional individualmente deve responder, pois é a atuação individualizada do educador que coloca ou não em risco seu trabalho. Ser ou não educador, bom ou mal, cabe somente ao desempenho individual. Você pode ser um educador ou mero “cuidador”, mediador ou transmissor de conhecimento, isso só depende de que forma deseja atuar. Para mim, as novas tecnologias não me trazem ameaças, pelo contrário, são elas que me favorece, um vasto campo para exploração. As novas tecnologias são minhas maiores aliadas no meu trabalho. Não há como negá-las, por isso, é necessário um novo olhar para as ferramentas intermediárias do processo

de ensino e aprendizagem. Quadro negro, giz e caderno cedem lugar para ambientes virtuais, redes sociais, blogs e fóruns. O professor tem o papel de facilitar, mediar, e orientar o trabalho neste meio. Mas, por mais autonomia que as máquinas possam trazer aos alunos, cabe a ele indicar dados confiáveis e endereços de páginas na internet que realmente acrescentem ao aprendizado, e isso é um papel que a máquina, provavelmente, não substituirá o lado racional do ser humano.

5. **Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?** Não, eles terem questionado a veracidade, mas terem trazidos assuntos interessantes para debate sim. A internet, por exemplo, dá ao leitor inúmeras informações, grande parte delas deturpadas. Cabe no caso da atuação do professor, mediar esses conhecimentos trazidos pelo aluno tornando-os verdadeiros.

6. **Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** Não, de forma alguma. Sabe-se quem nem mesmo o professor é dotado de todo o conhecimento existente, até ele mesmo, tem sempre algo a aprender, inclusive com o próprio aluno. Como referi anteriormente ainda sigo a tese em que ele serve de mediador do conhecimento e não detentor de todo o saber.

7. **Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** A internet já vem a algum tempo fazendo parte da rotina escolar. Basicamente observo que ela serve como base nas pesquisas. Os alunos tem usado a internet para buscar informações que fundamentem melhor suas justificativas em debates realizados em sala de aula. Além disso, a internet em um período bem menor de tempo consegue apresentar mais informações do que se dirigir, por exemplo, a uma biblioteca. Ele é uma ferramenta que direciona em segundos um assunto a ser pesquisado, ou seja, a dinâmica da pesquisa bem como a dimensão que alcança em um curto espaço de tempo e bem maior que de uma biblioteca.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 28/03/2012

Prof. Cátia

Ens. Fundamental, Município.

**O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Mediador e facilitador! Penso que não transmitimos conhecimentos, pois o conhecimento acontece quando nos dispomos a aprender quando estamos motivados e ou

desafiados a fazer isso! Aí entra as diversas ferramentas para facilitar, desafiar, aprender a aprender, entre elas às novas tecnologias da informação e comunicação. Mas ainda devemos ter e transmitir muitos conhecimentos e leituras sobre aquilo que ensinamos. E nós educadores temos que dominar e acompanhar usando essa tecnologia em nosso favor! Enfim um pouco dos três.

## **2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Com um papel fundamental e muito importante ainda que é de educar e fazer com que os conhecimentos se ampliem e aconteçam. Como alguém que deva ter ótimos conhecimentos e facilidade de interagir com tudo que cerca o mundo moderno, atual. Propiciando, facilitando, organizando **E DANDO CONDIÇÕES PARA QUE OS CONHECIMENTOS ACONTEÇAM**. Isso é o que entendo, que Jamais o papel de professor será substituído pela interação apenas com as máquinas. Porque educação é uma ação humanizadora e sempre deverá ser alimentada pelas relações humanas e pela mediação de um professor! Mas vejo que a visão geral é que o professor está perdendo seu valor, pois está despreparado, desmotivado e não acompanhando o ritmo acelerado das informações de um mundo globalizado!

## **3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Penso que sim em alguns aspectos. Como Por exemplo: tinha mais criatividade, vontade de criar suas aulas. E modificava conforme as respostas dos alunos. Seu conhecimento era percebido e admirado. Tinha mais autoridade e recebia maior respeito! Sua remuneração nunca foi a ideal, nem correspondente à prioridade que se deve dar a educação. Mas o prazer em estar ali existia. Hoje os alunos não querem ouvir, discutir estão desmotivados e os professores reclamam e imploram por melhores condições de trabalho. E nesse jogo não dão conta da complexidade que é lidar com a educação.

## **4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Sim percebo que qualquer assunto podemos encontrar lá na internet. Mas temos que correr atrás e nos atualizar. Muitos não estão sabendo utilizar, selecionar sites e aprofundar discussões. Não é porque eu pesquisei, li que não vou precisar discutir mais o assunto. Não me sinto ameaçada por essas ferramentas. Mas ainda não utilizo da melhor forma!

## **5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Já ouvi falar, que alguns professores deixam seu conhecimento estagnado e não são atualizados como deveriam. Mas nem tudo que está na internet é correto ou supera a discussão e as percepções do professor. E nem sempre o conhecimento que o professor adquiriu é suficiente para todos os alunos. É relativo depende de vários aspectos... depende das vivências, das leituras feitas, das posturas do professor, da abordagem e discussões realizadas.

## **6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Para desqualificar não creio. Penso que usam por ser mais fácil e direto, por ser uma linguagem e uma ferramenta dessa geração. E é uma forma de entender, aprofundar, tirar

dúvidas e saciar curiosidades. Mas isso serve para ambos, tanto alunos quanto professores. Por isso não me sinto ameaçada!

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Para pesquisas de assuntos abordados. Onde o professor deverá ter bons conhecimentos prévios e saber como explorar e encaminhar os questionamentos, conhecendo sites fazendo o aluno pensar e se posicionar! Além disso o recurso visual é muito mais envolvente e os jogos desenvolvem muitas habilidades!

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 29/03/2012

Prof. Marla

Ens. Médio, Município.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Estou ainda me adaptando a realidade escolar, procuro sempre ser aquele que motiva os alunos a construir o significado daquilo que se estuda, mas no ambiente escolar em que me encontro, diante da realidade e dos interesses de meus atuais alunos, me sinto um transmissor de conhecimento.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

A importância do professor no mundo contemporâneo vai além do processo de ensino de conteúdos, nossa responsabilidade é também orientar e auxiliar os alunos em sua formação como cidadão.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

No passado o professor era visto como mestre. Aquele que detinha o conhecimento e que por isso muitas vezes era admirado e respeitado pelos alunos.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Não, para mim nada substitui o contato professor-aluno. Onde os diálogos esclarecem de forma simultânea as dúvidas e incertezas causadas durante o processo de aprendizagem. O professor não pode se sentir ameaçado, e sim capaz de se adaptar a essa nova realidade e usá-la a seu favor.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Ainda não.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Acredito que isso possa ocorrer em algumas situações. Mas não é algo muito comum. Nessa caso, ressalto a importância do professor estar em constante aperfeiçoamento. Saber valorizar a iniciativa do aluno em pesquisar o assunto e não assumir uma postura de fragilidade frente a esse comportamento. A sinceridade do professor frente aos desafios e suas incertezas deve sempre prevalecer nessa relação.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Na maioria das vezes a internet é uma ferramenta complementar aos estudos. O professor deve orientar sobre a relevância das informações disponibilizadas na rede, e sobre a confiabilidade dos sites que serão acessados. Para pesquisas e jogos educativos é uma fonte rica. Em Matemática muitos aplicativos e softwares são encontrados, para serem utilizados na sala de aula como ferramenta de ensino-aprendizagem.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 15/12/2011

Profa. Júlia

Ens. Médio, Estado.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?** Um pouco de cada. Às vezes, para alguns alunos, apenas transmissora de alguns conhecimentos. Em outros casos mediadora do processo e raramente facilitadora desse processo.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?** Acredito que ainda nos dias de hoje, o professor tem um papel fundamental na hora de orientar seus alunos durante o processo de ensino-aprendizagem.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?** Com certeza. O professor era considerado um sábio e muito respeitado por isso. Era mais valorizado profissionalmente e financeiramente.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?** Alguns colegas sentem-se ameaçados sim pelas novas



tecnologias, mas isso deve-se ao fato de não dominá-las. Pois estas ferramentas só enriquecem nosso trabalho.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet? Até o momento não.**

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** Não. Penso que eles a utilizam para pesquisa, para adquirirem mais conhecimento.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** Para tornar as aulas mais interessantes. O papel do professor é planejar adequadamente a aula, orientar as atividades e direcionar a aprendizagem. Não adianta levar a turma para sala digital sem ter conhecimento de como funciona, sem planejamento, pois a aula vai “virar bagunça” e não haverá aprendizagem.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 25/03/2012

Profa. Ruti

Ed. Infantil e Ens. Fundamental, Município.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Interessante essa pergunta, faz com eu reflita sobre como sou, acredito que oportunizo a construção do conhecimento através da pesquisa, pois trabalho com projetos, metodologia da escola, e por esse fim já me considero mediadora, o conhecimento tem que ser científico ou será apenas empírico passado em gerações sem críticas, no momento em que me proponho a buscar com as crianças e a avançar seus conhecimentos e os meus em uma pesquisa já estou mediando conhecimentos, por isso apenas dos desafios me considero mediadora.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Possui total importância, o professor é ainda e jamais deixará de ser o responsável por formar pessoas e profissionais, não existe máquina que substitua as relações pessoais existentes entre professor e aluno, pois o afetivo é essencial para a aprendizagem e somente o professor pode oferecer, sem afetividade, sem amor ninguém aprende, embaso-me em Wallon para afirmar isso.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?** Certamente, principalmente em salário, mas isto já é uma questão política, que prioriza outras coisas, nossos alunos acreditam que ainda valorizam o professor e o aprender.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?** De maneira alguma, adoro usar internet, aliás, já estou tão condicionada a utilizar essa ferramenta no planejamento que me preocupo em estar refém da tecnologia tanto na pesquisa quanto na organização do planejamento e várias vezes é da internet que retiro imagens e vídeos para montar a aula, adoro a internet e só deve ficar apreensivo o professor que não se abre para essas mudanças, é sinal que a escola está defasada e seus alunos em outras realidades.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?** Não, mas já vivenciei a curiosidade deles que obriga a buscar mais informações e expor o que eles estão querendo saber.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** Não, o professor não é detentor do saber, sou apenas alguém com conhecimento amplo na didática e no educar, os assuntos devem ser pesquisados com os alunos sim para que se construam novos conhecimentos e não para desqualificar ou substituir o professor.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** De muitas formas, como imagens, exemplos práticos, vídeos, documentários, pesquisas sobre o assunto de interesse. O papel do professor é influenciar o saber mais, a busca, a informação e a melhor maneira são só exemplos e utilizando recursos variados para chegar até esse fim.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 29/03/2012

Profª. Carla

Ed. Infantil e Ens. Fundamental, Particular.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Como a pouco tempo exerço minha profissão, considero que minha didática e metodologia se adaptam ao contexto de meus alunos. Acredito que precisamos utilizar em determinados momentos no nosso método um pouco de transmissores de conhecimento, intercalando com mediadores do ensino-aprendizagem, bem como facilitadores desse processo.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Para que a sociedade tenha bons profissionais, sejam eles de qualquer área, antes de tudo, precisam de uma formação de valores, conhecimentos entre outros que só na escola, contudo, o professor ensinará. Este aprendizado transmitido pelo professor acompanhará o indivíduo pelo resto de sua vida. Para que excelentes médicos existam, é necessária, antes de qualquer coisa, a educação que estes tiveram com o professor. E se ser médico é muito importante, a profissão do professor está nos primórdios de tudo, pois é ele quem dará a base de educação e ensino a todo e qualquer ser humano.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Acredito que o professor sempre foi pouco valorizado, embora essa seja uma luta constante por parte de todos os docentes. Parte da sociedade não consegue perceber que o professor é uma das peças mais importantes para uma educação de qualidade. E se ele for melhor valorizado, o ensino poderá melhorar também.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Acredito que as novas tecnologias tem propósito de aliar-se aos professores, porém está no professor saber utilizá-la em sua metodologia. Na atualidade, a maioria dos estudantes tem acesso a internet, e se não for trabalhado com os jovens de como utilizá-la, ocorrerá mau uso, passando a não auxiliar tanto quanto poderia na educação. Professores que resistem as novas tecnologias, podem sim se sentirem ameaçados.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Até o presente momento não. Bem pelo contrário, já tive alunos confirmando assuntos abordados na sala de aula, em pesquisas realizadas na internet.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Como trabalho com anos iniciais, desconheço até o momento tal situação.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Pode ser utilizada em pesquisas de determinados assuntos, pois na prática, quando os alunos precisam procurar informações, passa a ter grande significância para eles. Também jogos onde os alunos poderão praticar conhecimentos já adquiridos de forma lúdica. O professor deve utilizar esses recursos sempre que possível e oportuno, pois será uma forma lúdica e prazerosa para os alunos. Também deve saber fazer bom uso desse recurso e ensinar o mesmo a seus alunos.

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista

será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 03/04/2012

Profa. Flávia

Ens. Fundamental, Militar.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Atualmente um pouco dos três. Muito do que o professor consegue ser depende também da demanda. Tenho muitos alunos completamente apáticos, outros preguiçosos porque tem acesso a fontes mas assume ter preguiça de alcança-las, outros dispensam as aulas porque têm tamanho interesse que buscam informação e leitura independentemente das orientações do professor ou do programa do curso. Então para muitos sou transmissora porque eles sequer lêem o livro que compraram como base para estudos da disciplina. Pra outros sou mediadora/facilitadora (não sei bem o limite entre eles) porque, se não tem conhecimentos prévios, ao menos fazem as leituras e exercícios recomendados e apresentam feedback positivo ao possuírem, em momento posterior, condições de dialogar sobre o tema passado.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

A importância está na problematização das temáticas que vai além da discussão de temas/conteúdos. A relativização, a associação de ideias, o questionamento da realidade são oportunidades de problematização que são imprescindíveis para grupos em formação de opinião.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Depende a que passado você se reporta. Desde que sou professora, há 16 anos, o valor nunca mudou e sempre foi baixo. No salário, no respeito às opiniões pedagógicas, na relação com os pais que depositam os filhotes na escola e os querem bem treinados, e nos próprios alunos que vem o professor como um ser que os quer mal e a quem tem q enganar para ter sucesso nos boletins. Estes nem como transmissores de conhecimento não nos consideram. Somos autênticos palhaços, a quem eles fraldam trabalhos (ao colocar nomes de quem não participou, ou ao colar textos inteiros da internet), copiam tarefas dos colegas, trocam de material com colega para não assumir a irresponsabilidade de não fazer deveres ou esquecer materiais, enfim, atitudes completamente descabidas em ambiente educativo.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Não vejo mudança. Não me sinto ameaçada. Só tenho mais trabalho porque tenho que checar também por “copy/paste” de que blog desautorizado intelectualmente meus alunos retiraram as informações para eu argumentar o “zero” de grau que eu atribuo a eles.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet? Sim, diversas vezes. Alguns percebem o erro, outros (quando há fundamento), debatemos as fontes, checamos novamente e chegamos a um consenso.**

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Não fazem isso não. Na minha experiência eles o fazem porque é prático, porque eles gostam de usar a ferramenta, porque não tem livros em casa, porque não tem tempo ou paciência de buscar livros na biblioteca, porque aproveitam para dispersar a atenção e extravasam a ansiedade teclando com os colegas enquanto ocasionalmente fazem trabalhos escolares.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Gostaria muito de ter acesso a internet dentro da sala de aula. Há muitos sites seguros e com conteúdos interessantíssimos e convenientes para serem utilizados no momento da aula. Economizaria memória nos pen drives ou notebooks dos professores além do trabalho em montar apresentações com aqueles conteúdos desses sites. Muitas vezes tenho um site com um mapa interativo, que apresenta mudanças nos limites territoriais no decorrer dos séculos, porém não posso usar em sala. Também não consigo baixar a demonstração muito menos sei fazer-la porque transcende minhas habilidades enquanto especialista em outra área que não computação/operação ou artes gráficas. Muitas vezes quero mostrar os recursos de um site institucional mas acaba acabando em “clica no link tal, abre a aba tal” perdendo a informação que poderia ser melhor observada.

O professor deve demonstrar como acessar e utilizar as informações de forma segura e inteligente no sentido do aproveitamento delas.

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 15/03/2012

Profa. Soraia

End. Infantil, Município.

**Respostas:**

1. Em nossa contemporaneidade, onde as informações tomam conta da sociedade, o professor pode sim ser considerado o facilitador do processo ensino aprendizagem. No entanto, na realidade em que atuo, ainda considero-me como mediadora do ensino aprendizagem, talvez porque a minha clientela de alunos não tenha tanto acesso a estas tantas informações. Desta forma, assumo o papel de mediar entre as infinitas informações presentes no mundo e o processo de construção do conhecimento dos meus alunos.

2. A importância continua a mesma dos tempos passados. Entendo que o que muda é o seu papel ou trabalho na sociedade em que atua.

3. Acredito que sim, porque no passado ele era considerado o detentor do saber e hoje já não é mais. Hoje ele é muito questionado e muitas vezes até ridicularizado em seu 'saber'. Lembrando que isso para mim não fere em hipótese alguma sua importância na vida (e na formação) de cada um de nós.

4. Com certeza muitos educadores sentem-se ameaçados por estas ferramentas tecnológicas. Percebo que isso ocorre principalmente por causa do aumento de responsabilidade do educador estar buscando cada vez mais a formação continuada. Eu não me sinto ameaçada, talvez porque sempre tive contato próximo a estas ferramentas e além disso, minha formação me possibilitou a ter consciência de que o professor deve estar sempre pesquisando, lendo, aperfeiçoando-se, buscando e isso, com certeza ajuda muito a 'encararmos' os desafios da profissão, incluindo a inserção das novas tecnologias em nossos planejamentos.

5. Sim, foi em meu estágio. Estudávamos sobre a páscoa quando uma criança me questiona sobre algo que ele lera na internet. Tranquilamente respondi a questão. Mas neste dia tive a confirmação da importância que tem em o professor ter o hábito de ler e pesquisar muito antes de falar sobre um assunto com seus educandos.

6. Acredito que não, até mesmo porque professor e aluno devem construir juntos o conhecimento, um ajudando o outro. Neste tempo e espaço da escola todos deveriam ter a humildade de saber que estão ali para construção do saber e não para achar que a internet é a única detentora do saber e com isso desqualificar o trabalho do educador.

7. Como educadora, percebo cada vez mais que devemos ter muito cuidado e atenção ao utilizarmos esta ferramenta em sala de aula. Realizar pesquisas em sites seguros, recomendados e procurar **sempre** ler e planejar a aula antes de desenvolvê-la com os educandos. Utilizada desta maneira a internet é uma excelente ferramenta pedagógica que poderá proporcionar aos alunos a construção do conhecimento de forma bastante 'atrativa', interessante, lúdica.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 26/03/2012

Profa. Carmem

Ens. Fundamental, Município.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Hoje me vejo como mediador do processo de aprendizagem, apesar de mais difícil, também busco facilitar a aprendizagem do aluno.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

O professor, atualmente, sem dúvida, tem mais responsabilidade sobre as crianças que tem formado, uma vez que essas, já não possuem uma família presente para educá-las para viverem em sociedade. As crianças têm passado mais tempo dentro da escola, mais tempo com os professores, do que propriamente com a família que possui. E mesmo que o professor não queira assumir tanta responsabilidade, o meio cultural já sustenta essa ideia. Portanto, fechar os olhos para as novas reponsabilidades de se ser professor é negar a civilidade de nosso meio social. Em suma, ser professor no mundo contemporâneo, é também oferecer a educação básica que deveria ser de responsabilidade familiar.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

No Brasil a valorização do professor sempre deixou a desejar. Reconhecimento na sua remuneração, por exemplo. Mas para além desse horizonte, o professor anda perdendo a sua autoridade em sala de aula, todos dizem o que devemos fazer, governo, pais e ficamos impossibilitados de cumprirmos o nosso papel.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Penso que a nova geração de professores esteja se sentindo muito confortável com as novas tecnologias, até porque esta ferramenta também nos auxilia para preparação das aulas, controle de avaliações, pesquisa etc... Por vezes, passa pela cabeça que o professor poderia ter um computador em sala de aula. Mas, naturalmente, ainda existem colegas que não se sentem confortável com esses avanços tecnológicos, nem como sendo instrumento de ensino aprendizagem, nem mesmo como uma ferramenta facilitadora de trabalho.

E mais especificamente sobre a internet, o professor de forma alguma pode se sentir prejudicado ou desvalorizado, mas esse entendimento só pode ser validado se o professor se coloca na posição de mediador do conhecimento. Caso contrário, pode se sentir desvalorizado, com ou sem a internet.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Não. No atual contexto da escola aonde trabalho as crianças não têm o acesso a internet tão facilitado.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Se fazem, ótimo! Pois, deste ponto de vista o professor está conseguindo estimular à pesquisa, ao conhecimento, ao saber, que não podemos negar que também está na internet. E aliás, se os alunos estão usando a internet para confrontar o professor, isso significa dizer, que o aluno está fazendo bom uso dessa ferramenta, ao pesquisar e comparar aos conteúdos das aulas. Agora, resta ao professor dizer quais são as fontes confiáveis, e alertar o aluno, de que nem tudo que está na internet é verdadeiro.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

No ensino fundamental, da escola aonde eu trabalho, há uma carência de esclarecimento dos professores de como utilizar essa ferramenta nas aulas. Pois, os alunos vão do 1º ao 6º ano jogando os mesmos jogos e nada além disso. Existem operações, procedimentos que vão além da consulta ao que está disponível em cada parte da internet, como por exemplo copiar e colar

uma imagem em um documento do word, fazer um gráfico com dados de algum assunto na internet... Ao menos até o 6º ano, crianças de periferia poderiam aprender esses saberes que serão mais úteis, do que a mera navegação.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 18/03/2012

Profa. Eloir

Ens. Médio, Estado.

**O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Como Coordenadora pedagógica acompanho o trabalho dos professores do ensino fundamental séries finais e trabalhamos muito para que o professor seja o facilitador do processo ensino aprendizagem permitindo que o aluno seja o construtor de seu conhecimento trabalhando com pesquisas, projetos interdisciplinares etc

**Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

O professor tem um papel de suma importância na formação dos jovens desenvolvendo não só a parte cognitiva mas principalmente a parte afetiva da qual os jovens estão tão carentes.

**O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Talvez no sentido financeiro sim, mas eu acho que tanto no passado como no presente é o próprio professor que faz com que ele seja valorizado ou não, com suas atitudes, seu comprometimento, seu conhecimento.....

**Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Acho que não, muito pelo contrário, acho que o professor deve usar estas tecnologias a seu favor incrementando suas aulas, interagindo com seus alunos de uma forma mais sedutora do que a sala de aula quadro e giz.. orientando seu aluno a usar a internet e até as redes sociais como um instrumento pedagógico que pode ajudar muito no processo ensino aprendizagem e não apenas como entretenimento..claro que ainda há alguns professores que não estão preparados para este tipo de trabalho mas o caminho é este sem sombra de dúvidas.

**Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Não, não vivenciei nenhuma situação assim.



**Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Acho que não, como falei na resposta anterior tudo depende da forma como o professor conduz seu trabalho.

**Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Para pesquisa, para interagir com colegas e professores no caso dos blogs educacionais por exemplo, onde professores e alunos podem postar seus trabalhos...

Acho que o professor tem um papel muito importante no uso desta ferramenta no sentido de orientá-los como, quando e o que pode ser usado no processo ensino aprendizagem.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 26/03/2012

Profa. Alessandra

Ens. Fundamental, Estado.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Considero que o professor é ainda hoje o grande agente do processo educativo. Por mais aparatos tecnológicos e físicos que a escola adquira, a figura do educador é insubstituível. Gabriel Chalita é muito feliz quando diz que: “Por mais evoluída que seja a máquina, por mais que a robótica profetize evoluções fantásticas, há um dado que não pode ser desconsiderado: a máquina reflete e não é capaz de dar afeto, de passar emoção, de vibrar com a conquista de cada aluno. Isso é um privilégio humano”.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Da mesma forma que sempre será vista por quem valoriza e acredita que só a educação é capaz de transformar a sociedade, ou seja, no mundo contemporâneo o professor está em uma posição de importância vital para o amadurecimento da sociedade e a difusão da cultura.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Creio que sim, pelos governantes, pela sociedade em geral, mas há um segmento que ainda acredita e deposita toda sua confiança na escola. Este segmento é a família que ao mandar seus filhos todos os anos pra escola, são um pouco como Gepeto da história do Pinóquio. Acreditam que a escola é ainda o grupo social que garantirá o acesso de seus filhos a um nível social melhor e garantirá a manutenção do “status quo”. Caso pensassem ao contrário, não mandariam.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Para responder sobre como a maioria se sente em relação a esta evolução da tecnologia seria necessário uma análise mais profunda e quem sabe uma pesquisa detalhada sobre o assunto. Posso responder por mim. Considero a parafernália tecnológica um grande aliado do professor que se atualiza, que busca, que se recicla...

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Não.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Eu adoraria que fosse. Não creio que a maioria da juventude use a internet como fonte de pesquisa e aprofundamento de conhecimentos. Quando isso acontecer, então estaremos caminhando a passos largos na construção de uma escola onde os saberes são discutidos.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Ensinar na e com a internet têm significado real quando se está em um contexto de mudança estrutural do processo ensino-aprendizagem. Quando professor e aluno forem agentes da construção do conhecimento. Quando descobrirem que juntos são mais. Quando se conscientizarem que não há maiores ou melhores saberes, há sim saberes diferentes que podem ser repensados, reconstruídos e reformulados. Caso contrário a internet será mais um verniz para dizer que nosso ensino é moderno.

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 26/03/2012

Profa. Clara

Ens. Fundamental, Município.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Bom, sempre tive uma visão bastante crítica em relação a educação tradicional e por isso tinha a preocupação de ser uma professora “diferente”, queria agir diferente quando eu fosse professora. Enfim, me considero um pouco mediadora, um pouco facilitadora do processo de ensino dos meus alunos. Tenho procurado seguir a linha de Paulo Freire porque acredito muito na pedagogia da autonomia, do construtivismo de Piaget, Sócio-interacionista de Vygostsk. Enfim, há uma mescla até mesmo da linha tradicional já que essa linha tem alguma

influência de gestores (ainda tradicionais) que insistem em algumas concepções dessa área, querendo impor-las.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Entendo a importância do professor como “peça” chave em meio a tantas informações disponíveis às crianças que precisam do professor para se tornar um sujeito pensante, crítico, cooperativo, atuante, pois vivemos numa contemporaneidade tão individualista. Sem a mediação do professor fica difícil de formarmos um sujeito capaz de agir e interagir para que possa estar transformando a sociedade.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Eu vejo que no passado o professor era valorizado por ser considerado o único dono do saber. Por isso, ele era muito valorizado, tanto pelos alunos como os pais. Eles tinham também total respaldo das famílias como aliada da escola, embora que fosse do jeito que foi, uma educação tradicional. Ele tinha apoio da família, da escola e da sociedade.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Acredito que se houvesse uma valorização do professor seria pensado mais na questão da formação continuada para que o professor consiga dar conta das tecnologias, já que com tantas informações que elas trazem, só o professor tem a competência para mediar este conhecimento para as crianças, Pois se depender só da família ficaria comprometida já que a maioria delas não convive com seus filhos porque as crianças passam mais tempo da escola do que em casa. Certamente, depois que chegou a era das tecnologias, há professores que sentiram-se ameaçados por pensarem que com elas, ele deixa de ser o “centro das atenções”, ou o que dispões de mais informações.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Não presenciei.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Como atuo na Educação Infantil, foge um pouco do meu conhecimento esta questão. Mas acredito que o aluno não usa a internet para desqualificar o conhecimento do professor, até porque é importante o aluno saber e o professor não sabe tudo (uma mania da sociedade achar que professor tem que saber tudo). O professor também precisa ter a humildade e assumir quando não sabe. É importante que ambos, professor aluno saibam que no contexto escolar o professor ensina/aprende e assim também acontece o mesmo com os alunos: aprendem/ensinam, pois é um processo onde todos aprendem e ensinam. Uma educação cooperativa.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Acho que de nada adianta inserir a internet na sala de aula se não formar professores para que lidem com estas tecnologias. Quando isso acontecer a internet pode ser fonte de pesquisas, de estudos cooperativos, interativos e tantos outros recursos que ela oferece(sabendo usar). O

papel do professor seria de mediar estes conhecimentos, ou seja, fazer as intervenções pedagógicas.

## **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 26/03/2012

Profa. Jussara

Ens. Fundamental, Município.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Um transmissor que tenta facilitar o conhecimento. A escola hoje está perdendo o foco da verdadeira direção que deve seguir que é o ensino. Está preocupada e assumindo muitos projetos impostos muitas vezes por terceiros, o que desmotiva os professores com tanto compromisso que são obrigados a assumir.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Continua sendo muito importante para a formação dos alunos, mas, um pouco desfocado e perdendo a direção do seu trabalho.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Professor já foi considerado autoridade, era respeitado e reconhecido por ser professor.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Não diria que se sente ameaçado, mas ainda tem muita resistência e pouco conhecimento sobre o uso dessas ferramentas, além de outras dificuldades que pode encontrar dentro da escola como o número de alunos maior do que um laboratório de informática tem capacidade de suportar, por exemplo.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Não. Minha realidade como professora mostra que muitos alunos ainda não possuem acesso a internet, são de Zona Rural e carentes.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Não, os alunos na verdade ainda possuem dificuldades em apresentar argumentos contestando informações. Infelizmente ainda usam a internet para acessar redes sociais e não para estudar, buscar informações.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Tem muita coisa boa que pode ser aproveitada na internet, desde que o professor saiba qual é seu objetivo a atingir e deixa claro aos alunos isso também. O professor deve auxiliar os alunos para a busca do que deseja com a pesquisa.

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 29/02/2012

Profa. Caroline

Ens. Fundamental, Estado.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?** Mediador no processo ensino-aprendizagem, pq tenho a intenção de ajudar meus alunos a serem participantes, utilizando o seu conhecimento para ampliar e auxiliá-lo com o conhecimento científico/formal

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Acredito que o professor é um profissional indispensável para qualquer profissão. Sem professor não haveria profissões,. Ele é que transforma a informação em conhecimento.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Historicamente o professor nunca no Brasil foi valorizado, 1º era profissão exclusivamente feminina, , quando foi permitido a mulher trabalhar, era uma função praticamente materna., talvez daí se explica ainda hoje muitos dos professores encarem a profissão como uma devoção e não como uma profissão, Se valorizar enquanto profissional da educação.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Sinceramente não, porque a maioria dos professores pelo menos do RS, com quem convivo, não sabe utilizar essa ferramenta e por isso julga que a internet atrapalha, prejudica. e não usa estes recursos das novas tecnologias por medo (pode estragar algo, perder alguma informação, os alunos sabem mais) e desinteresse em aprender.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Inúmeras vezes, com os alunos de 7ª e 8ª série.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

A maioria não, o bom aluno vai buscar informação para contribuir, enriquecer o conteúdo. É claro que muitas vezes o aluno vai buscar para desafiar o professor, verificar se realmente ele sabe do que está falando, eu acho isso muito bom porque faz com que o professor tenha que estudar, preparar suas aulas e tornar o ensino significativo.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Uma ferramenta indispensável, no meu caso, uso o material que disponho no blog como um recurso a mais para qualificar o aprendizado do aluno, utilizo vídeos, direto da internet com o datashow.

Esta é uma ferramenta que todos os professores deveria aprender a usar para qualificar o seu planejamento.

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 11/03/2012

Profa. Bruna

Ens. Fundamental, Estado.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Em virtude das diversas realidades encontradas na sala de aula posso afirmar que mesclo as maneiras de aquisição das informações e elaboração dos conhecimentos. Não posso dizer que sigo alguma teoria de aprendizagem, nem tão pouco limito-me a uma ou outra prática tradicional ou não. O interessante, conforme o assunto que surge em aula, é associá-lo com o Plano de Estudo e procurar dinamizar da melhor maneira possível.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

O Mundo não consegue suportar-se sem o professor. Essa figura emblemática carrega o ônus e o bônus das sociedades que estão aí. O professor deixou de ser a pessoa do saber supremo e único detentor da informação e passou a ser mais amigo, psicólogo e confidente de seus estudantes. Ai reside uma linha tênue entre o assistencialismo e o profissionalismo. Afirmo por compreender que devemos priorizar o humano em cada um na escola, porém não devemos esquecer a função social da mesma que é o benefício do ensino formal para a formação do sujeito. Devemos sim associar os diversos tipos de conteúdos para garantir a formação integral do humano. Tarefa árdua diante dos entraves que temos. Nunca perder o foco de quem somos e qual o nosso papel naquela comunidade.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Ah... o professor gozou de um elevado status na sociedade e prestígio financeiro. Hoje a realidade é inversa.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Muitos professores sentem-se INCAPAZES de atuar com essa ferramenta. Relegam o lugar comum da descrença na ferramenta como meio de estimular a pesquisa e o conhecimento e acomodam-se no discurso de não saber usá-la e não querer aprender.

Acredito que não sintam-se ameaçados, mas o comodismo traz o sentimento de incapacidade e eles acabam por tomar atitudes radicais de não quererem estar junto a máquina.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Sim, já vivenciei. No momento até eu mesma duvidei do escrito e o questionei. Mas procuramos outros sites sobre o mesmo assunto e vimos que não era tão estranho.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Não acredito nesta afirmativa. Eles utilizam a Internet por curiosidade, modismo e vontade de jogar.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

Essencial. O professor pode utilizar a web como alternativa metodológica desde que saiba e tenha clareza do assunto que pretende abordar e onde pretende chegar.

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 11/03/2012

Profa. Fabiana

End. Infantil e Ens. Fundamental, Municipal.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?** Um ser dentro do processo histórico da educação, considero-me os três, transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e facilitadora desse processo, visto que acredito que o importante é ser um profissional reflexivo de suas ações. Dessa forma, em cada momento do processo de ensinagem manifesta-se um tipo de professor.

2. **Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?** Em um mundo globalizado na qual a maioria das pessoas tem acesso as informações é fundamental saber manipulá-las a fim de transformá-las em conhecimentos. Neste sentido, é impossível falar em educação sem lembrar da pessoa do professor como agente que proporciona aos educandos novas formas de aprendizagens e de gestão do conhecimento.

3. **O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?** Historicamente, o professor foi visto como o detentor do saber, muitas vezes a única fonte de conhecimento, acredito que por isso era tão valorizado, mais do que isto era respeitado.

4. **Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet?** Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas? Ameaçado não. Porém os alunos atualmente tem outros meios de busca de informação e pesquisa, além do professor e dos livros que este orientava.

5. **Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?** Não, pois geralmente são os professores que indicam a pesquisa com a finalidade de ampliar horizontes a cerca de determinados temas.

6. **Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** Não acredito no uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor, neste caso a maneira mais correta de agir é mostrar ao educando que ele é responsável por gerir as informações que buscou na internet para transformá-la em conhecimento. Além disso, este tem que ser capaz de filtrar informações para poder tirar proveito das novas tecnologias como meios de pesquisas. Assim, o aluno saber unir as orientações do professor com as pesquisas realizadas na internet enriquecem a aprendizagem de forma significativa.

7. **Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** Acredito que a internet pode sim ser utilizada em sala de aula, mas não como fonte esgotada do conhecimento e sim como ferramenta metodológica. Portanto, agindo de maneira responsável e crítica, é possível que o uso pedagógico das tecnologias na educação seja mais um instrumento metodológico no processo de ensino-aprendizagem, na qual professores, pais e alunos tenham sucesso.

#### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 26/03/2012

Profa. Débora

Ens. Fundamental, Municipal.



**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Acredito na figura do professor ainda como um **mediador** do processo de ensino-aprendizagem, pois acho precipitada e até arriscada a compreensão de que o professor seja um **facilitador** deste processo, que, no meu entendimento, é bastante complexo e individual.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Embora possa se pensar o contrário, no mundo contemporâneo a presença do professor continua sendo – ou está ainda mais – imprescindível. O argumento de que a globalização diluiu e transformou os conceitos de tempo e de espaço e democratizou o acesso à informação parece-me insuficiente para que se prescindia da presença do professor. Em primeiro lugar, porque esta tão enfatizada globalização, ao menos no que tange à democratização da educação, não chegou a todos. As distâncias sociais permanecem enormes e quase intransponíveis. Em segundo, porque o mero acesso à informação não é garantia de aquisição de conhecimentos e, conseqüentemente, da consolidação do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a contemporaneidade tem tornado os reais laços afetivos mais frouxos e vulneráveis, substituindo-os, muitas vezes, pela virtualidade que nem, sempre consegue responder às necessidades humanas. O professor, então, além de mediar o processo de ensino-aprendizagem, também é responsável pelo estabelecimento de elos afetivos e sociais entre o aluno e seu entorno, o que, muitas vezes, mostra-se mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem do que qualquer método.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Talvez, se pensarmos em uma valorização em termos de hierarquia social e salarial. Só que essa valorização, no meu entendimento, era estabelecida a partir de uma enorme desigualdade de *status* e de poder: o professor era o detentor da informação e do conhecimento; do poder, portanto. A distância entre professor e alunos era estimulada, alimentada; o respeito, imposto na base da força e, muitas vezes, do medo. Hoje, entendo que o professor está socialmente desvalorizado como resultado de um processo mais complexo de inversão de valores como um todo.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Não acredito que o professor se sinta ameaçado pelas novas tecnologias. Talvez isso possa acontecer em um contexto diferente ao da realidade em que trabalho. As ferramentas, por si só, não garantem o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Não. Mas não acho que questionamentos ponham em dúvida a capacidade de um professor, que não é – nem deve ter tal pretensão – o “dono da verdade”. O professor mediador estimula os questionamentos, partindo deles para a construção de conhecimentos por parte dos alunos e dele próprio.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Na minha opinião, isso não acontece. Insisto que o professor não deve ter a postura de detentor DO conhecimento (como se fosse único), até porque isso é impossível. Dessa forma, entendendo que se o professor se sente ultrajado e desqualificado com o uso da internet por seus alunos, deve repensar seu papel e suas responsabilidades no processo de ensino-aprendizagem.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

A internet pode ser uma ótima ferramenta de pesquisa, se usada com parcimônia. Quem acessa a internet deve ter claro que as informações publicadas na internet nem sempre são corretas. Cabe ao professor alertar seus alunos sobre o uso correto da internet, que deve ser uma fonte a mais (e não a única) de pesquisa.

**QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 26/03/2012

Profa. Ana

Ens. Fundamental e Ens. Médio, Municipal.

**1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?** Observando, o andamento do ensino, hoje digo, que me sinto, fazendo de tudo um pouco, ou seja, agindo de diversas formas para atingir o objetivo e as competências a serem cumpridas.

**2. Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?** O professor no mundo contemporâneo precisa estar apto e acompanhando a atualização, a evolução, as inovações, sabemos que nem todos conseguem atuar como deveria por diversos fatores.

**3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?** Digamos que como pessoa e profissional educador, sim pelo fato do salário, do respeito, e da autoridade que representava. Autoridade não autoritarismo.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet?** Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas? Mudanças nem tanto, mas resistências, fazendo uso de salário, e de suas habilidades e tempo, é bastante difícil para alguns...saber engrenar...

5. **Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?** Olha não presenciei, mas já ouvi sim, em conversas de sala de professores.

6. **Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** Não, que eu saiba.

7. **Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** Com o auxílio de teorias, inovação, pesquisa, comparações, complemento, enfim depende, de como se trabalha...

### **QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DO PPGEDU DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

Você está sendo convidado a dar uma entrevista para responder perguntas sobre o estudo do sujeito professor em meio às novas tecnologias da informação e comunicação. Essa entrevista será utilizada na pesquisa de dissertação de mestrado em educação, sob minha responsabilidade, realizada na UNISC. O sigilo dos dados do entrevistado é garantido, não sendo, em hipótese alguma, revelado ou explicitado na pesquisa.

Data: 26/03/2012

Profa. Fabricia

Ens. Fundamental e Ens. Médio, Municipal.

1. **O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Me considero mediador e facilitador no processo de ensino-aprendizagem.

Mediador, pois acredito que mediante a construção do planejamento pedagógico o qual organizo antecipadamente, penso em realizar uma mediação, durante as aulas, entre os conhecimentos já construídos pelas crianças e os conhecimentos novos.

Facilitador, pois preciso pensar e construir instrumentos e materiais para que esses conhecimentos novos sejam compreendidos da maneira mais fácil e clara possível.

2. **Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

O professor jamais será substituído, mesmo na contemporaneidade com tantas informações facilitadas pelos meios de comunicação e mídias. A atualidade dispõe de recursos materiais, como computadores e internet, mas o organizador dos conteúdos adequados para cada idade, o trabalho de elaborar instrumentos para facilitar a aprendizagem e ensinar como usar várias ferramentas do próprio computador, que não estão ligadas propriamente a internet, devem ser feitos ainda pelo professor.

Muitas vezes percebemos que as crianças e adolescentes sabem navegar na internet, mas não conhecem as ferramentas básicas do Word.

3. **O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Pela literatura existente, percebe-se que a profissão de professor foi uma das primeiras que existiu. Acredito que em épocas nas quais o estudo não era de muito fácil acesso, aqueles que

conseguiram ser professores eram tidos como pessoas de sucesso e com um boa valorização social por esse fato.

**4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Algumas pessoas acreditam que o professor pode ser substituído pela internet já que nela podemos encontrar vários conteúdos conceituais. No entanto, essas pessoas não conhecem como ocorre um processo de aprendizagem qualitativo e muito menos tem o conhecimento do que se trata conteúdos procedimentais e atitudinais, os quais fazem parte do currículo oculto e devem ser trabalhados pelo professor.

Acredito que o professor que se sentir ameaçado por uma ferramenta, que pode contribuir no seu trabalho e expandir a aprendizagem dos alunos, deve discutir mais com os seus pares essas questões e juntos procurarem estudar formas de utilizar o computador como mais um instrumento para o seu trabalho.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na internet?**

Já vivenciei uma situação em que um aluno comentou um assunto lido na internet e demonstrou interesse em saber mais sobre ele.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da internet para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Acredito que o professor deve tentar sempre mostrar-se aliado ao aluno e também destacar a importância do computador e da internet para os avanços que temos hoje em diferentes momentos das nossas vidas. Dessa maneira, e utilizando esse instrumento como ferramenta de pesquisa até mesmo para questionar conhecimentos registrados nos livros didáticos, o aluno não irá se posicionar contra o professor.

Essa possível “desqualificação” pode ocorrer quando deixamos de questionar os conhecimentos e trabalhá-los de maneira fechada e tradicional.

**7. Em que sentido a internet pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

A internet pode ser usada para:

- aprender as diferentes maneiras de comunicação entre as pessoas, pode ser feito um estudo das diferentes formas de se comunicação desde os tempos primitivos até hoje;
- pesquisar diferentes assuntos utilizando pesquisa de textos e imagens;
- aprender a copiar e colar textos e imagens nos diferentes programas do computador, afim de também aprender como usá-los e realizar alterações nesses conteúdos retirados da internet;
- criar blog da turma para inserir conteúdos das aulas, fotos de passeios e utilizar ferramentas de bate-papo no próprio blog para realizar trabalhos conjuntos...

O papel do professor é sempre facilitar e mediar, o computador pode ser utilizado tanto como instrumento para aprender um novo conhecimento, como também ser o próprio conteúdo, ou seja, aprender como utilizar as ferramentas que ele dispõe.

O professor precisa ter objetivos claros de aprendizagem e orientar os alunos em quê o como devem fazer para atingir esses objetivos.

## ANEXO B: Entrevistas gravadas e transcritas.

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA GRAVADA 1

Data: 20/03/2012

Profa. Salete

Ens. Médio, Col. Militar

Então, eu sou Salete e estou respondendo uns questionamentos que foram apresentados pra mim. **Então a primeira pergunta é o professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo.** Então essa pergunta me fez eu interpretar que seria como eu me considero nesse processo de ensino aprendizagem. Então nesse processo eu me sinto como participante do processo, porque, o aprendente, o aprendiz, enfim o grupo, o espaço de aprendizagem ele é formado então por ãã por todos os componentes que estão nesse grupo. Então ao mesmo tempo que eu estou ãã participando, e me proponho a mostrar algumas coisas, eu estou também aprendendo, e muitas coisas surgem durante esse processo...coisas bastante importantes que inclusive no meu trabalho eu passo a utilizar depois.

Número dois **como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Bem a importância do professor no mundo contemporâneo? Bem eu entendo que o professor ele é importante como todas as profissões... então entendo que ele acho que não é mais nem é menos. (Giovana) é eu digo levando em consideração as tecnologias, esse acesso a informação.....(Salete) no sentido de? (Giovana) de hoje ter muitas informações, acesso em tudo quanto é lugar, nesse sentido...(Salete) ah....sim..então tá, então o professor, como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo em meio as informações que estão disponíveis, em meio as informações... porque o professor ele não é mesmo como já foi considerado o ãã que detém o conhecimento MAS é muito importante o professor assim nesse espaço de aprendizagem como eu falei como uma pessoa que está ali com o grupo ãã participando desse processo...porque eu acredito que a aprendizagem ela é assim individual ela é da pessoa né, então não tem como eu enfiar uma coisa dentro da cabeça né da outra pessoa, então ela...então talvez o professor o que que no meio de tanta informação ele continua sempre sendo importante. Agora não sei se eu consegui responder dentro do que foi pedido, eee continua sendo importante. Particularmente eu não utilizo no meu trabalho diariamente com minha turma essas tecnologias como fóruns, como chats, não utilizo isso, porque eu sou professora de artes e eu trabalho com a parte artesanal com a produção de imagens, mas isso também não exclui a utilização assim do computador e das informações, mas aí são INFORMAÇÕES, não vem a ser como é que eu posso dizer um instrumento que eu utilize como eu poderia dizer, junto...eu utilizo indiretamente, preparo slides, apresento slides...os alunos pesquisam bastante informação eu também...

(Giovana) tu pede pra que eles pesquisem fora, nos livros...

**Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a internet? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?** Tá vamos ver aqui a primeira parte....na valorização? ou desvalorização talvez...bem eu com os meus alunos tenho um relacionamento assim bem tranquilo então eles me ensinam bastante eles tão sempre ...*aqui professora, aqui professora*..e me ajudando (Giovana) como é que tu te sente, assim? (Salete) ai...eu me sinto ... me aproximo porque eles

são crianças eles né, até com a máquina de fotografia eles me ajudam e daí eles...*aqui professora fica tudo em miniatura*, né eles não tem maldade não são...eles não debocham assim né.. se eu me sinto ameaçada? Eu me sinto, assim, ameaçada não no meu valor de professora porque eu tenho, assim,...eu me sinto segura, o que eu sinto é que eu não domino essas ferramentas, eu não domino, eu uso pouco, como eu já havia falado, uso pouco, assim, porque eu uso na pesquisa, mas assim qualquer coisa eu peço, e o relacionamento com eles é tranquilo eles sabem desde criança eles sabem e explicam, e é tranquilo. Ameaça só se for uma palestra ....alguma coisa assim e começasse a dar tudo errado mas na aula não.

**Se o professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?...**Bem agora acho que eu teria que estudar ...(Giovana) comparando hoje, tu acha que ele já foi mais valorizado que no passado? (Salette) Pois é, olha, dizem os livros que ele era muito respeitado...talvez porque ele era detentor do conhecimento? Talvez,...tá..talvez seja o detentor do conhecimento.. e também outra coisa que poderia ser até pelo método de ensino que o professor usava, até palmatória o aluno tinha medo ... e daí não era só o professor daí era o médico, por exemplo, que acha que sabe tudo...hoje ele tem conhecimento tem um entendimento o entendimento muito maior e mais humano entendimento ..como vou dizer, ele valoriza acho mais as pessoas, não sei se posso dizer no geral...falando só de mim....não sei eu poderia falar o que um autor diz e que outro autor diz e o que que eu posso dizer...eu teria que consultar alguns autores porque eu não sei responder.

**Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na *internet*?....**o aluno pesquisou na *internet*? Seria isso? Sim, isso os alunos maiores gostam de desafiar o professor e perguntam coisas até de propósito porque eles são assim irônicos e querem deixar o professor assim em situação difícil...MAS eles comigo eles não tiram farinha (risos) porque se o professor agora não é mais o detentor do conhecimento então já vou explicando pra eles né que eu não sou obrigada a saber tudo e que aquele autor que eu usei acredita aquilo e que poderá existir um outro que tenha outro pensamento..né em artes, que é minha matéria, na historia da arte..áhh eles perguntaram, eles tinham estudado antes e estavam duvidando do próprio conhecimento do próprio assunto que eu falava sobre a pré historia e eles me questionando ....mas como que eu poderia dizer aquilo? ...como que eu tava dizendo aquilo?...e aí eu expliquei..baseado em livros, autores, antropólogos, que estudaram e fizeram pesquisas e chegaram a esse estudo que eu estou apresentando. Não q ele tenha procurado na *internet*...mas pra por o professor numa saia justa. Agora, Já ouvi falar de colegas que tem muito essa situação muito seguido porque fazem cursinho e estão sempre comparando que a professora diz em sala de aula, mas ai já é outro caso.

**Próxima, na sua opinião os alunos fazem uso da *internet* para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?...**Não, acho que não, não é pra desqualificar..eles pesquisam pra eles mesmos, por interesse deles...não acredito que seja pra desqualificar. Se é comum? ...não. Como o professor age frente a esse comportamento? Acho que mais ou menos eu falei né..quando surge um conflito de opiniões sempre é proposto que seja então trazida aquela fonte, que seja melhor pesquisado, sempre se verifica daí a fonte.

**Em que sentido a *internet* pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** Pois então, olha deve ter muitos sentidos, eu desconheço muitos sentidos então eu utilizo pra pesquisa pra imagem, assuntos que eu quero saber porque tem tudo na *internet*, tudo mesmo que eu queira saber de coisas, assim, nome de um autor, ou as

obras, imagens...(pausa o telefone tocou). Retornando...Então eu compreendo, assim, pouco da *internet* na sala de aula, eu utilizo então como slides, acho que já falei alguma coisa....ah tem os vídeos mas eu não sei baixar...né, até gostaria de aprender muita coisa mas não tenho muito tempo também e o que mais eu utilizo seria isso pra pesquisa de muitas coisas...e o papel do professor no uso dessas ferramentas?...papel do professor nessas ferramentas?...bem ..essa aqui tem que pensar um pouco..bom o papel do professor é sempre o mesmo que é ligado sempre a aprendizagem a formação do aluno, do aluno que já esta fora de moda então é o aprendiz com o professor aprendendo também. Então qual que é o papel do professor é sempre procurar o que...de bom existe na *internet* porque existe muita coisa que não é ..como é que eu posso dizer bom ou mal ..não é isso, mas enfim as coisas que venham a contribuir no que esta sendo tratado como livro como assim assuntos que seja referente que...consideradas para crescimento de todos do grupo.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA GRAVADA 2

Data: 28/03/2012

Profª. Gisele

Ens. Fundamental e Ens. Médio

**O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?** Eu ainda me considero como uma mediadora neste processo, eu procuro integrar a realidade das minhas crianças nos conteúdos que eu vou trabalhar com eles.

**Como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?** Eu acho que o professor juntamente com os seus alunos são os agentes mais importantes no processo de ensino e aprendizagem.

**o professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Bem no começo da minha Carrera o professor tinha todo o apoio dos pais as crianças demonstravam respeito e admiração, quando chegava o professor era aquela admiração que ele sentia. Hoje muitos DOS pais e também as crianças não tem essa consideração.

**Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a *internet*? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?** Eu não acredito que haja uma relação assim com uma desvalorização do professor e *internet* são coisas bem distintas uma da outra.

**Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na *internet*?** Não, talvez por meus alunos serem ainda pequenos e não terem muito acesso ao computador nunca presenciei nada nesse sentido.

**Na sua opinião, os alunos fazem uso da *internet* para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** Não, como eu tinha falado antes os alunos não tem muito acesso a *internet*, talvez por pouco serem carentes ou até por serem muito pequenos. A maioria deles não tem computador e aqueles que tem é mais pra joguinhos alguma coisa nesse sentido.

**Em que sentido a *internet* pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** Como recurso pro professor pesquisar, fazer atividades diferenciadas, compartilhar e conhecer novos trabalhos...o papel do professor mais é selecionar o que que vai ser trabalhado de acordo com a necessidade da sua turma, no caso da minha escola onde eu trabalho ali as crianças possuem aulas de informática mas é com uma professora especializada pra eles aí. É uma vez de 15 em 15 dias que eles tem aula com ela daí.

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA GRAVADA 3

Data: 27/03/2012

Prof. Carlos

Ens. Fundamental

Pois é eu tava pensando aqui nessa primeira questão .....Eu acho que uma das coisas que a gente tem que levar em consideração é que o aluno também se modificou nesse processo, de um aluno que lá pela década de 70 se tinha, no auge da ditadura militar, você tinha o conceito de disciplina na escola em que a turma disciplinada era a que ninguém abria a boca e só fazia o que o professor pedia, isso foi se modificando conforme a ordem social foi se modificando também. Então a gente meio que teve que acompanhar esse processo. Como EU vejo atualmente assim, eu vejo um misto das 3 coisas tanto de transmissor, com mediador como facilitador mas eu vejo o professor que atualmente ele não tem mais essa concepção clara, a gente não tem mais a ideia se a gente tá vindo como facilitador do processo de ensino aprendizagem como transmissor, embora eu acho que transmissão não é o termo correto pra isso, transmitir me lembra sempre doença, então não procede questão de transmissão de conhecimento, mas como mediador nesse processo, isso tá muito confuso na área da educação. Por exemplo, o que eu vivenciei na faculdade assim ah você tem que levar em consideração a realidade do aluno...De que maneira? Isso não tá sendo muito bem tratado nos cursos de pedagogia. Como é que você adapta a sua base curricular a realidade do aluno. Por exemplo, tem uma situação ali na escola que a gente teve que adaptar, a gente reorganizou os horários de lanche das turmas em função da gente ter ciência que alguns alunos só começavam a produzir no momento em que eles lanchavam, porque estavam com fome. Então, a gente teve q fazer uma reorganização de todas as turmas pra privilegiar, digamos assim, pra minimizar a turma q tinha a pior situação dessas....que basicamente todos comiam na escola . Então, isso é uma coisa da realidade que influencia no funcionamento da sala de aula, mas quem foi levantar essa questão foi uma pessoa já de anos, de décadas da educação, não foi o pessoal que estaria sendo formado pra isso. Uma pessoa que alias tem magistério e não pedagogia, quer dizer, o curso de pedagogia que era um curso em que formaria esse profissional mais critico, justamente que a ideia do curso de pedagogia era diferenciar do magistério, magistério era muito técnico, era muita produção e a pedagogia era mais critico, que o curso de pedagogia também não forma, ou se forma, forma de uma maneira muito pincelada. Então, a questão de hoje como o professor tá sendo se visto tá bem complicado. Acho que falta uma unidade uma ideia central assim do que que seria. O professor ta indo pra escola pra que? Ele vai só pra ensinar a matéria, ele vai pra ensinar matéria e ensinar comportamento que é uma coisa que já ouvi ah professor não tem que cumprir responsabilidade da família, eu também acho que não tem, acho que realmente não tem, acho que questão, por exemplo, de educação de comportamento são coisas da família que a gente não tem que educar...mas a gente ta recebendo crianças que vem sem isso em função da realidade social dos pais, não só a questão do desemprego ou de trabalhar em vários empregos mas sim dos pais não....saber o que fazer pra educar. (Giovana) então tu acha que em algum



momento tu passa por esses 3..? (Carlos) tu passa por esses 3 momentos tu passa como transmissor de conhecimento, não só do conhecimento educacional mas também do conhecimento de mundo, também do que é certo do que é errado, do que pode e do que não pode, você passa como mediador ajudando ele a desenvolver um determinando comportamento a desenvolver uma capacidade e se passa também como facilitador uma pessoa que observa esse primeiro momento acontecer mas não de uma maneira tão intensa quanto o mediador...(Giovana) ou seja, um não exclui o outro..(Carlos) um não exclui o outro, eu acho que assim, isso já foi muito mais definido na área de educação do professor que não... ele é só professor só pra te ensinar, ou, não, ele tá ali só pra te ajudar nas tuas dúvidas, então isso já foi muito mais definido, pelo menos na escola pública eu vejo dessa maneira é uma coisa interessante a gente observar essa fluidez que se existe hoje em dia e eu diria mais assim essa fluidez ela vai se acentuar ainda mais. Então o que eu consideraria uma característica boa de um professor, o professor que vai saber entender como o aluno precisa dele, aquele professor que vai entender que o aluno as vezes ele precisa de um professor que seja mais pai, digamos assim, que consiga dá conta da sala de aula mas entender que aquela criança também precisa de um outro tipo de atenção, as vezes uma atenção não só questão de afeto mas as vezes uma preocupação a mais com relação a alimentação e tal porque eles não tem em casa muitas vezes, mas o professor que de conta de todas as esferas que rodeiam o mundo, não só da esfera educacional né, **e nisso já entra um pouquinho na segundo questão aqui...**as vezes eu ficava pensando lá quando eu estava escolhendo a educação, mas porque eu vou entrar nessa joça? Tipo, eu sei que vou ganhar pouco, eu sei que o governo não tá nem aí pra mim, eu sei que vai ter muita gente que vai me olhar torto, e se eu vou trabalhar com ensino médio não interessa o que eu faça eu vô tá sempre errado pra eles, quer dizer, então porque que a gente escolhe ser professor? a conclusão que eu cheguei é porque a gente gosta de pessoas. Pra mim a resposta básica, tu tem que gostar de gente, porque se não tu não funciona nessa área, não dá certo e agora que eu to trabalhando mais com os anos iniciais da pra perceber um pouco essa importância comparando com o q eles falam de casa ...eles sempre comentam assim: ai porque lá em casa esse fim de semana a gente viu isso e aquilo...eles criam uma relação com a gente na sala de aula que eles precisam de contar o que acontece, eles precisam, é uma coisa de necessidade, tem que expor pra ti o que q acontece, porque eles sabem que tu vai ouvir, eu percebo isso muito ali na escola, eles vem pra mim e contam as coisas porque eles sabem que eu escuto, e não é só comigo eles tem essa postura com outros professores das outras turmas Também. Só que essa postura não são todos os professores que tem, de ouvir de se preocupar de levar em consideração do que eles tão falando. Eu percebo assim, que quando passa a ouvir esse discurso que eles tem questão familiar, questão escolar, eu me presto a conversar com a mulecada sobre o que eles jogam, como eles jogam o que eles assistem na TV o q eles fizeram ontem a hora que eles saíram da escola.... quem foi que ganhou o jogo de futebol na esquina..então eu percebo q qndo isso funciona, quando a gente tem esse dialogo com eles, eles te escutam mais em todos os sentidos, eles escutam mais o que você tem pra falar sobre o conteúdo sobre comportamento sobre tudo que rodeia eles, porque eles criam uma relação de confiança e o professor ele já teve essa relação de confiança antes, não sei se isso se perdeu ou se era uma relação de confiança imposta pelo medo, tinha muito essa relação de medo assim, tu confiava não porque tu queria confiar na pessoa é porque tu tinha medo dela e não tinha opção, então quando essa relação de confiança existe a sala de aula funciona muito melhor....(ele cita um caso da relação de confiança que ele criou com uma turma na qual a turma não o conhecia)...porque quando você estabelece essa relação de confiança funciona muito bem. uma Outra coisa assim que eu sempre procuro estabelecer com meus alunos não só os da turma que eu to mas em geral é q eles me vejam como professor mas Também como uma pessoa amiga deles, eu percebo muito professores, mas muitos mesmos que parece que a preocupação deles é de impor medo nos alunos, porque se

ele não impor medo ele não vai ser respeitado ele não pode mostrar os dentes se der um sorriso ele perdeu o respeito.. e eu não sei, comigo não funciona assim, tanto que eu dificilmente altero a voz. (Giovana) tá, então tu acha que o professor é importante hoje por causa dessa mediação desse afeto pra produzir conhecimento...(Carlos) ele é um personagem novo, ele é um personagem diferente do q a gente tinha anteriormente, não é o professor que tá restrito a escola, não é o professor transmissor de conhecimento da escola q ensina a ler e escrever e acabou. Hoje em dia o professor ele também tá fora da escola ele também tá na vida dos alunos de fora da escola, pelo menos eu vejo ali na escola que a gente tem escola aberta, o quanto eles são diferentes com a gente quando a gente faz uma atividade no fim de semana em que você não tá só participando da sala de aula, mas tu tá conhecendo teu aluno como ele é com os pais com os amigos, com os colegas q não são com da mesma turma, quais esses vínculos que as vezes eles tem, crianças q são da mesma rua, por exemplo, que brincam juntas mas tu não sabe, porque eles são de turmas diferentes. então acaba q tu te torna um ponto de referencia diferente dos outros, diferente de pai de mãe, tio, tia e diferente do que eles tem assim, é um ponto de referencia como produtor de conhecimento com eles, mas tu também é um ponto de referencia de segurança e eu sinto q isso faz falta na sociedade que a gente tem, pontos de referencias, pessoas que a gente possa confiar, (aqui Carlos se retrata as brincadeiras de infância, e questiona as brincadeiras antigas de rua que hoje não se tem) porque q a gente brincava na rua? porque tinha os mais velhos que puxavam a gente pra isso, então sempre tinha alguém na turma de amigos ali que era o mais velho e que puxava as brincadeiras e eu não vejo isso mais hoje, eu não vejo aquele q puxa a as brincadeiras, eu vejo aquele que as vezes puxa pra jogar vídeo game dentro de casa.... Não sei se é pelo lugar em que eu to, mas eu vejo isso bem forte, até pelo questão da quantidade de pessoas que compartilham isso no *facebook*, pessoas que tem uma nostalgia dessa infância, ah hoje não existe mais...não mas não existe porque? O que que aconteceu? Foi só o fato da sociedade ter se tornado mais violenta que reprimiu essas brincadeiras, ou realmente algo a mais tá acontecendo. Eu vejo uma geração que cresceu e cansou de brincar e que aos 12, 13 anos tava mais interessado em namoricos e afins do que brincar, coisa que a gente com 12, 13 anos a gente tava brincando...então uma geração q amadureceu mais cedo em função talvez da televisão...isso se perdeu também, e era uma coisa q fazia diferença, fazia muita diferença. Então a importância do professor também, talvez venha nesse resgate dessas posturas q são mais antigas, digamos assim, mas que não são arcaicas.

Essa é uma pergunta interessante, **o professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?** ...quando a gente tava na faculdade estudando a historia da educação, que a gente estuda lá o período militar, jesuítica e essa coisa tudo, abertura, período militar, escola publica e depois tu vem pro regime da nova democracia e tal, tinha aquela ideia de que ah o professor da época antiga ele era mais valorizado e as crianças respeitavam mais, que era melhor porque vive uma época q a escola publica pagava bem ...a particular quem não conseguia vaga na escola publica. Isso eu não sei ate q ponto é verdade até porque eu não estudei isso a fundo mas tem q levar em consideração q a gente tava tratando de um regime militar. Então naquele regime político vigente no Brasil, tudo tinha um viés militar, porque eles implantaram essa doutrina na sociedade brasileira, então a gente tem mania de dizer de que o professor era mais valorizado durante esse regime anterior do que agora, eu não sei até que ponto isso é verdade. O q que eu vejo agora, eu vejo a consciência por parte dos políticos de que valorizar o professor as vezes é ir contra sua própria vontade, porque no momento que o professor tá valorizado ele vai fazer um trabalho bom, fazer um trabalho bom pros professores geralmente significa expandir pensamentos, quando você expandi pensamento de massa, as massas começam a pensar mais sobre a sociedade em que elas vivem, no momento q elas percebem certas irregularidades eles vão lutar contra eles vão mexer quem tá no poder,

então a única coisa de quem tá no poder é não sair de lá. Então, eu percebo muitas vezes o que parece ser um movimento político de precarização da educação com um objetivo claro de se manter no poder, é por isso, que é tão complicado, por exemplo, você aprovar um piso salarial desce, aprovar financiamento na escola, aprovar qualquer medida que seja pra beneficiar a educação básica, a educação pública.....(aqui Carlos fala da decepção dos professores em relação ao fato da promessa política do governador Tarço Genro, o pai do piso, sem responsabilidade nenhuma).....eu percebo que a falta de valorização que existe hoje ela tem um motivo por trás, tem um motivo político por trás que é se manter no poder, que é uma consequência da democracia que a gente vive que é uma democracia muito recente que as pessoas não são acostumadas a participar dos direitos, as vezes elas nem sabem que elas tem direito, as vezes elas nem se preocupam e tem uma coisa que eu sempre bato muito nessa tecla, q a gente tem um grande problema no Brasil que se chama televisão, temos uma televisão que é direita, temos uma televisão pública brasileira que é de direita, uma televisão que ta no poder a muito tempo, que não vai sair do poder por muito tempo e que não vai deixar nenhuma melhora acontecer na educação porque não é bom pra ela...a televisão é uma empresa...eles tão pouco de lixando se tu vai gostar ou não.....eles não querem saber disso, eles querem é lucro. Então, eles jogam contra isso, eles jogam contra a educação de qualidade, tanto que big brother e afim fazem sucesso por isso. Eu tenho um discurso que quem me conhece já ouviu esse discurso de que a única coisa que existe na televisão brasileira e que vai continuar impedindo de que a nossa juventude se desenvolva passa as 5h30min da tarde que a malhação. A malhação é uma escola é uma maneira q eles tem de investir na cabeça do adolescente um tipo de adulto q eles querem... que forme, porque lá você vai ver traição, lá você vai ver violência, lá você vai ver fofoca, lá você vai ver mentira e tudo é passado como se fosse normal, tudo é passado como se fosse bonitinho como se isso acontecesse numa escola diariamente, um tipo de traição que tem lá é comum..áh todo mundo se trai, ah não eu posso armar pra matar aquela criatura lá ela não vai morrer mas eu posso armar. Então eles veem isso, eles acompanham isso como se fosse uma coisa comum, e é uma época que a gente tem que ter muito cuidado com o que eles fazem, claro a gente tem que ter cuidado durante toda a vida, durante esse período da adolescência que eles querem afirmar a identidade deles...então que tipo de adulto a gente tá formando? (Giovana) me diz uma coisa tu falou em valor salarial e no sentido de relações, de professor, família, professor-aluno...(Carlos) Pois é, tu sabe que tem um discurso que é muito difundido de que a educação no Brasil q ela se tornou pior depois que o ECA surgiu, isso é um discurso que eu já ouvi de pais, já ouvi de professores, eu já ouvi de doutores da universidade, porque o eca impediu, porque com o eca a gente não pode fazer tal coisa, sempre q me vem esse discurso a mente eu procuro refletir que tipo de atividade o ECA impediu. Basicamente como diz nossa querida ministra Maria do Rosário, qual é a função do ECA e da Lei da palmada, é impedir a violência contra a criança, então se você tá nostálgico do período antes ECA você ..violência contra a criança. Se você ta afirmando que o seu meio de educação é bater é machucar é botar de castigo. Claro que a gente ..eu não to querendo dizer com isso que NÃO, que a solução é não bater...não é isso, a gente tem outros meios de educar, então como supostamente o eca impede algumas atitudes que as crianças que a gente poderia ter pra educar as crianças eu vejo dos professores um discurso que não o que fazer, que agora a gente tem que deixar..ou seja, eu vejo literalmente uma tirada de reta como se eu tivesse dizendo assim, o ECA me impede de educar ele então eu não vou fazer nada então por um lado o professor acaba deixando de lado essa função de disciplinar e a família jogando também essa desculpa do eca..áh eu também não posso bater então ele vai ficar tihoso, então quer dizer não tem outros meios, tem que bater, tem que dar palmada, sempre tem que usar a palamada que resolve? E acaba virando um jogo de empurra empurra, a família acaba empurrando pra escola uma criança q ta ali perdida q não sabe o certo e errado e que em função do professor ...ela não vai saber o que é certo e errado na

escola e a escola manda devolta pra família porque a escola não quer aceitar uma criança que tá mal educado, digamos assim, então acaba gerando um jogo de empurra empurra que ambos em determinado momento vão ser ....porque a família q não aguenta mais reclamando do aluno e a escola porque não aguenta mais o aluno que a família não educou. Então acaba que se precarizando uma relação que era pra ser boa...ainda hoje de tarde eu tava discutindo com uma profe lá da escola, que ela reclamou que ela fez uma reunião de pais e uma turma de 22 alunos vieram 5 pais, daí ela me questionou: será que eles trabalham o dia todo? Será que eles não tem condições de vir? Será que é o horário que eu marquei? Eu comentei com ela..profe a senha tem que entender o seguinte, o ano passado todos esses pais vinham pra escola quando? Quando eram chamados quando os filhos fizeram coisa ruim, então se eles todos foram chamados no inicio do ano qual foi o primeiro pensamento que eles tiveram, essa professora vai me encher o saco o ano todo, eu não vou ir la ouvir ela falar que o meu filho é ruim, então eles já tem um histórico de só ouvir reclamação do filho eles não tão acostumados a ouvir que os filhos fazem coisas boas e geralmente a escola ta um pouco ...desse lado de não valorizar as coisas boas q acontecem na escola...tem o péssimo habito de chamar os pais so quando coisa ruim acontece, eu tenho mães que eu sempre ligo pra elas e elas falam assim: ai meu Deus o que que meu filho fez dessa vez, ai eu digo não, calma seu filho não fez nada, a gente precisa que a senhora venha porque ele tá com alguma doença ou coisa assim, eu preciso falar com a senhora sobre outro motivo, mas eles já vem com essa expectativa de que as crianças fizeram coisas ruim e quando você já tem uma expectativa ruim sobre uma pessoa é muito difícil você enxergar alguma coisa boa, (conta um caso de um aluno que a mãe chama ele o tempo todo de meu pestinha, dentro de casa, então ele sabe que apronta e não vai mudar)...isso volta naquela questão que a gente tava falando antes da importância do professor contemporâneo que ele vem justamente mostrar essas alternativas pros pais, essas alternativas de educar sem recorrer ...porque não adianta você pode me dizer que foi educado sem violência que ah eu apanhei e não morri...tudo bem, cada um é cada um, só que acontece que uma coisa você da uma palmada uma vez, outra coisa é uma criança que apanha de vara, de cinta de bota que eu já vi, uma criança que apanha de taco de madeira, eu já vi, na escola, crianças que vão marcada pra escola em função da violência, criança que tu não pode chegar perto que ele reage eles se contraem, ou seja, são crianças acostumadas com a violência, isso realmente não é educar.

**Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a *internet*? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?.....**a molecada não faz, eles nem sabem que tem aulas de informática, eles não aprendem o que é informática, eles não aprendem o que é certo e o que é errado e eles não tem aquela ciência de conhecer a *internet*. Tipo, conhecer chat conhecer MSN eles aprendem tudo por osmose praticamente, tu larga na frente ...eles não sabem...uma coisa que a gente passava muito no laboratório de informática lá da escola, é que eles sabem pesquisar no Google, mas eles não sabem o que dizer, eles não conseguem definir as vezes o que é o resultado que eles querem, tipo eles vão pesquisar Justin Bieber, uma coisa que eles amavam, ai as gurias iam lá e colocavam Juntin beeber, ai saiam um horror de resultados, ai elas iam abrindo tudo, ai eu chegava pra elas e dizia: o que vocês querem saber dele? A eu quero ver foto. Tá, tá vendo aquilo que diz imagens? Vai ali e vai ter fotos. Ah mas eu quero saber da vida, escreve..áh vida de Justin Bieber. Então, embora eles tem acesso eles não sabem como usar, uma coisa que a gente vivenciou muito...do crescimento da informática no mundo eles não tem hoje, mas eles não tem porque? Porque não existem escolas? Porque eles não tem acesso ou porque realmente não existe movimento pra isso? Eu ..é que não existe movimento pra isso. Uma coisa que eu percebi assim, eu vou pontuar um horrores de coisas da escola, eu não consigo assim.. (risos) eu conversando com uma profe de quinto ano

..(Carlos conta o caso de um menino que vira a noite na *internet*, nas redes sociais, durante a semana inteira, todos os dias e a mãe disse que é sempre assim e que ele se diverte)..primeira coisa que a gente questionou..tá ele fica ate as 3h30min da manhã fazendo o que? Vendo o que? Porque embora a *internet* seja um ambiente muito legal, ela nativamente não tem um filtro de conteúdos a menos que você configure o Google pra exibir determinados resultados ou pra não exibir que o Google vai exibir qualquer coisa que você pesquisar pra ele em qualquer lugar. Não existe um gueto, um lugar que você não consigo acessar, se você sabe o que você quer você acha, embora é claro q certas coisas são mais difíceis de achar q outros mas ainda assim se você se quer você acha, não existe meio termo, se você quer você acha. Os pais não estão preparados pra lidar com essas situações os professores que tem um pouco mais de idade não vivenciaram essa ebbolição da *internet* Também não sabem o que fazer com isso, não sabem o q fazer com crianças q tem a *internet* na Mao q sabem achar o q eles querem então não sabem o que fazer o que a criança acha o que quer e não sabem como trabalhar isso em sala de aula. (Giovana) tá mas, então tu acha que o professor é valorizado por essa mediação que ele pode fazer, com o conhecimento? (Carlos) Sim... (Giovana) e se sente ameaçado com isso? (Carlos) não se sente ameaçado pelo exesso de informação talvez ele se sinta intimidado pela quantidade de coisas que o aluno deles consegue visualizar e se ele não tá acompanhando. Por exemplo, hj de tarde...tive que dar uma aula de geografia no 6 ano (Carlos conta uma aula na qual ele quis usar o GPS pra estudar o conteúdo através do wireless que a escola fornece)..quando comentei isso com a professora a professora me respondeu assim: ah mas tinha que ser um gurizinho novo pra ter umas ideia dessa, ai eu falei não profe ....é uma tecnologia que ta ali disponível, e uma tecnologia que tá a mão, eu fui descobrir q o meu celular tinha GPS qndo eu cheguei em casa e comprei, antes de chegar em casa eu não sabia nem me liguei, ai na verdade a única coisa que eu...foi isso é uma coisa que eu posso usar aqui, quer dizer as vezes a tecnologia ta ali, tão a mão que o que falta é realmente saber como utilizar. A gente tem um laboratório de informática na escola e por incrível que pareça a maioria dos nossos professores não gostam...porque não sabem o que fazer, porque eles vão pra lá e as crianças só querem jogar na *internet* e as crianças so querem ficar pesquisando coisas eles so querem ficar brincando, entrar no orkut, MSN, *facebook*...uma vez eu falei pra uma professora que eles só querem fazer isso porque a senhora só deixa eles fazerem isso, a senhora já pensou em usar o editor de texto pra eles ...fazerem eles digitar alguma coisa? Fazer uma pesquisa especifica junto com a senhora? Fazer eles usarem..por exemplo, o youtube que de vídeos, sobre o tema da aula? A *internet* ta ai, o conhecimento...todo vasto ta ali a disposição, mas atualmente os professores não tão se preocupando em entender como eles podem usar isso em sala de aula, isso s gnete tem todo o mundo de tecnologias q ta a disposição e tem professores que preferem ficar agarrados nas mesmas aulas nos mesmos modelos nas mesmas atividades porque é mais facil, porque é mais tranquilo fazer a coisa dessa maneira.

A cinco tem uma questão interessante, **você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na *internet*?....comigo** nunca aconteceu deles questionarem o assunto, mas já aconteceu de eles comentar determinadas coisas que eles viram, em vídeos, noticias, já aconteceu por exemplo, de um aluno ver alguma coisa no fantástico e ir pra *internet* pesquisar. Aconteceu a pouco numa turma de quinto ano, que eles comentaram do acidente da base brasileira lá da Antartica e um deles ..áh porque no fantástico passou q a base era assim assim assim e eu fui ver e a base era bem maior, eles viram pra uma fonte e foram pesquisar na *internet* algo a mais, isso é uma coisa que tá sendo bem comum assim, de eles expandirem as coisas que eles veem assim. Mas nunca aconteceu de eles questionarem. Acredito que em um determinado momento isso vai acontecer. De eles trazerem a posição deles, não porque eu vi tal fato e diz assim e ai é o

momento do professor não tu tem que levar em consideração que site é esse? É de autoridade? Ele trata do assunto, ele é um site de curiosidade? Então ensinar essa mediação Também é importante, Também é um papel do professor ensinar não so a achar coisas na *internet* mas saber julgar o q que pode e o que não pode que é bom o que q não é.

**Na sua opinião, os alunos fazem uso da *internet* para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** depende do conhecimento, depende muito porque é uma situação específica. Como eu trabalho com os anos iniciais eles tem muito pouco contato com o conhecimento da *internet* isso não acontece deles desqualificar o conhecimento. Até porque leitura e escrita e afim. Uma coisa que já aconteceu comigo são crianças que digitam bem e escrevem mal com a mão. Já me aconteceu isso. O oposto Também, crianças que digitam extremamente mal e escrevem muito bem. (Carlos conta um caso de um menino que tinha uma gramática boa, e no computador ele errava tudo).

**Em que sentido a *internet* pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**....Nao só a questão da pesquisa mas do amplo...que a *internet* mas também como meio de contato, eu tenho por abito assim, eu não restrinjo nem MSN nem *facebook* pra aluno. Tem uma professora da escola q ela não adiciona aluno em hipótese alguma..ta não vou ta conversando o tempo todo com todo mundo, mas tu tá ali. Já me aconteceu de aluno me pedir ajuda por MSN, principalmente assim quando eles são maiorzinhos e digitam melhor..ai eu não to conseguindo faz tal coisa como é que eu faço como é que eu resolvo tal problema, de eu ter q ajudar, então eu usei uma ferramenta que tava ali a Mao pra ajudar...porque eles usam isso muitas vezes, então já passei vídeo pra ajudar q muitas vezes ...ja passei informação, data de prova, quer dizer na escola agora uma das coisas q a gente fez foi criar uma pagina no *facebook* pra escola, porque não ter um site da escola, porque um site é uma coisa um pouco mais chato de acessar,...no *facebook* não, eles curtem e tem todas as informações ali, facilitam a vida deles ta a disposição, porque a gente não pode melhorar a situação dlees, então a tecnologia, ela é o mundo da tecnologia evolui muito rápido ela é muito ampla o que falta e as pessoas se dedicarem um pouquinho e entender essa área. (giovana) tá e qual o papel do professor no uso dessas ferramentas? (Carlos) eu sempre costumo agir quando me perguntam alguma coisa da *internet*, eu sempre costumo dizer assim, olha tu acha que é certo ou tu acha que é errado? Tal coisa que tu ta vendo. Tu acha q teus pais gostariam de ver isso? Então assim, claro q a gente deve levar em consideração o que eles tão procurando. Eles conversam muito comigo sobre jogos e eu converso muito sobre jogos, eu sempre digo q tem que levar em consideração q o jogo é bom é legal e tudo mas não é bom pra faiza etária deles, então não adianta, tu tem 12 anos de idade não tem idade pra jogar resident evel..nao adianta o jogo é violento e eu acho q tu não deve jogar. A gente tem q interder um pouquinho esse lado deles, não adianta a gente querer banir e dizer não não pode, tem q dar motivos plausíveis porque não pode. Uma coisa q eu faço seguida com sobrinhos é passar referencias. (Carlos conta a indicação q fez de filmes pra o sobrinho)..então aprender a tecnologia pra conhecer coisas melhores Também faz parte..também é uma função do professor ensinar. ...eu acho que o professor assim, pode ser um grande mediador no uso das tecnologias desde q ele conheça a tecnologia, desde que ele queira usar a tecnologia não adianta você querer fazer as coisas de ma vontade, na escola eu vejo muito professor indo na sala de informática porque é obrigação de ele ir não porque ele preparou uma aula pra ser desenvolvida na aula de informática não porque ele sabe que tal lugar vai ter tal vídeo pros alunos conhecer, não ele vai porque é obrigação, tem que ir pra sala de informática, e não é assim que funciona, ai obviamente ele vai chegar lá e a molecada vai querer acessar MSN, Orkut e *facebook*, porque pra eles é o que são acostumados a fazer na *internet* é o ambiente

pelo qual eles se movimentam na *internet* mas vai de cada professor né, a gente não pode desviar...não pode ser definitivo né.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA GRAVADA 4

Data: 28/03/2012

Profa. Raquel

Ens. Fundamental e Ens. Médio

### **1. O professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?**

Bem eu me considero entre mediador e facilitador e também a gente não deixa de ser transmissor né, porque hoje em dia os alunos muitos vem com pouca base e falta de interesse e os interesses deles as vezes não são os mesmos que a gente pretende passar e faz parte né do ensino transmitir esses conhecimentos pra eles. Então eu acho que o professor é um pouquinho de cada coisa, transmite, faz a mediação e tenta facilitar esse processo, pra que se torne até interessante pros alunos né que eles tenham interesse em aprender.

### **2. Você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

A importância do professor? Acho que o professor tem uma importância muito grande...hoje né, no mundo de hoje, onde os valores né muitas vezes são deixados de lado pela família e fica pra escola esse papel de passar desde valores, conhecimentos fica tudo pra escola, então eu vejo o professor assim muito desvalorizado mas ele ainda tem esse papel importante na vida dos alunos, na sociedade, de ser o transmissor, desde valores até conhecimentos pra formação do aluno.

### **3. O professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?**

Eu acho que o professor ele até foi mais valorizado né, mas eu acho que a importância dele ainda é maior hoje do que foi antigamente porque antigamente as famílias tinham mais a preocupação de passar a formação do aluno né era de responsabilidade da família né, e hoje como a família é mais ausente na vida deles porque trabalham fora, convivem pouco né, sobra pra escola e só então apesar do professor não ter a mesma valorização eu acho que o papel dele é mais importante do que o papel do professores de antigamente que ficavam mais com a parte mesmo de transmitir o conhecimento. Porque os alunos já vinham de casa com essa parte de valores né mais clara do que hoje em dia.

### **4. Você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a *internet*? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?**

Acho que não. Porque o aluno, mesmo tendo toda a tecnologia a disposição deles sem a mediação do professor eles não conseguem usar essa tecnologia pra o conhecimento deles, eles conseguem usar pra lazer pra entretenimento mas pra buscar o conhecimento buscar o saber eles não conseguem eles não tem maturidade pra isso. Então eles conseguem usar desde que o professor junto né mediando isso aí, ajudando eles e fiscalizando né, porque as vezes eles são... no laboratório de informática e tu pensa que eles tão pesquisando aí tu chega perto e tão fazendo outra coisa, tão lá em redes sociais e tal. Então o professor né é importante mesmo com essa tecnologias a mediação do professor.

**5. Você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na *internet*?**

Comigo nunca aconteceu de assim ele questionar e sim de eles fazerem muitas perguntas que não são relacionado com o conteúdo que a gente ta trabalhando, assuntos..reportagens e comentários que eles veem ou ouvem né então eles vem pro professor aprofundar aquilo ali, ou explicar melhor muitas vezes não entendem mas sobre assim confrontar com que o professor ta falando acho que não aconteceu.

**6. Na sua opinião, os alunos fazem uso da *internet* para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?**

Também acho que não. Pra desqualificar acho que não, pelo menos comigo não aconteceu. Eu acho que quando eles usam assim pra buscar conhecimento eles buscam porque é de interesse deles mesmo, porque a maioria não faz isso na *internet* de buscar alguma coisa extra na *internet* além do que o professor fala em sala de aula né são raros os que fazem isso, mas acho que quando eles fazem por livre espontânea vontade eles fazem pra o interesse né pra o conhecimento deles mesmo não pra confrontar com o que o professor falou.

**7. Em que sentido a *internet* pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?**

É importante a *internet*, como eu falei né desde que o professor tenha a mediação e cobre do aluno o uso da *internet* pra pesquisa né, então a gente trabalha muito com esse tipo de trabalho e os alunos hoje eles não tem o hábito quando tu pede um trabalho de pesquisa aí sim eles recorrem a *internet* mas pra que? Pra fazer copia, então simplesmente reproduzem aquilo que eles encontram lá. Então ai tá o papel do professor aí eu já falo que não aceito trabalho copia da *internet*, mas mesmo assim eles entregam né então a gente tem que pedir pra refazer muitas vezes tem que pedir o trabalho manual né que é pra eles mesmo copiando da *internet* eles terem o trabalho de pelo menos copiar né pra aprender alguma coisa porque muitas vezes eles nem leem aquilo que eles copiam né. Exatamente do jeito que eles pegam lá, imprimem e entregam pro professor.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA GRAVADA 5

Data: 23/03/2012

Profa. Ângela

Ens. Fundamental e Médio

Primeira pergunta **o professor já foi considerado transmissor de conhecimento, mediador no processo de ensino-aprendizagem e mais recentemente o facilitador desse processo. Como você se considera hoje?** Bom, eu acredito que o professor ele pode assumir características dessas 3 conceitos que tu colocou na pergunta. Ele pode ser um transmissor de conhecimento, ele pode ser o mediador do processo de aprendizagem e pode ser sim um facilitador desse processo. O que no meu ponto de vista delimita a ação do professor é o contexto em que ele trabalha. Tanto que como eu trabalho na rede estadual de ensino, numa escola em que não tem tantas condições ambientais de recursos que favoreçam no processo a construção de uma aprendizagem mais envolvente, mais contextualizada eu acredito que a minha ação muitas vezes ela se restringe por causa do contexto muito mais a uma transmissão de conhecimento do que um facilitador do processo, ta? Até porque eu trabalho com pessoas e dependendo do ambiente q eu vou trabalhar as pessoas elas vão ser receptivas a minha proposta, de uma maneira, ou elas não vão ser receptivas a minha proposta. Eu acho o que



delimitaria, o eu que eu sintetizaria a minha resposta seria: depende sim de todo o contexto que vai envolver o meu trabalho, como é que vou dizer, em termos de concepções o que eu acho é que o professor a ação dele deveria ser muito mais de facilitador desse processo, de tu permitir que o aluno possa literalmente, sem ser repetitiva, construir o conhecimento, refletir sobre questões do dia a dia, não só ficar reproduzindo o que os professores colocam em livros didáticos e exercícios mecânicos de respostas certo e errado, em provas que de certa forma maneiam e bloqueiam o que o aluno possa realmente pensar, ou uma avaliação muito, como é que eu vou dizer, que deposita todo o conhecimento do aluno numa só fonte de avaliação. Ah mas é como eu te disse, muitas vezes esse processo ele é cortado por falta de tempo pra tu poder desenvolver um projeto de repente né, por falta de envolvimento, por uma carga horário deficitária que o professor lida com isso também, com a falta de tempo dos professores pra organizar o projeto, pra se reunir, pra conversar. Então eu acho que eu me considero no trabalho que eu faço teoricamente uma facilitadora, mas na pratica eu venho sendo muito mais transmissora do que uma facilitadora do conhecimento, é o que eu penso.

**Número dois como você entende a importância do professor no mundo contemporâneo?**

Olha, eu já ouvi alunos dizendo que eu já ouvi essa fala de alunos colocando que com o tempo o papel do professor vai ser dispensado, principalmente quando coloca a questão da educação a distancia né, como em função das tecnologias as pessoas tendem a achar que o professor ele não tem mais aquela função explicativa, mediadora, de despertar o aluno pro envolvimento do conhecimento, enfim. Mas EU acredito que nada dispensa a figura do professor, o papel que ele tem na educação, no sentido de tentar muitas vezes resgatar, despertar esse interesse no aluno, eu acho que isso se reflete principalmente na falta de pessoas querendo fazer cursos de licenciatura plena. Eu acho que esse descrédito muitas vezes no trabalho do professor, o aluno tem, principalmente o aluno de educação básica, ele tende a achar que pode achar, que ele pode encontrar a mesma informação, que na verdade é uma informação que não é conhecimento ainda, na *internet*, quer dizer, nos meios online, então ele vai lá, busca, acha que faz uma pesquisa né, que a *internet* apontou pra ele. um assunto que provavelmente o professor falaria a mesma coisa em sala de aula e eu achei muito mais rapidamente na *internet*, daí ele coloca esse conhecimento, ele coloca isso pro professor como um desafio, eu não preciso da tua imagem, não preciso dessa figura representativa porque eu posso buscar a mesma informação no meio online, sendo que na verdade o professor é bem mais, apesar de muitas vezes a gente não conseguir, o professor é bem mais que um transmissor de informações que eles podem encontrar na *internet*. Então eu acredito que a imagem do professor ela é desacreditada, mas eu acredito ainda que ela é de importância fundamental dentro da escola e como incentivador e facilitador do ensino.

**Numero três o professor já foi mais valorizado no passado? Em que sentido?** Já o professor já foi bem mais valorizado isso é uma questão histórica né. Vou falar mais do lugar que eu ocupo que é o professor de educação básica, eu acho que hoje o professor de ensino superior ele é credibilizado porque, porque pra ser professor do ensino superior tu tem que ter uma titulação muito alta, alta não, tu tem que ser um pesquisador, né, e o pesquisador por uma questão de reconhecimento, enfim, ele consegue gavar de posições mais reconhecidas dentro do mundo do conhecimento. Então ainda o professor do ensino superior ele tem sim uma valorização maior, e essa valorização maior ela se reflete obrigatoriamente na questão da remuneração. Então o professor de educação básica ele passa eu acho que por esse momento principalmente por uma crise de identidade muito forte por uma desvalorização muito grande né, mas eu acho principalmente uma crise de identidade muito grande. Porque? Porque Passa por uma desvalorização salarial, pela necessidade de tu envolver em vários ambientes de trabalho em várias escolas ao mesmo tempo né, pra tu conseguir da conta da tua vida pessoal,

e daí o professor acaba não se identificando com nenhum lugar em q ele trabalha [...] e daí o professor não pode despende de um tempo maior pra organizar todo o trabalho dele, pra criar uma identidade com tal escola, pra desenvolver um trabalho real com determinada escola, então isso é uma desvalorização muito grande. Tu é meramente..eu entro na escola eu saio da escola não conheço direito meus alunos os alunos não me conhecem direito e eu acho que isso é uma forma muito grande de desvalorizar o próprio trabalho. A família não coloca mais aquela credibilidade na função social do professor, qualquer pessoa desacata um professor, o aluno não tem mais aquela relação de respeito, de cordialidade, enfim. Então eu acho que no passado essa relação era bem mais construída bem mais organizada, hoje infelizmente não.

Número quatro **você percebe alguma mudança na valorização do professor com a entrada das novas tecnologias de informação, como a *internet*? Ou seja, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas?** Bom, tem professores, e eu sempre falo, volto a dizer, observando de uma situação que eu ocupo então eu não posso generalizar jamais, então tem professores que não se sentem ameaçados pelos recursos que a informática que a tecnologia ela coloca porque tem professores muito, isso não é uma crítica isso eu considero inclusive como um elogio, tem professores bem tradicionais, mas que dispensam o uso dessas ferramentas por acharem que eles dão conta do recado dentro daquela proposta pedagógica que eles se prestam a realizar e eles dão conta do recado mesmo sem a necessidade de uso de algumas ferramentas, há professores que não fazem o uso porque não sabem, desde do trabalho mais simples que é tu poder ligar o vídeo cassete pra ti trazer um documentário tu poder ligar o computador, projetar no áudio visual tu poder trazer os vídeo enfim que a *internet* oferece que tem coisas muito boas não sabem lidar. Logo deletam esse tipo de ferramentas do trabalhos e tem professores que sabem fazer o uso dessas ferramentas e se prevalecem do fato de saberem usar essas ferramentas e eles próprios criam essa imagem de que o professor é desnecessário, porque? Porque eu posso projetar slides com ideias numa sala de aula e ler aquelas ideias ali, e o meu aluno anotar aquilo ali, posso trazer vídeos o aluno observar meus vídeos posso enfim fazer N coisas mas não construir nada em cima daquilo então o professor sabe usar as ferramentas de uma maneira errada e é obvio que há de existir locais em que o uso dessas ferramentas serve pra acrescentar pra somar naquele processo. Infelizmente o que que eu posso dizer, o professor se sente ameaçado por essas ferramentas? Eu vou dizer que pra mim o professor se sente ameaçado quando o aluno desafia o professor, por exemplo, se o aluno faz uso dessas ferramentas em casa ele tem um amplo leque de informações das quais ele pode fazer uso dentro da web, claro, o aluno muitas vezes ele junta, ele aglomera aquele monte de informações mas ele não sabe fazer o link, ele não sabe tá como é que eu vou projetar isso dentro do meu contexto como vou aproveitar isso aqui mas ele acha que ele é detentor daquelas informações e ele enfrenta o professor né, como eu já vi em cursinho pré-vestibular, em escolas particulares muito mais em que o aluno desafia o professor, ah mas isso aqui que tu tá trazendo não é novo isso aqui eu já sei oh a anos atrás tá, então nesse sentindo alguns professores se sentem assim escamoteados se sentem preteridos pelo o que a *internet* pode provocar e realmente se o professor não for aquele uma pessoa que busca né desatualizado o aluno faz gato, literalmente a expressão bem popular, gato e sapato do professor dentro da sala de aula, e isso é verdade, então tem os dois lados da questão.

Questão número cinco **você já vivenciou alguma situação em que o aluno questionou a veracidade do assunto abordado por ter pesquisado na *internet*?** Já, assim ó, vias de regra eu nunca assisti em uma aula minha eu nunca fui indagada ou questionada por ter trazido uma informação errada ou por ter trazido uma informação não verdadeira ou mal colocada, mas eu já ouvi sim situações em que o aluno confronta o professor, duvida do professor dessas informações que se cruzam, ou não é nem por questionar o professor porque o aluno as vezes

não tem essa capacidade no ensino médio de questionar de uma maneira positiva ele questiona ele coloca em cheque pra botar o professor em prova, entendeu? Pra ver como é que o professor vai reagir naquilo ali, mas mais no sentido de discredito mesmo né, nossa porque que eu preciso ficar 50min dentro de uma sala de aula ouvindo o professor falar algo que eu posso ler dentro da minha casa. Tu entendeu? Acho que esse é o principal ponto do uso da *internet*, o professor ele tem que não ser só um reprodutor de informações porque o aluno não suporta mais isso, e é sério, o aluno não aguenta mais as mesmas coisas. Se é um aluno que estuda numa escola que é deficitária que não oferece tantas condições é um aluno que infelizmente não tem acesso aos meios que a web oferece, não tem acesso a uma revista, não tem acesso a um jornal ele se sujeita porque ele desconhece isso, agora se o professor trabalha num contexto diferenciado em que o aluno tem acesso a esses meios e faz um bom uso se o professor não reconstruir a sua postura ele vai ser com certeza humilhado e colocado em prova dentro da sala de aula, isso aí a gente pode observar tranquilamente.

**Seis, na sua opinião, os alunos fazem uso da *internet* para desqualificar o conhecimento do professor? Caso afirmativo, isso é comum? Como o professor age frente a esse comportamento?** Eu acho que é mais ou menos que eu coloquei na questão anterior, o aluno pode sim desqualificar o conhecimento do professor isso vai depender obviamente da postura que o professor assumir, isso é fato, então eu posso dizer que não é algo generalizante porque tem professores que usam dos recursos, de vários recursos pra construir uma boa aula. Isso vai depender do local em que o professor trabalha sim, vai depender da escola que o professor trabalha e isso é determinante na questão do aluno questionar ou não o professor, porque o que a gente mais encontra hoje nas escolas, e eu volto a dizer, eu falo do local em que eu trabalho, eu posso ir trabalhar em outra escola pegar outras turmas em que tudo vai mudar, e muda de colégio pra colégio de turma pra turma é impressionante, a receptividade tudo depende do contexto de cada aluno, então como eu volto a dizer se o aluno ele tá numa situação de inércia se ele tá ali só pra receber ele não vai questionar o professor que vai ter que fazer toda esse trabalho de mudança fazer o aluno saber que tem voz tem direito de pensar ele pode refletir mudar a conduta dele, agora se o aluno tem acesso a informação se o aluno sabe, tem um discernimento do que é certo e o professor não construir uma aula bem envolvendo o aluno vai se achar no direito, e ele tem o direito, tem direito de questionar aquilo que tá sendo colocado que a gente tem mania de achar que o aluno não pode questionar e o aluno deve questionar.

**E a sete, em que sentido a *internet* pode ser utilizada em sala de aula? Qual o papel do professor no uso dessas ferramentas?** Eu vou dizer que a *internet* ela pode e ela deve ser utilizada em sala de aula. Eu acho que nada substitui, no meu ponto de vista, uma boa aula expositiva do professor e de uma aula q envolva o aluno no sentido dele questionar dele poder participar de ele poder ter voz, poder expor as ideias deles, porque alguns alunos gostam efetivamente de participar de se envolver de falar de contar, enfim, tudo obviamente devidamente organizado. Mas se o professor sabe fazer bom uso da *internet* existe uma serie de vídeos existem uma série de programas principalmente quando envolve língua portuguesa que é minha área e literatura tem um vasto material de pesquisa que pode ser usado que pode ser retirado da *internet* q é uma fonte de informações q se bem conduzidas dentro da sala de aula ela podem levar o aluno sim a construir um conhecimento diferente, tem coisas que eu fala eu expor não é a mesma coisa, que o apelo visual, a gente gosta do apelo visual ele gosta de ver imagens ele gosta de ver cenas diferentes isso chama atenção isso prende o aluno, só que o professor não pode para e mostrar aquilo ali e ponto final. E que nem aquelas reuniões q a gente tem no inicio do ano letivo, só que ali tu tem aquelas reuniões no início do ano letivo onde tá todo o grupo de docentes ali e geralmente alguém vai falar, a orientadora vai falar,

que é responsável, a equipe diretiva vai se pronunciar e daí geralmente eles trazem aqueles vídeos, motivadores, vídeos pra que a gente se motive na educação, vídeos voltados pra educação, daí projeta lá o vídeo, a gente assiste o vídeo, ótimo, daí quando tu acha que vai começar a fala sobre aquilo q foi mostrado vem a pergunta; alguém tem alguma coisa a colocar? Quer dizer, não tudo bem, tu pode mostrar o vídeo, tu pode trazer a mensagem, tu pode trazer a imagem, agora tu não pode projetar aquela imagem e que ela morra ali, e daí tu larga na mão dos aluno, como se nos fossemos no caso nos os aluno, alguém tem alguma coisa pra falar? É o professor que tem que fazer isso, nós somos professores, mas se tu larga numa sala com 40 alunos que tão resabiados de falar eles não vão começar falar, falar, tu tem que fazer esse encaminhamento de uma discussão, tu entendeu, então nesse sentido, nossa gente documentários, e coisas, em que os alunos muitas vezes de uma renda inferior nunca vão ter acesso, que não tem mesmo gente, quem sabe podem passar a ver uma outra realidade não só o professor falando, que é bom também, mas só falando, falando, falando então eu sou a favor do uso dessas ferramentas em sala de aula, e eu acho que o principal papel do professor é saber conduzir essas ferramentas o uso dessas ferramentas pra um conhecimento efetivo, não um tempo perdido, alguma coisa nesse sentido.

---

<sup>i</sup> Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa os nomes das pessoas foram omitidos, e substituídos por nomes fictícios.